

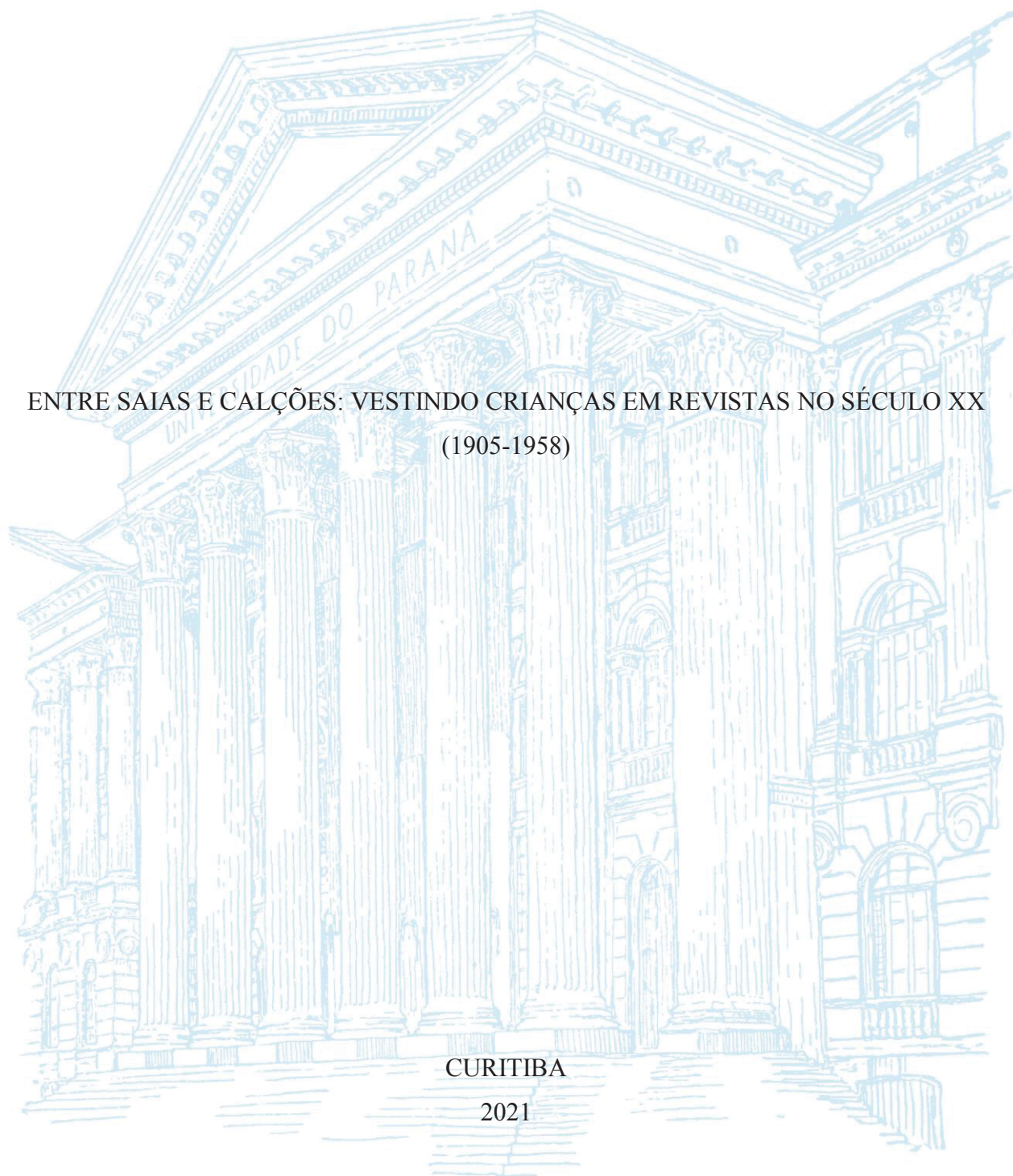
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ISABELA BRASIL MAGNO

ENTRE SAIAS E CALÇÕES: VESTINDO CRIANÇAS EM REVISTAS NO SÉCULO XX
(1905-1958)

CURITIBA

2021



ISABELA BRASIL MAGNO

ENTRE SAIAS E CALÇÕES: VESTINDO CRIANÇAS EM REVISTAS NO SÉCULO XX
(1905-1958)

Dissertação apresentada no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná na Linha de Pesquisa Intersubjetividade e pluralidade: reflexão e sentimento na história, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Priscila Piazzentini Vieira

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Magno, Isabela Brasil

Entre saias e calções : vestindo crianças em revistas no século XX
(1905-1958). / Isabela Brasil Magno. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Priscila Piazzentini Vieira

1. Infância – História – Brasil. 2. Roupas infantis – História – Séc. XX.
3. Vestuário – História. 4. Identidade de gênero. I. Vieira, Priscila Piazzentini,
1981-. II. Título.

CDD – 305.2320981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ISABELA BRASIL MAGNO** intitulada: **Entre saias e calções: vestindo crianças em Revistas no século XX (1905-1958)**, sob orientação da Profa. Dra. PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Agosto de 2021.

Assinatura Eletrônica

26/08/2021 08:34:51.0

PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

26/08/2021 10:16:20.0

MARIA CLAUDIA BONADIO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA)

Assinatura Eletrônica

26/08/2021 14:03:43.0

MARTHA HELENA LOEBLEIN BECKER MORALES

Avaliador Externo (COLÉGIO INTERNACIONAL EVEREST, EVEREST, BRASIL)

Rua General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: cpghis@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 108605

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 108605

AGRADECIMENTOS

Em tempos de pandemia em que as principais preocupações se voltam à própria sobrevivência e a das pessoas queridas todos os outros tipos de tarefa se tornaram mais difíceis de serem executadas, incluindo a escrita de uma dissertação. O coronavírus e suas consequências mostraram como é complicado fazer qualquer coisa sem uma rede de apoio, e definitivamente esse trabalho não teria sido realizado sem a minha rede de apoio particular, e a ela eu ofereço os agradecimentos a seguir.

Primeiramente eu gostaria de agradecer às crianças da minha vida que me inspiraram e deram forças para a escrita desse trabalho voltado à infância. Agradeço à Maria Fernanda e à Ana Júlia, que talvez já estejam um pouco crescidas para entrar nessa categoria, mas que serão sempre minhas irmãzinhas. Também à minha irmã Rafaela, meu irmão Enzo, meus priminhos Matias e Marina.

Também gostaria de agradecer minha família, em especial meus pais Nilton e Carla por tudo o que fizeram por mim desde que eu era uma pequena Isabela e também pelo apoio na minha trajetória acadêmica.

Não posso deixar de agradecer as Tardeliciosas Ana Carolina, Brenda, Mavi, Camila, Milena, Aline, Lareane, Letícia e Naiara pelos 7 anos de amizade, de compartilhamento de dificuldades, de reflexões, de ajuda e de risadas.

Gostaria de agradecer meus colegas de graduação e pós-graduação que das mais diversas maneiras me auxiliaram e contribuíram para a escrita desse trabalho, em especial à Mari Fujikawa e ao Rodrigo.

Também agradeço meus professores, e dedico um grande agradecimento à minha orientadora professora Priscila, não só pela orientação nessa dissertação, mas também por todos esses anos de conversas, conselhos, reflexões, e por todo suporte para além das questões acadêmicas.

Por fim, agradeço ao Michel, ex-colega de graduação, cujo contato mantenho até hoje e que de vez em quando me ajuda com questões acadêmicas. Ele sabe que eu sou a pessoa menos romântica do mundo, então só vou agradecer por tudo, tudo mesmo.

RESUMO

A presente dissertação tem como temática uma História da infância no Brasil, mais especificamente a história dos padrões de gênero na indumentária das crianças do período de 1905 a 1958. O principal objetivo desse trabalho é analisar como as vestimentas destinadas aos pequenos se constituíam e se transformaram ao longo desse período e entender como se relacionavam com as perspectivas sobre gênero e infância contemporâneas a elas. Para tanto, foram analisadas como fontes primárias a revista infantil *O Tico-Tico* e a revista feminina *Anuário das Senhoras*. Ao longo da dissertação busca-se compreender como o conceito moderno de infância se formou no Ocidente, tendo como referência fundamental os estudos de Philippe Ariès. Também se discute o papel da indumentária como objeto das ciências sociais, por meio das pesquisas de Daniel Miller. Da mesma forma, são estabelecidas considerações em torno do conceito de gênero como um fenômeno não natural e construído historicamente a partir dos apontamentos de Judith Butler, Joan Scott e Teresa de Lauretis. Tendo em vista essas reflexões se passa então a analisar as vestimentas infantis veiculadas por esses periódicos, e se conclui que até 1917 o processo de separação entre meninos e meninas através das roupas se fazia de maneira muito mais lenta e com muito mais gradações em relação ao que se estabeleceu nos anos seguintes, nos quais ocorreu uma aceleração da constituição do binarismo de gênero na infância. Em um último momento dessa dissertação se buscará compreender as motivações para essa transformação e de que maneira ela impactou e foi impactada pelas percepções mais contemporâneas sobre a infância. Também se abordará de que forma essa percepção pode ser repensada no presente, instrumentalizando o passado como um exemplo de diferença para o vestir de meninas, meninos e bebês.

Palavras-chave: História da infância; indumentária; gênero.

ABSTRACT

This dissertation has as its subject a History of childhood in Brazil, more specifically the history of gender patterns in children's clothing from 1905 to 1958. The main goal is to analyze how the clothes for the little ones were constituted and transformed throughout this period and understand how they related to the perspectives on gender and childhood contemporary to them. For this purpose, the children's magazine *O Tico-Tico* and the women's magazine *Anuário das Senhoras* were analyzed as primary sources. Throughout the dissertation, it is sought to understand how the modern concept of childhood was formed in the Western World, using as fundamental reference the studies of Philippe Ariès. The role of clothing as an object of social sciences is also discussed, through Daniel Miller's research. Considerations around the concept of gender as an unnatural and historically constructed phenomenon are also established following the conclusions of Judith Butler, Joan Scott and Teresa de Lauretis. Given of these reflections, the children's clothing appearing in these magazines are finally analyzed, to conclude that until 1917 the process of separation between boys and girls through clothing was done in a much slower way and with more gradations compared to the way established in the following years, in which there was an acceleration of the constitution of gender binarism in childhood. At the end of this dissertation, it is sought to understand the motivations for this transformation and how it impacted and was impacted by the most contemporary perceptions about childhood. It is also discussed how this perception can be rethought in the present, using the past as an example of difference in the clothing of girls, boys and babies.

Keywords: history of childhood; garments; gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1. Primeira capa de O Malho..... | 27 |
| Figura 2. Capa da revista <i>O Tico-Tico</i> | 30 |
| Figura 3. Brinquedo de montar..... | 31 |
| Figura 4. Capa comemorativa de natal..... | 32 |
| Figura 5. Chiquinho e sua refeição picante..... | 34 |
| Figura 6. Concurso de perguntas e respostas..... | 36 |
| Figura 7. “As aventuras do Ratinho Curioso”..... | 39 |
| Figura 8. Capa <i>Anuário das Senhoras</i> | 44 |
| Figura 9. Anúncio “Comer bem”..... | 47 |
| Figura 10. Anúncio de <i>O Tico-Tico</i> dentro do <i>Anuário das Senhoras</i> | 50 |
| Figura 11. Anúncio <i>Anuário das Senhoras</i> dentro de <i>O Tico-Tico</i> | 51 |
| Figura 12. “A Saude da Mulher” remédios para “moléstias” femininas..... | 52 |
| Figura 13. Anúncio Pó de Arroz Lady..... | 53 |
| Figura 14. Anúncio “Sã maternidade”..... | 63 |
| Figura 15. Sã Maternidade..... | 64 |
| Figura 16. “Hygiene do cabelo das creanças”..... | 66 |
| Figura 17. Vários anúncios de produtos de higiene para crianças..... | 67 |
| Figura 18. Manuel Valejo Contreiras e Raphael Stamato Sobrinho..... | 69 |
| Figura 19. Poema “Cantiga de mãe”..... | 70 |
| Figura 20. Poema “Presentimento”..... | 70 |
| Figura 21. Poema “mãe!”..... | 72 |
| Figura 22. Anúncio Leite em pó Glaxo..... | 73 |
| Figura 23. Anúncio Achocolatado MILO..... | 74 |
| Figura 24. Bejiamin e seus trajes..... | 77 |
| Figura 25. “Elegância dos Pequenitos”..... | 78 |
| Figura 26. Secção para meninas..... | 81 |
| Figura 27. Modelo de vestido para menina e para boneca..... | 82 |
| Figura 28. Brinquedo de papel “os vestidinho de bebé”..... | 83 |
| Figura 29. Brinquedo de papel. “Margarida, Loló e suas roupinhas”..... | 83 |
| Figura 30. Ampliação da figura 21..... | 84 |
| Figura 31. Fantina e Helios..... | 94 |
| Figura 32. “O innocentinho” Paulo Augusto Magalhães..... | 94 |
| Figura 33. O “galante” Oscar Ribeiro..... | 96 |
| Figura 34. Abel, interessante e amigo de Chiquinho..... | 96 |
| Figura 35. O “galante” Dagmar de dois anos..... | 97 |
| Figura 36. Filho menor do coronel Julio Braga..... | 97 |
| Figura 37. Demosthenes..... | 98 |
| Figura 38. Aristophanes..... | 98 |
| Figura 39. Rodaval..... | 99 |
| Figura 40. Paulo Velloso..... | 99 |
| Figura 41. Anúncio da loja Casas Colombo..... | 100 |
| Figura 42. “Graciosa” Iracema..... | 101 |
| Figura 43. José Moreira..... | 101 |
| Figura 44. O “galante” Antonio Joaquim..... | 102 |
| Figura 45. Carlos Lemos..... | 102 |
| Figura 46. Milton..... | 102 |
| Figura 47. Odilon e Eunice..... | 102 |
| Figura 48. Maria de Lourdes..... | 104 |

| | |
|---|-----|
| Figura 49. Grupo de amiguinhas de O Tico-Tico..... | 104 |
| Figura 50. Mario M dos Santos..... | 105 |
| Figura 51. Lincon e Cleia..... | 105 |
| Figura 52. Traje do Chiquinho frente..... | 106 |
| Figura 53. Traje do Chiquinho verso..... | 106 |
| Figura 54. O pequeno Lord Fautleroy em O Tico-Tico..... | 107 |
| Figura 55. Amiguinhos do Chiquinho Henedina e Mário..... | 108 |
| Figura 56. José Romeu..... | 108 |
| Figura 57. Augusto..... | 109 |
| Figura 58. 3 irmãos com seus calções..... | 109 |
| Figura 59. O jovem Sérgio Buarque de Holanda e seu irmão Jaym..... | 110 |
| Figura 60. Modelos de vestidos para “meninas de bom gosto”..... | 111 |
| Figura 61. Eunice Miranda..... | 111 |
| Figura 62. Vários modelos de vestidos para meninas..... | 111 |
| Figura 63. Várias crianças de papel e seus trajes..... | 112 |
| Figura 64. Julinha Oliveira..... | 113 |
| Figura 65. Amanda..... | 113 |
| Figura 66. Modelos de Baile..... | 114 |
| Figura 67. Joaquim..... | 114 |
| Figura 68. Octvaio..... | 114 |
| Figura 69. Joaquim soldado..... | 115 |
| Figura 70. Aquinaldo..... | 115 |
| Figura 71. Fantasias de Carnaval..... | 116 |
| Figura 72. Grupo escolar do professor Godinho em Mendes..... | 119 |
| Figura 73. Grupo de alunas do Colégio da Companhia Industrail Serra do Mar..... | 119 |
| Figura 74. Calcilda..... | 126 |
| Figura 75. Bebê Graça..... | 126 |
| Figura 76. Grupo de meninas de diferentes idades..... | 127 |
| Figura 77. Boneca de papel para colorir com um bebê e suas roupinhas..... | 127 |
| Figura 78. Vários vestidos para bebês de 1 a 3 anos..... | 128 |
| Figura 79. Modelo de macacão para bebê..... | 129 |
| Figura 80. Irmãos de no máximo 3 anos trajando macacões..... | 129 |
| Figura 81. Modelo de macacão para criança de 3-4 anos..... | 130 |
| Figura 82. Rubens e seu macacão..... | 130 |
| Figura 83. Nelson e seu “garçonnet”..... | 130 |
| Figura 84. Luiza e Sebastião..... | 130 |
| Figura 85. José, Antonio e Humberto..... | 131 |
| Figura 86. Irmãs de laço..... | 131 |
| Figura 87. Macacão para criança pequena..... | 132 |
| Figura 88. Vestidinho para meninas pequenas..... | 132 |
| Figura 89. Vestido para menina mais velha..... | 133 |
| Figura 90. Conjunto com suspensório para mocinha..... | 133 |
| Figura 91. Vicentinho..... | 135 |
| Figura 92. Maria do Carmo..... | 135 |
| Figura 93. Francisco..... | 135 |
| Figura 94. Vários modelos de macacão para crianças pré-escolares..... | 136 |
| Figura 95. Hugo e Antenor..... | 137 |
| Figura 96. Paulo Sérgio..... | 137 |
| Figura 97. Osmar..... | 138 |
| Figura 98. José..... | 138 |

| | |
|--|-----|
| Figura 99. Vestidos para meninas pré-escolares..... | 139 |
| Figura 100. José. Traje de Marinheiro..... | 140 |
| Figura 101 . Glorinha..... | 141 |
| Figura 102. Elza..... | 141 |
| Figura 103. Vários modelos para mocinhas com joelhos de fora..... | 142 |
| Figura 104. Ousadas senhoritas com seus joelhos de fora..... | 143 |
| Figura 105. Chiquinho com traje de marinheiro e bermudas..... | 153 |
| Figura 106. Chiquinho na década de 50 e trajando bermuda e camiseta..... | 153 |
| Figura 107. Anúncio Tiquinho..... | 155 |
| Figura 108. Vestido para menina e “garçonnet” em estilo macacão para menino..... | 155 |
| Figura 109. Vestidos de passeio para bebê pequeno rosa com branco..... | 157 |
| Figura 110. Modelo macacão para bebês..... | 157 |
| Figura 111. Modelos diversos para bebês e crianças..... | 157 |
| Figura 112: Sunga de “Tricot”..... | 157 |
| Figura 113. Guarnição azul e rosa para cama de "creança”..... | 158 |
| Figura 114. Bordados para vestidos de recém-nascidos..... | 158 |
| Figura 115. “Fustão” para bebês..... | 159 |
| Figura 116. Vestidos de passeio..... | 159 |
| Figura 117. Ampliação da figura 23..... | 160 |
| Figura 118: Quatro modelos de vestidos para meninas..... | 161 |
| Figura 119. Vários modelos de vestido para meninas de verão..... | 161 |
| Figura 120. Trajes para dias de sol para moças..... | 162 |
| Figura 121. Blusas Práticas para moças..... | 163 |
| Figura 122. Combinação para mocinha..... | 163 |
| Figura 123. Roupas para mocinhas irem a festas..... | 163 |
| Figura 124. Mocinha de carmim nos lábios e laço na cabeça..... | 164 |
| Figura 125. Cabeça de “broto” de quinze primaveras..... | 165 |
| Figura 126. Anúncio do livro de Costura “O lar, A mulher e a creança..... | 167 |
| Figura 127. Riley inconformada com as seções de brinquedo..... | 172 |
| Figura 128. Noah utilizando uma de suas peças favoritas..... | 173 |
| Figura 129. Frases de criança..... | 174 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|------------------------------------|-----|
| Tabela 1. Vestuário 1905-1917..... | 92 |
| Tabela 2. Vestuário 1917-1925..... | 124 |
| Tabela 3. Vestuário 1925-1934..... | 133 |
| Tabela 4. Vestuário 1934-1958..... | 153 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2. MULHERES E CRIANÇAS EM REVISTAS..... | 20 |
| 2.1 O MALHO..... | 25 |
| 2.1.1 <i>O Tico-Tico</i> . Uma revista para os pequenos brasileiros..... | 29 |
| 2.1.2 <i>Anuário das Senhoras</i> , entretendo mulheres e moças no século XX..... | 41 |
| 3. ENTRE MULHERES E CRIANÇAS: O DESENVOLVIMENTO DA MATERNIDADE E DA INFÂNCIA MODERNA..... | 50 |
| 3.1 AS REVISTAS E A MATERNIDADE..... | 50 |
| 3.2 VESTIR CRIANÇAS: UMA FUNÇÃO MATERNA..... | 76 |
| 4. ENTRE SAIAS E CALÇÕES: VESTINDO CRIANÇAS NO SÉCULO XX..... | 87 |
| 4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE INDUMENTÁRIA, CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES E GÊNERO..... | 87 |
| 4.2 CRIANÇAS E SEUS TRAJES: AS MUDANÇAS NA INFÂNCIA ENTRE 1905-1958..... | 91 |
| 4.2.1 Primeira temporalidade- 1905-1917..... | 92 |
| 4.2.2 segunda temporalidade: 1917-1925..... | 125 |
| 4.2.3 Terceira temporalidade: 1925-1934..... | 133 |
| 4.2.3.1 Entre mudanças e seus motivos..... | 145 |
| 4.2.4 Quarta temporalidade 1934-1958..... | 154 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 171 |
| 6. FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 175 |

1. INTRODUÇÃO

Entre os vários elementos que constituem a cultura material, as roupas e acessórios talvez sejam as que mais se fazem notar no cotidiano dos indivíduos, ao estarem intimamente em contato com esses na maior parte do tempo. A presença tão constante desses objetos demonstra sua importância, a qual não deve escapar dos estudos históricos e que se constitui como o centro do trabalho proposto nesta pesquisa. Mais especificamente, a dissertação aqui apresentada tem como objetivo compreender as transformações nas vestimentas infantis e dos padrões de gênero nelas presentes do período de 1905 a 1958. Para isso, serão analisadas como fontes primárias a revista infantil *O Tico-Tico* (1905-1934) e a publicação feminina *Anuário das Senhoras* (1934-1958). A revista *O Tico-Tico* foi publicada de 1905 até 1961. A partir de 1930, a revista começa a passar por uma série de reformulações e, em 1934, a seção de moda deixa de existir e as fotografias de criança se tornam muito escassas, o que justifica o recorte final da análise revista nesse ano.

A escolha dos dois periódicos se deve à longevidade e à presença da indumentária infantil em suas páginas, componente este que nem sempre integrava a imprensa feminina ou infantil desse recorte temporal. Também se destaca a sua grande representatividade nos gêneros que estão inseridas. Ambos os periódicos são analisados na totalidade das edições disponibilizadas através da plataforma online da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (BN). Foram 1056 edições utilizadas da Revista *O Tico-Tico*, com uma média aproximada de 40 edições por ano, no intervalo de 29 anos que essa pesquisa se debruça. Em relação ao *Anuário das Senhoras* foram analisados 21 anuários, pois algumas das edições não constam no acervo da BN - são elas as dos anos de 1939, 1943, 1947 e 1948.

Compreender as relações estabelecidas entre infância e gênero é de extrema relevância, pois é nos anos iniciais da vida que os indivíduos passam a se compreender a partir de um gênero e que várias restrições lhes são impostas. Essa pesquisa tem, portanto, a intenção de apontar para a grande relevância das crianças e de seu universo- onde se inserem as revistas infantis como *O Tico-Tico*- para a compreensão de questões históricas. Já a análise de revistas femininas – como *Anuário das Senhoras* - revela uma maciça presença da indumentária infantil e das temáticas ligadas à infância e à maternidade. *O Tico-Tico* também contempla em diversas matérias concepções como a de cuidado materno, reforçando uma estreita relação que se estabelecia entre mulheres e crianças no período abrangido. Nesse sentido, essa dissertação busca, para além de analisar a indumentária das crianças propriamente dita, refletir sobre o papel da imprensa, da família e da maternidade enquanto

alicerces para a constituição da infância brasileira e também para as mais diversas elaborações da visualidade infantil e do binarismo de gênero nessa fase da vida.

Para abordar o processo histórico que diz respeito à fase da vida que seria particular das crianças se menciona a obra *História Social da Infância e da Família*, de Philippe Ariès¹. Neste livro, o historiador versa sobre a construção do sentimento da infância, que teria dado seus primeiros indícios ainda de forma muito leve no século XVI, ganhando contornos mais nítidos no século XVII e se consolidando em várias partes e estratos sociais do Ocidente no século XIX.

Por meio de fontes escritas e imagéticas, este autor percebe uma maior valorização da vida e da saúde das crianças. A mudança da concepção de infância não teria sido operada somente no ambiente familiar. Para Ariès, o Estado e a Igreja também teriam tido um papel fundamental. O primeiro principalmente por meio da instauração de medidas de saúde pública, cujo principal público alvo eram os pequenos, e também a educação formal por meio de instituições como as escolas (internatos e, sobretudo, externatos). Já a Igreja teria impactado profundamente no processo de individualização das crianças com o culto à imagem do menino Jesus, que se tornou cada vez mais popular a partir do século XVII. Jacques Gélis², assim como Ariès, também destaca em seus estudos a grande relevância que a mudança das concepções religiosas sobre as crianças teve para a criação de uma concepção de infância e também ressalta o papel fundamental que esse conceito desempenhou na transformação de uma sociedade mais coletivista da era medieval para uma noção social mais individualista que começou a ser forjada na era moderna.

Colin Heywood³ também figura entre as pesquisas mais discutidas nessa dissertação, por sua obra se configurar não só dentro do campo da história da infância, mas também de uma historiografia da infância. Este autor procura discutir como variados autores no campo das ciências humanas, em especial da História, abordaram as crianças e a história que lhes seria específica. Através da análise e da crítica dessas obras, muitas vezes conjugando com a análise de fontes primárias, o estudioso oferece ele próprio uma versão sobre a História da Infância no Ocidente. Destaca-se do trabalho de Heywood as diferentes concepções sobre a infância que conviveram (e muitas vezes conflitaram) dentro dos mesmos períodos históricos,

¹ ARIÈS, Philippe. *História social da infância e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

² GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: ARIÈS, P; CHARTIER. *História da vida privada 3 – da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

³ HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

especialmente dentro da Europa. Heywood demonstra como diversas percepções sobre as crianças e o infantil surgiram e ressurgiram (simultaneamente com outras) em diferentes localidades e classes sociais. O autor coloca que há indícios de percepções “arcaicas” em relação à infância dentro dos grupos mais ricos mesmo no século XX. Entre elas estaria o castigo físico, ainda muito duradouro mesmo nas classes mais abastadas na Europa, e a ideia de linhagem (originalmente aristocrática) se sobrepondo à concepção de amor parental, mesmo dentro da burguesia. Por outro lado, também afirma que dentro da Idade Média conviveram sensibilidades que iam desde uma indiferença à morte dos pequenos até um grande pesar pela perda de crianças e bebês. Ainda que o autor apele para um conceito de História cíclica para analisar esses fenômenos, algo não postulado nessa dissertação, suas reflexões sobre essa heterogeneidade da concepção da infância ocidental se mostram muito interessantes para as reflexões aqui propostas.

Este estudo voltado à indumentária, por sua vez, também possui importância devido ao papel fundamental que esta desempenha no processo de construção da subjetividade. Todos os autores contemplados na bibliografia desta dissertação que tratam sobre a indumentária afirmam sua relevância nos processos de construção de percepções do mundo. As vestimentas seriam centrais na constituição das individualidades e na assimilação das diferenças, e atuariam sempre evocando sentimentos e sensações. Daniel Miller⁴ procura em seus estudos compreender como roupas e acessórios são concebidos por diferentes sociedades. Para o autor, de diferentes maneiras e por meio dos mais diversos discursos esses objetos são instrumentalizados nas elaborações identitárias se tornando um elemento central desse processo.

Gilda de Mello e Souza⁵, antes de Miller, mas na mesma direção, defende um profundo papel da indumentária nas relações sociais e na própria constituição das individualidades. A socióloga analisa por meio de fontes literárias e imagéticas as vestimentas e acessórios da sociedade brasileira oitocentista. Ela afirma como o vestir-se mobilizava diversas normas e etiquetas dessa sociedade e também fazia fluir uma série de sensibilidades (que eram partes constituintes das relações entre homens e mulheres no século XIX e das percepções que criavam sobre si mesmos). Mello e Souza, inclusive, levanta reflexões sobre como as roupas e outros elementos da indumentária teciam as concepções sobre a

⁴ MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas*: estudos antropológicos sobre a cultura material. Por que a indumentária não é algo superficial. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

⁵ MELLO E SOUZA, Gilda de. *O Espírito das Roupas*: A Moda no Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

feminilidade nesse período. Ela ressalta como as próprias mulheres utilizavam dos artifícios do trajar para exercer seus impulsos criativos e para preencher espaços de sociabilidade com seus próprios ritos de conduta.

Para discutir mais detalhadamente as complexas relações entre gênero e construção das subjetividades, a exemplo dessa colocada por Mello e Souza, os trabalhos de Judith Butler⁶ e Joan Scott⁷ se sobressaem. Butler argumenta em torno de um entendimento sobre o gênero que atribui sua existência a ações executadas dentro do campo social pelos indivíduos, sejam elas ações “incitadas” por terceiros, por meio de instituições coercitivas e produtoras de subjetividades, ou (re)elaboradas pelos próprios sujeitos. Ao negar uma suposta correspondência natural do gênero em relação ao sexo biológico Butler enfatiza os aspectos materiais que produzem os gêneros, no que se pode incluir a indumentária. Essa rejeição de uma concepção sobre gênero transcendental é ainda mais debatida por Scott (1995), que defende a quebra da atemporalidade da ideia de sexo-gênero sustentada por boa parte da historiografia. Para a autora, os estudos históricos devem se concentrar justamente em demonstrar que os fundamentos das concepções de gênero são circunstanciais e por isso mesmo estas são múltiplas e mutáveis. Também se inclui como uma referência importante para a compreensão sobre gênero adotada por esse trabalho, os apontamentos de Teresa de Lauretis⁸, que assim como as duas pensadoras anteriores rejeita a ideia de um gênero pré-existente às relações sociais e escrutina as instituições e mecanismos que construiriam os gêneros na sociedade ocidental, aquilo que a autora chamou de “tecnologias de gênero”.

A principal intenção desse trabalho é, portanto, com o auxílio desses textos e das reflexões por eles levantados justamente apontar para as especificidades das noções de gênero e infância no recorte proposto. Este estudo procurará compreender como, na primeira metade do século XX, nas fontes e no recorte proposto, tais forças reguladoras concebiam o gênero na infância no Brasil a partir da indumentária, elemento essencial na performance e produção da aparência de gênero. Além disso, ao apontar uma transformação dessa estilização dentro do período (1905-1958) e em relação à nossa própria atualidade, a pesquisa contribui ainda mais no sentido de desnaturalizar e mostrar a fluidez dos atributos de gênero.

É necessário ressaltar que a discussão das reflexões levantadas a partir da leitura da

⁶ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

⁷ SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995 [1986], pp. 71-99.

⁸ LAURETIS, Theresa A tecnologia do gênero. In Heloísa Buarque de Hollanda. (Org.), *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura* (pp. 206-242). Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

bibliografia não tem por intuito após isso encaixar as fontes dentro de pressupostos trazidos pelos textos. As discussões e teorias formuladas pelas autoras e autores contribuem principalmente no sentido de desnaturalizar concepções acerca de temas como infância, família, maternidade, indumentária e gênero. Essa desnaturalização e demais considerações levantadas a partir da leitura dessa bibliografia permeiam a interpretação das imagens e dos textos, mesmo quando não mencionadas diretamente, mas não fornecem uma conclusão a priori.

Este trabalho toma como referência o conceito de genealogia tal como o define Michel Foucault. Este autor diferencia a genealogia da busca pelas origens. Esta seria uma operação que busca desvelar por trás do desenvolvimento histórico a essência verdadeira de determinado fenômeno. Já a genealogia descobre que “atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente’: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas”⁹. Nesse sentido, a genealogia, ao invés de procurar revelar a essência que o processo histórico disfarçou, observa justamente que determinado fenômeno é fundamentalmente construção e transformação, ou seja, repleto de descontinuidades. Assim como Judith Butler e Joan Scott, esse estudo também se vale dessa noção de genealogia que foi apropriada pelos estudos de gênero. Ao explorar a construção de padrões de gênero por meio da indumentária infantil essa dissertação não pretende desvelar a verdadeira expressão de gênero, mas procura enfatizar as constantes mutações, propondo-se a analisar quais os mecanismos e as disputas que propiciam e impactam nessas transformações.

Essa concepção justifica o recorte temporal relativamente amplo, uma vez que não se pretende somente esmiuçar como os padrões de gênero se manifestavam em determinado momento, mas também, conjuntamente, verificar as transformações através das descontinuidades, e assim poder analisar as forças que conformaram essa dinâmica. Nesse sentido, se parte de um estranhamento dos padrões estabelecidos atualmente, dando ênfase nas mudanças que se operaram nesses mais de 50 anos de publicações analisadas e nos mais de 100 anos que separam o presente momento da primeira revista lançada. Michel Foucault utiliza uma metáfora da História como um teatro:

E a genealogia deve ser a sua história: história das morais, dos ideais, dos conceitos metafísicos, história do conceito de liberdade ou da vida ascética, como emergências

⁹ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p.18

de interpretações diferentes. Trata-se de fazê-las aparecer como acontecimentos no teatro dos procedimentos¹⁰.

Paul Veyne segue uma perspectiva muito semelhante ao afirmar que “os historiadores narram fatos reais que têm o homem como ator; a história é um romance real”¹¹. Desdobrando essas breves alegorias de Foucault e Veyne, o estudo histórico aqui proposto se propõe a analisar os figurinos desse teatro, elemento essencial para a composição das personagens e para a trama que desenvolvem.

Sobre as análises das imagens, destacam-se nessa dissertação pressupostos de Roland Barthes¹², que defende uma divisão das análises de moda em três seguimentos. Um primeiro seria o vestuário real (a roupa propriamente dita), sobre o qual essa dissertação não se aterá. Um segundo seguimento seria o vestuário-imagem a roupa ilustrada nos impressos, seja por meio de desenhos ou fotografias. Neste, se concentra a maior parte do escrutínio desse trabalho com as seções de moda tanto de *Anuário das Senhoras* quanto de *O Tico-Tico*. Em relação à revista infantil, os poucos brinquedos de papel utilizados na análise assim como os retratos dos leitores, também serão estudos tendo em vista este segundo seguimento. O trabalho também dialoga, ainda que em menor grau se comparado com o anterior, com o terceiro eixo, do vestuário-escrito, que diz respeito à descrição de roupas por parte dos periódicos. Barthes defende que a pesquisa voltada para esses dois últimos seguimentos deve se atentar não somente às imagens das roupas enquanto tais (como com as roupas reais), mas também para os significados atribuídos a elas pelos impressos que seriam inerentes a suas constituições. Tendo em vista que as fotografias dos pequenos vão muito além de apresentar modelos de roupas, e especialmente para o caso dos retratos de *O Tico-Tico*, os conceitos elaborados por Ana Maria Mauad, sobre a fotografia como fonte do trabalho histórico, se mostram muito pertinentes. Entre seus principais postulados estão as reflexões sobre as possíveis intencionalidades envolvidas nas fotografias, o ambiente cultural que as permeava no momento em que foram realizadas, e as mais diversas leituras que essas imagens podem suscitar.¹³

O capítulo seguinte desta dissertação “Mulheres e crianças em revistas” é dedicado a analisar as revistas em que se baseiam esse estudo. Para compreender a complexidade desses

¹⁰ Ibid., p.21.

¹¹ VEYNE, Paul Marie. Como se escreve a história. *Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora UNB, 1998, p.12.

¹² BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. Lisboa: Edições 70, sd. pp. 15-18

¹³ MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história: Interfaces. 1996, *Revista Tempo*, vol.1 n. 2, p. 73-98 Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acessado em 10/maio./2021.

títulos se realiza um breve estudo sobre a editora *O Malho*, proprietária de *O Tico-Tico* e *Anuário das Senhoras*, os títulos e sua história. Para tanto, ressalta-se o estudo Tania de Luca¹⁴, que realiza uma discussão sobre o uso dos periódicos no campo historiográfico e sublinha o dever dos trabalhos históricos de atentarem para as condições de produção e de circulação dos periódicos. Já a pesquisa de Ducília Buitoni¹⁵ auxilia a situar *Anuário das Senhoras* dentro da história da imprensa voltada às mulheres no Brasil. De maneira semelhante, a pesquisa de Roberta Gonçalves¹⁶ contribui para compreender melhor o cenário da imprensa infantil no Brasil e o papel de destaque que *O Tico-Tico* possui dentro dela. Nesse momento são abordadas as seções, as capas e as mais diversas matérias das duas publicações.

Em seguida, o capítulo “Entre mulheres e Crianças: O desenvolvimento da maternidade e da infância moderna” é voltado à abordagem da íntima relação que os processos de criação dos conceitos modernos de infância e maternidade estabeleceram e os principais componentes dessa construção. Para tanto, a pesquisa se volta para os textos e imagens que abordam essa relação parental dentro das duas revistas, com destaque para os anúncios. Nessa reflexão, serão fundamentais as observações de Elizabeth Badinter¹⁷, cuja ampla pesquisa sobre o surgimento da maternidade moderna no século XVIII indica como essa noção é muito mais recente do que se acredita no senso comum, não sendo algo intrínseco à natureza feminina. O processo sua de construção esteve intimamente atrelado ao desenvolvimento de novas percepções sobre as crianças e suas vidas. Nesse sentido, levantam-se reflexões sobre os primeiros indícios de uma nova sensibilidade e percepção sobre as crianças a partir do século XVII e os desdobramentos desse processo até o momento em que se consolida no século XIX. Para além das obras já abordadas anteriormente, a pesquisa de Michelle Perrot¹⁸ sobre a vida privada também se mostra de grande relevância para compreender o universo que estavam inseridas as crianças no final do século XIX e

¹⁴ LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

¹⁵ BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

¹⁶ GONÇALVES, Roberta. *As aventuras d'O Tico-Tico: formação no brasil republicano (1905-1962)*. 2019. 360 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

¹⁷ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

¹⁸ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, M. *História da vida privada 4 – da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras 1991.

início do século XX. Da mesma maneira, as pesquisas de Ana Godinho Lima¹⁹ e Jurandir Freire Costa²⁰ são referências muito importantes para compreender o impacto da medicina higienista na formação da família moderna e na relação entre as mulheres e seus filhos, especialmente no Brasil.

A tese de Fernanda Roveri²¹ também se destaca como um estudo muito significativo para compreender as relações sociais estabelecidas com as crianças no passado, em especial as que diziam respeito às vestimentas dos pequenos. Assim como os estudos de Jo B. Paolletti²², que se indaga de maneira muito semelhante a essa dissertação sobre as transformações das indumentárias dos pequenos no século XX.

O último capítulo dessa dissertação “Entre saias e calções: vestindo crianças em revistas no século XX (1905-1958)” será voltado a analisar as vestimentas do período de 1905 a 1958. Nesse momento, as roupas infantis são analisadas e se procura refletir sobre os diversos processos de transformação a que são submetidas. Seu estudo será articulado com reflexões sobre a infância no Brasil do século XX e as transformações que esse conceito sofreu ao longo do período estudado, em especial no que diz respeito a um reforço do binarismo masculino-feminino nas roupas de criança. Se procurará então encontrar as possíveis motivações dessa transformação e seus impactos na vida dos pequenos.

¹⁹ LIMA, Ana Laura Godinho. Maternidade higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. *História: Questões & Debates*, 2007, 47.2, pp. 95-122.

²⁰ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*, São Paulo, Graal, 1979.

²¹ ROVERI, Fernanda Theodoro. *Criança, o botão da inocência: as roupas e a educação do corpo infantil nos anos dourados*. Tese (Doutorado em educação), Unicamp, Campinas. 2014.

²² PAOLETTI, Jo Barraclough. *Pink and blue: Telling the boys from the girls in America*. Indiana University Press, 2012.

2. MULHERES E CRIANÇAS EM REVISTAS

Segundo Judith Butler²³ categorias de identidade, como o gênero, “são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos.” Entre estas instituições, na Modernidade, podemos inserir a imprensa, e aqui mais especificamente a imprensa feminina. Para Tania de Luca²⁴ a história da imprensa como fonte para o trabalho historiográfico foi marcada por uma desconfiança por parte dos estudiosos que viam nos impressos uma fonte muito “parcial” por ser composta de múltiplos interesses, emoções e alianças pessoais e políticas. Uma visão mais positiva sobre a imprensa como fonte e objeto da História só teria ocorrido na década de 70 do século XX. Nessa época, com uma nova visão sobre História e seus objetos, a suposta imparcialidade de certas fontes foi colocada em dúvida e a complexidade dos impressos foi encarada como um elemento positivo para compreender os sujeitos e seus contextos históricos. Todavia, a visão que se tinha sobre a imprensa dentro da história era ainda predominantemente de uma imprensa masculina, dos jornais diários e revistas sobre política e dos impressos das militâncias. Foi com o avançar do século XX que se passou a estudar também as “outras” impressas, notadamente a imprensa feminina e infantil, o que ocorreu, sobretudo, pelo desenvolvimento dos campos dos Estudos de Gênero e de História da Infância.

Para Tania de Luca, os jornais e revistas devem ser analisados como obras coletivas que reúnem diversos conjuntos de indivíduos que por intermédio desses veículos perpassam seus valores e ideais²⁵. De acordo com Sandra Lima, estudar a imprensa é de extrema relevância pois “A imprensa registra, comenta, forma opiniões, distrai; através de suas palavras e imagens reencontramos valores e comportamentos perdidos”²⁶. Tendo isso em vista, ambas as autoras ressaltam que uma análise do conteúdo dos impressos não pode ser dissociada do lugar que o título e seu segmento ocupam na imprensa e na sua história. Dessa forma, compreender os aspectos da imprensa feminina e infantil e das publicações aqui

²³ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990], p.9.

²⁴ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

²⁵ Ibid.

²⁶ LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa feminina, revista feminina. A imprensa feminina no Brasil. *Projeto História*, São Paulo, v. 1, n. 35, p. 221-240, dez, 2007, p.2.

analisadas passam necessariamente por entender a posição desta dentro do mundo dos periódicos e o seu histórico.

A história dessas duas imprensas é marcada por uma série de encontros e trajetórias paralelas. A primeira a surgir foi a imprensa feminina. De acordo com Ducília Buitoni, os periódicos femininos podem ser definidos como aqueles que se “proclamam como destinados a clientela feminina e que foram concebidos objetivando um público feminino”²⁷. Assim, a imprensa feminina seria “aquela dirigida e pensada para mulheres”²⁸. No levantamento apontado por esta autora, o primeiro periódico feminino teria sido o britânico *Lady’s Mercury*, criado em 1704. Essa publicação seria uma espécie de consultório sentimental para as leitoras, temática essa que se tornou praticamente obrigatória nas revistas do gênero. Apesar de ter dado seus primeiros passos na Inglaterra, foi na França que a imprensa feminina teria uma grande expansão. O parisiense *Journal de Dames* (1759-1778) também teria surgido como um conselheiro, todavia focado não somente em relacionamentos amorosos, mas também na educação de crianças e nos cuidados com a família, sendo um grande crítico dos internatos e defensor dos externatos.

Teria sido por volta de 1830 que surgiu em terras francesas a primeira publicação feminina voltada à moda: o *Jornal Liris*, que trazia moldes para a confecção de roupas. Por volta dessa época teria sido criado nos Estados Unidos o primeiro jornal feminino de relevância, o *Ladies Magazine*, idealizado por Sarah Hale, em 1828²⁹. Essa publicação, inclusive, teria dado início ao formato de revista ou “magazine”. Os pontos principais da publicação, de acordo com Hale, seriam: entretenimento, esclarecimento e serviço. Em poucas décadas a moda passaria a compor esses eixos. Com o tempo, os conteúdos e as formas da imprensa feminina foram se padronizando ao redor do mundo ocidental e, ainda de acordo com Buitoni, seguiriam três princípios básicos: “aperfeiçoar o gosto, apresentar temas de interesse público e defender certas causas, às vezes triviais às vezes idealistas”³⁰. Praticamente concomitante ao surgimento da imprensa feminina teriam também nascido as publicações feministas, que se distinguiriam das suas semelhantes principalmente por dar maior ou total ênfase ao aspecto de defender causas de cunho progressista.

No Brasil, o provável primeiro periódico feminino brasileiro teria sido o carioca *O Espelho diamantino*, em 1827, que já em seu subtítulo se dizia “dedicado às senhoras

²⁷ BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990, p.16.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid., p. 33

brasileiras”³¹. Essa publicação trazia algumas matérias de interesse para a mãe de família e para senhoras requintadas que desejavam se inteirar das normas de etiqueta da corte do Império, mas se dedicava sobretudo ao entretenimento, com a extensa seção literária, e à moda, trazendo modelos de roupas estrangeiros. Em 1839, teria surgido na mesma cidade *O Correio de Modas*, que como o nome já sugere, dedicava-se principalmente a trazer para moças e mulheres modelos de roupas e acessórios alinhados com as últimas modas de Paris. Dez anos depois surgiria também no Rio de Janeiro uma publicação semelhante intitulada *A marmota, jornal literário de modas e de variedades*. Em meados desse século começaram a surgir também alguns periódicos críticos à condição feminina escritos por mulheres, como o *Jornal das Senhoras*, de 1852, e *O Belo Sexo*, de 1862. Contudo, seriam críticas ainda muito tímidas, feitas no anonimato, e de pouca repercussão se comparadas aos principais conteúdos veiculados pelas revistas feitas para mulheres. Todavia, a principal publicação do gênero no Brasil, a que teria o maior alcance nacional, só iria surgir em 1879: *A Estação, Jornal Ilustrado Para a Família*.

Assim como a imprensa feminina, as publicações voltadas para as crianças tiveram seu primeiro impulso dentro da literatura, e se a imprensa e a literatura “femininas” nasceram com a temática do amor, as publicações voltadas aos pequenos nasceram visando à educação formal destes.

Orbis sensualium pictus quadrilinguis, traduzido hoje como *O mundo visível em pinturas*, é reconhecido pela maior parte da bibliografia como o primeiro livro infantil ilustrado. Este livro, publicado em 1666, era um manual escolar em xilogravuras acompanhada de descrições e explicações. Leonardo Arroyo aponta que a primeira obra de literatura infantil foi produzida por François Fénelon em 1689³². Fénelon foi um teólogo católico liberal que possuía ideias de educação nada ortodoxas para seu contexto. No final do século XVII lança seu livro *Traité de l'éducation des filles* ou *Tratado sobre a Educação das Meninas*, em tradução livre. Essa obra resumia suas crenças não tradicionais sobre a educação de crianças, e foi onde pela primeira vez um autor reuniu um conjunto de histórias não sacras, que contemplava desde mitologias da Antiguidade até histórias da tradição popular europeia mais contemporânea, tendo em vista especificamente a instrução de crianças. Fenelón era então o preceptor do filho mais velho do Duque de Beauvillers, primeiro na linha sucessória

³¹ Ibid.

³² ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

da coroa de Borgonha. O tratado foi um pedido da duquesa para educação de suas filhas, irmãs do jovem príncipe.

Um outro momento relevante na história da literatura que ficou popular entre crianças foi a publicação em 1697 da coletânea *Histórias ou contos do tempo passado com moralidades* por Charles Perrault. Essa obra reunia histórias que ficaram famosas como “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela adormecida” e “Cinderela”. É questionável o quanto de “infantil” que essa obra era considerada no momento em que foi publicada, tendo em vista que em nenhum momento se declara voltada aos pequenos, e que o conceito de “literatura infantil” ainda era muito incipiente. Com o passar do tempo, no entanto, os contos de fada cada vez mais foram atrelados às crianças e seu universo cultural, principalmente devido ao entendimento de que teriam um caráter educativo, já que quase sempre explanava uma “lição de moral” no final das histórias.

Um marco para a consolidação desse tipo de história como propriamente literatura infantil foi a publicação dos contos dos irmãos Grimm, já no século XIX, mais especificamente em 1821, com o livro que abertamente se intitulava *Contos para a criança e para a família*. A obra dos irmãos Grimm se trata de uma reunião de histórias e canções populares do folclore de diversas partes da Europa, inclusive algumas publicadas anteriormente por Perrault, embora as apresentassem como histórias genuinamente germânicas³³.

No Brasil, os primeiros impressos desse gênero se tratavam de obras importadas de Portugal, como as próprias traduções em português das histórias dos irmãos Grimm e de outras fábulas clássicas. A primeira tradução genuinamente brasileira de uma obra da literatura infantil foram as publicações da *Biblioteca Infantil* da livraria carioca Quaresma, especializada nas edições de grandes obras do que veio a ser chamado depois de “best-sellers” da sua época.³⁴ Na *Biblioteca infantil*, publicada pela primeira vez em 1897, constavam essas mesmas histórias que anteriormente eram importadas das terras lusas, só que com o diferencial de serem adaptadas ao português falado em território brasileiro. Foi um sucesso de vendas, e os títulos de algumas das obras da *Biblioteca* como “Histórias da Carochinha” e “Histórias do arco da velha” entraram para o vocabulário e para a cultura popular brasileira. A *Biblioteca Infantil* continuou sendo editada por várias décadas até a falência da editora em 1951 e marcou várias gerações. Uma produção inteiramente nacional do gênero só veio a se

³³ ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968

³⁴ Ibid.

concretizar no início do século XX, período no qual também os impressos voltados aos pequenos se transpuseram dos livros para os periódicos. Esse deslocamento da especialização da literatura infantil para os periódicos se fez de forma muito mais lenta para o público infantil, se comparado com o histórico das publicações femininas, e fora praticamente concomitante ao redor do globo.

Um primeiro estágio das publicações de periódicos de caráter infantil se deu em meados do século XIX e um dos títulos mais famosos desse momento era o do periódico francês *Le Journal des Enfants* publicado em 1838. Já o final do século XIX foi o momento das expansões das publicações de circulação interna das escolas e colégios, tendo em vista a divulgação dessa literatura infanto-juvenil e de outros conteúdos educacionais para o público de estudantes³⁵. No Brasil, esse tipo de publicação era mais comum nos grandes centros educacionais do país como o Colégio Dom Pedro II e a Escola Normal de São Paulo. Ao mesmo tempo, se multiplicavam as colunas e espaços dedicados especificamente às crianças dentro dos jornais “adultos”. No início, esses espaços se resumiam muito às histórias em quadrinhos, que ainda que não fossem exclusivamente voltadas às crianças, adotavam estruturas narrativas muito semelhantes aos contos infantis. No Brasil, os primeiros quadrinhos declaradamente infantis foram *As Aventuras de Zé Caipora*, publicados na *Revista Ilustrada* produzidas por Angelo Agostini, grande nome da imprensa ilustrada nacional³⁶. Com o passar do tempo um espaço dedicado exclusivamente às crianças passou a ganhar adeptos nas revistas e jornais, que publicavam além de HQs, também outros tipos de conteúdo como contos infantis e jogos.

A primeira publicação cujo principal público eram as crianças teria sido o *Jornal da Infância*, publicado em 1898. O *Jornal* foi uma iniciativa do editor Lins de Almeida e contou com a colaboração de Machado de Assis. Foram feitas apenas 20 edições da publicação, que não contava com histórias em quadrinhos, apenas textos e ilustrações em estilo xilogravura. Segundo Santos e Vergueiro a linguagem empregada pelo jornal era bastante complexa para o público infantil, o que talvez tenha refletido na sua baixa popularidade.³⁷

³⁵ GONÇALVES, Roberta. *As aventuras d'O Tico-Tico: formação no Brasil republicano (1905-1962)*. 2019. 360 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

³⁶ VARÃO, Rafiza; BEMFICA, Veronica. Quando jornalismo e infância se encontram: notas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para crianças. *VII Encontro Nacional de História da Mídia: Quando jornalismo e infância se encontram*, Fortaleza, p. 3-15, ago. 2009.

³⁷ SANTOS, Roberto Elísio dos. VERGUEIRO, Waldomiro. A Gazetinha e os suplementos de histórias em quadrinhos no Brasil. *Imaginário!*, n. 11, Paraíba, dez. 2016, pp. 103-125.

A primeira publicação infantil de grande alcance seria lançada em 1905, a revista *O Tico-Tico*. Criação da editora *O Malho*, essa revista é até hoje apontada por grande parte do público leigo que se interessa sobre a história da imprensa nacional e mesmo por uma ala considerável da bibliografia especializada como o pioneiro na imprensa infantil. Essa confusão é em grande medida explicada pela baixa visibilidade do *Jornal da Infância* na própria época em que foi publicado e de um consequente esquecimento que lhe foi delegado. Ainda que não seja propriamente a primeira, *O Tico-Tico* foi um marco inicial no sucesso dos impressos para crianças, e é uma das fontes para a pesquisa conjuntamente com sua “parceira” de editora, que viria a ser lançada algumas décadas mais tarde, a *Anuário das Senhoras*.

Para compreender melhor os espaços que ambas ocupavam no mercado editorial e na sociedade de leitores do Brasil, nos próximos parágrafos se abordará a história da editora *O Malho*, responsável pelas suas criações e pelas suas trajetórias.

2.1 O MALHO.

O Malho sociedade anônima foi uma das editoras mais importantes da história da imprensa nacional e teve como dois de seus maiores sucessos editoriais a revista infantil *O Tico-Tico* e a publicação para mulheres *Anuário das Senhoras*. A criação da empresa coincide com a instauração da República e um momento de efervescência cultural no Brasil, marcado por um movimento de intensa modernização em todos os aspectos da sociedade.

A criação e o desenvolvimento da imprensa feminina e infantil brasileira trilharam um caminho conjunto com a história do Rio de Janeiro como a metrópole do Brasil. A “Cidade Maravilhosa” foi o principal local de grandes mudanças nos meios de comunicação, como o advento do telefone de telegrafia, além de vários novos meios de transporte, como os bondes e posteriormente os automóveis movidos a petróleo. As transformações, em especial as arquitetônicas, tiveram forte influência francesa e marcaram o cenário urbano, com o alargamento de ruas e a construção de prédios públicos e privados em estilo *Art-Nouveau*. Um grande marco dessa intensa reforma urbana foi a abertura da Avenida Central, elevada ao posto de logradouro mais importante da cidade³⁸, avenida essa que comportava a sede da editora *O Malho*.

³⁸ SEVCENKO, Nicolau. (Org.) *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Buscou-se nesse período apagar da cidade seus traços coloniais e com eles tudo o que remetesse a um passado. No campo cultural esta perspectiva também se reproduzia, e várias novidades surgiram com a promessa da renovação da intelectualidade da nação e progresso social. Dentro disso, pode-se citar a indústria fonográfica, o rádio e o cinema. O mercado editorial, em destaque, foi alçado com uma das peças fundamentais nesse processo de modernização da cidade. Novas tipografias e maquinários eram tidos como símbolos da evolução da nação e a disseminação da palavra letrada era concebida como um passo fundamental em direção à ilustração da população, que deveria abandonar as crendices e a ignorância do passado.

Foi nesse espírito de modernidade e entusiasmo com a nova república e suas novidades que Luiz Bartolomeu de Souza e Silva e Antônio Azeredo fundaram em 1902 a publicação *O Malho* e com ela deram início ao grupo editorial *O Malho S.A.* O advento do regime republicano no Brasil propiciou um nível de liberdade de imprensa até então desconhecido pelos veículos da época imperial, o que possibilitou uma série de experimentações nas formas e no conteúdo das publicações impressas³⁹. A revista *O Malho* era um grande exemplo dessa inovação editorial, em primeiro lugar, justamente pela vanguarda de sua formatação, por ser uma das primeiras publicações nacionais reconhecida pelo público como uma revista, afastando aquela confusão entre os tipos de periódicos que existia nos primeiros anos de imprensa brasileira, abordados por de Luca⁴⁰. *O Malho* se diferenciava dos demais “jornaes” pelo grande destaque da visualidade das edições. Entre os assuntos abordados, a revista também se distinguia pelo seu tom mais humorístico, pelo destaque dado às crônicas políticas e do cotidiano e também por trazer em suas páginas uma seção de variedades que abrangia os públicos feminino e infantil, se constituindo como uma publicação para a família inteira.

³⁹ GONÇALVES, Roberta, op.cit..

⁴⁰ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.



Figura 1. Primeira capa de *O Malho*. Rio de Janeiro: O Malho, 1906, n.1, 1902.

No ano de 1905, *O Malho* deixou de ser a única publicação da editora, a qual passou a veicular outros impressos, que seguiam em linhas gerais a mesma proposta da revista homônima. Essa diversificação de títulos foi possível graças a uma grande revolução técnica que marcou não só a história do grupo empresarial, mas também a trajetória da imprensa brasileira: a importação e a instalação efetuada das rotativas *Marinoni*⁴¹. Essa nova técnica de impressão garantia à editora uma tiragem muito maior de páginas impressas, com uma qualidade gráfica muito superior às antigas técnicas das oficinas artesanais que até então existiam no Brasil. Isso possibilitava a inclusão de fotografias e outras imagens com muito mais êxito dentro dos impressos e tornava possível aumentar o número de folhas impressas e consequentemente a variedade de títulos produzidos.

Com o avançar do novo século, o Brasil passou por uma expansão do seu processo de industrialização e urbanização e viu crescer sua classe média, justamente o principal público alvo dessa nova imprensa que surgia. Esse aumento da variedade de títulos da editora O Malho foi consequência direta desse processo e um símbolo da popularização desse meio de comunicação. O principal elemento que impulsionou essa popularização seria a elevação do

⁴¹ GONÇALVES, Roberta, op.cit..

nível de alfabetização dos brasileiros no meio urbano, que passaram a ter mais acesso à educação formal, sobretudo entre os segmentos médios da sociedade por meio da criação dos grupos escolares e das escolas normais.

Entre os títulos que passaram a ser publicados estão *A Tribuna*, *Moda e Bordado*, *A arte de bordar*, *O Papagaio*, entre outros que foram surgindo posteriormente. Com essas novas publicações dois grupos de leitores que antes ganhavam apenas algumas páginas dentro de *O Malho* passaram a ter publicações inteiras voltadas para si. As mulheres e seus supostos interesses foram “contempladas” com *Moda e Bordado* e *A arte de bordar*, nesse primeiro momento, e as crianças ganharam a primeira revista brasileira que as tinha como principal público, a revista *O Tico-Tico*.

Entre 1905 e 1929 *O Malho SA* viveu seu momento de maior expansão e sucesso, tendo os anos 20 como apogeu, tanto em termos financeiros como de popularidade entre a população brasileira. A revista que deu nome à editora também viveu sua época de ouro nesse período, que começou a ruir com o rumo da política nacional no início dos anos 1930. A ascensão de Getúlio Vargas abalou não só o poder das oligarquias do Sudeste, mas também a liberdade de imprensa, e no caso de *O Malho* extinguiu a “liberdade da chacota”, um dos seus pilares e principal fonte do seu sucesso. A mudança na política nacional trouxe para *O Malho* a impossibilidade de continuar com sua ironia e com a ridicularização das figuras políticas do país, de fazer troça dos mais diversos aspectos sociais e culturais do Brasil. Com o início da era varguista se inaugurava no território brasileiro uma época de muita seriedade, onde fazer humor com a pátria não tinha lugar. Não só simbolicamente *O Malho* era atacado em seu cerne como a sede da editora foi fisicamente atacada pelas suas críticas ao governo e sofreu intensa censura.

Com a depredação e o incêndio da sede principal os editores deram uma pausa da publicação da revista *O Malho* por alguns meses entre 1930 e 1931. Nesse período, com a ausência da publicação-mãe, *O Tico-Tico* se tornou o carro chefe da editora, posto que permaneceu ocupando após a volta da publicação de *O Malho*. A revista infantil passou a ser o produto mais rentável da empresa e de maior tiragem. *O Malho* em seu retorno deixou para trás os loucos anos 20 recheados de piadas e críticas e se tornou definitivamente uma revista de variedade, ocupada em entreter a população com assuntos os mais distantes possíveis da política brasileira.

Mesmo o retorno financeiro gerado pela *O Tico-Tico* nos primeiros anos da década de 30 não foi capaz de sanar totalmente as dívidas e despesas geradas pela crise, o que só se agravou com a decrescente popularidade da revista infantil a partir da segunda metade desta

mesma década (assunto que será abordado no próximo tópico). Ainda lutando para se manter na ativa, a editora lança em 1934, em parte como uma resposta à própria crise de *O Tico-Tico*, a publicação feminina *Anuário das Senhoras*, que reunia e ampliava vários conteúdos voltados ao público feminino de outros impressos do grupo. O *Anuário* consolidou ainda mais *O Malho S.A* no seguimento das “variedades” e ajudou a pagar as contas que continuaram a se acumular cada vez mais com o passar dos anos.

Apesar da crise iniciada em 1930 *O Malho* ainda teve uma impressionante sobrevida de 32 anos como editora, a revista homônima, no entanto, teve menos sorte e só sobreviveu até de 1954. O golpe fatal para todas as publicações veio no ano de 1962, quando o último número de *O Tico-Tico* veio a ser publicado, já muito desfigurado de sua proposta original e tido como ultrapassado. A impressão da última edição de *O Tico-Tico* foi o símbolo do fim melancólico de uma empresa que se orgulhava de sua “novidade”, mas que precisou abrir espaço (juntamente com várias outras editoras contemporâneas) para uma modernidade ainda mais moderna.

2.1.1 *O Tico-Tico*. Uma revista para os pequenos brasileiros.

Como já foi abordado, antes da sua plena derrocada na década de 1960, *O Malho* viveu anos de glória, e muito graças à sua publicação mais longeva e quiçá mais famosa: *O Tico-Tico*. A revista infantil, primeiro sucesso do gênero, estabeleceu para ele uma série de formatos e “exigências” que se perpetuariam muito após sua extinção. Entre eles pode se citar a mescla entre conteúdos informativos e literatura, a impressão de brinquedos de papel, de dicas de brincadeiras e a presença quase que obrigatória de histórias em quadrinhos ao longo das páginas.

O Tico-Tico foi criada em 1905 com o projeto de uma formação da criança republicana que se transformaria num dia no cidadão ideal da nação brasileira. A revista estava inserida no já mencionado debate sobre o futuro do Brasil e a construção de uma sociedade moderna, desenvolvida segundo as perspectivas de um mundo urbano e industrial. Para alcançar esse status, os intelectuais envolvidos nesse projeto de infância da revista apostavam como principal estratégia na educação. A ideia de uma “educação redentora” da nação, como aponta Gonçalves⁴², era muito forte entre o meio intelectual republicano no início do século XX e reverbera até hoje na sociedade brasileira. Entre os principais mentores

⁴² GONÇALVES, Roberta, op.cit..

desse projeto estavam Renato de Castro, Cardoso Júnior e Manoel Bomfim, além do diretor e proprietário da editora Luís Bartolomeu de Souza e Silva.

A origem do nome da revista é incerta. *O Tico-Tico* é uma ave muito comum no sul e sudeste do Brasil, e o mais provável inspirador do título da publicação. “Tico-tico” também era o apelido que se dava as ainda muito recentes pré-escolas e maternais no início do século XX⁴³, e um dos ilustradores originais da revista, Vasco Lima, acreditava que o nome da publicação fazia referência a essas instituições.⁴⁴ “Tico-tico” também é uma forma muito popular em certas localidades do Brasil de se referir aos triciclos infantis, sendo difícil rastrear quem inspirou quem nessas nomeações. A revista contava com o formato de 29,8 centímetros de altura com 22 centímetros de largura, ou seja, era uma revista grande, em estilo jornal. A quantidade de páginas variou muito durante os mais de 60 anos de publicação da revista, chegando a 50 páginas em edições comemorativas. No período que é o foco dessa dissertação possuía em torno de 30 páginas. Na sua capa sempre constava no período de 1905 a 1934 a logo com o nome da publicação.



Figura 2. Capa da revista *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.15, 1906, p.1.

⁴³ VERGUEIRO, W. C. S. ; SANTOS, Roberto Elísio dos . A postura educativa de *O Tico-Tico*: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, v. 13, p. 23-34, 2008.

⁴⁴ Idem

Uma primeira fase da revista abrangeu os anos de 1905 até 1923, quando a revista mesclava de forma balanceada, conteúdos visuais e escritos. Entre os conteúdos de cunho mais visual estão ilustrações diversas, brinquedos de montar (figura 3), diversos tipos de jogos e histórias em quadrinhos. Na parte mais escrita se encontram as republicações de obras da literatura infantil em folhetins, letras e partituras de músicas de criança, textos de orientação moral e conteúdo educacional das mais diversas áreas do conhecimento. É importante pontuar que apesar de todo esse conteúdo ter a intensão de ser instrutivo ele também era acompanhado de boas doses de humor. Destaca-se nesse período o expressivo espaço dedicado à colaboração dos leitores com a publicação de cartas, desenhos e fotografias enviadas por estes. As capas nesse período simbolizam essa mescla dos tipos de conteúdo ao apresentar em seguida da logo uma história em quadrinhos, linguagem que por sua vez é baseada na reunião da imagem e da palavra.



Figura 3. Brinquedo de montar. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.86, 1907, p.16.

A partir de 1923 se inaugura uma fase ainda mais visual da revista, representada pela mudança na capa da publicação que retira as histórias em quadrinhos para estampar uma grande ilustração colorida. A década de 20 representa para a *O Tico-Tico*, assim como para toda editora *O Malho*, o seu apogeu em termos de qualidade gráfica, rendimentos e

popularidade. Nessa década, o conteúdo mais textual tem seu espaço reduzido, incluindo os escritos enviados por leitores. As fotografias destes, no entanto, recebem nesse período o seu maior destaque, com uma qualidade de impressão superior à do primeiro período de publicação e muito superior aos anos que se seguem. Nestes anos da década 20 a publicidade, altamente imagética, também vive seu período de maior destaque e frequência na *O Tico-Tico*. Uma continuidade muito relevante é a manutenção do humor no conteúdo, que permanece como uma marca registrada da revista. A capa abaixo é a última de 1923 e pertence à edição de natal de *O Tico-Tico*.



Figura 4. Capa comemorativa de natal. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.951, 1923, p.1.

Apesar de permear várias partes da publicação, o tom humorístico era ainda mais presente nas folhas em que se publicavam as histórias em quadrinhos, para Vergueiro e Santos⁴⁵ os quadrinhos seriam inclusive a principal fonte de sucesso da revista. O mais famoso e duradouro dos quadrinhos é o do personagem Chiquinho, que acabou por se tornar o maior símbolo da revista ao longo de toda sua existência. O Chiquinho teve sua primeira publicação ainda no primeiro ano da revista e logo se tornou muito popular entre os pequenos

⁴⁵ VERGUEIRO, W. C. S. ; SANTOS, Roberto Elísio dos . A postura educativa de *O Tico-Tico*: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, v. 13, p. 23-34, 2008.

leitores e seus pais. Ainda que tenha passado por diversas reformulações gráficas e de conteúdo entre 1905 e 1930, a tônica desse quadrinho permaneceu praticamente inalterada: um garoto pequeno que aprontava muito e adorava pregar peças nos mais velhos, e que acabava sempre sendo punido no final das histórias por suas peraltices. Nos primeiros anos da publicação até o começo da Primeira Guerra Mundial, as histórias do Chiquinho eram uma cópia de um personagem da revista estadunidense *New York Herald*, o Buster Brown. Cópia esta que já em meados do século XX gerou um certo desconforto entre os consumidores quando foi descoberta, e que hoje é reconhecida como um claro caso de plágio.⁴⁶

Com o início e o avançar da Primeira Grande Guerra, a importação de artigos do exterior em geral se tornou mais difícil e os editores da *O Tico-Tico* não conseguiam mais novas edições de *New York Herald* para “inspirar” as histórias do Chiquinho. A solução encontrada foi contratar artistas brasileiros para inventarem novas aventuras para o menino de papel. Com essa mudança, as histórias do Chiquinho passaram a incorporar elementos da cultura e do cotidiano brasileiros, o que muito agradou ao público e aumentou ainda mais a popularidade do personagem. Isto, inclusive, veio a amenizar o escândalo do plágio quando surgiu na década de 50, pois os antigos leitores (já crescidos) consideraram que no final das contas o melhor Chiquinho era o brasileiro, mais engraçado e espontâneo que o já há muito falecido Buster Brown, que deixou de ser publicado em sua revista original em 1923. Na figura 5, o Chiquinho prepara um brasileiríssimo Angu à Bahiana, um pouco mais apimentado do que o recomendado para seus clientes

⁴⁶ Ibid.



Figura 5. Chiquinho e sua refeição picante. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.313, 1921, p.1.

O maior símbolo da revista ser um menino não se tratava de mera coincidência, a revista foi pensada originalmente para ter como principal público alvo a ala masculina dos leitores infantis. Já nas primeiras edições os autores deixam claro a quem mais devia interessar o conteúdo de *O Tico-Tico*. Na campanha publicitária de divulgação da nova revista, que se tratava de um concurso entre as crianças, os editores já anunciavam que o objetivo dela era “fortalecer e orientar o espírito desses que serão amanhã os nossos grandes homens”⁴⁷, deixando claro que o futuro com o qual mais se preocupavam eram o dos únicos que um dia poderiam vir a se tornar plenos cidadãos, os meninos. Ainda que no final da campanha fizessem o adendo para as meninas de que “não se magoê nem vá agora ficar amuado ou fazer pirraça: para esse bello sexo, ainda em botão, abriremos muitos concursos

⁴⁷ *O Malho*. Rio de Janeiro: O Malho, n° 158, 1905, p. 13.

depois”⁴⁸. De fato, com o passar do tempo o conteúdo voltado às meninas e a imagem destas passaram a ter cada vez mais espaço dentro de *O Tico-Tico*. Em parte isso foi um resultado indireto das reivindicações dos movimentos de mulheres do início do século XX, que entre outras pautas, pressionava por um maior acesso de meninas e mulheres à educação formal. Se colocando como uma revista educativa *O Tico-Tico* não teve como ignorar esse novo público escolar que surgiu e se avolumou com o passar do tempo. Inclusive, não se pode ignorar o papel que as próprias pequenas leitoras tiveram nesse processo, já que muitas adotaram a revista para si mesmo, apesar da predileção desta pelos meninos, e reivindicavam espaço, sendo muito participativas nas seções de cartas dos leitores, no envio de fotos (pode-se dizer que o número de fotos de meninos e meninas é bem equivalente) e nos concursos que lhes permitiam concorrer. O que dessa maneira também fez a editora perceber a oportunidade de crescimento em um segmento até então pouco explorado.

Entre meninos e meninas, o principal público alvo de *O Tico-Tico* se encontrava na classe média urbana⁴⁹, camada essa que cresceu e se alfabetizou progressivamente no século XX. Considerada barata, *O Tico-Tico* não era acessível para as crianças muito pobres e não escolarizadas (ainda maioria no Brasil da primeira metade desse século), mas fazia sucesso nas famílias com uma condição financeira mediana que não podiam oferecer grandes regalos para seus pequenos, mas podiam presenteá-los com a revistinha.⁵⁰ O grupo *O Malho* viu na classe média urbana e nos crescentes índices de alfabetização dessa uma grande possibilidade de expansão do seu negócio, fazendo com que seus outros títulos contemporâneos e posteriores a *O Tico-Tico* também se voltassem a essa camada da população.

Os concursos, que inauguraram a revista, se fizeram presentes por quase toda a história de *O Tico-Tico*, nas mais diversas formas. Entre os mais populares estavam os concursos de redação e os de desenho, nos quais na maior parte das vezes tanto meninos quanto meninas podiam participar. O padrão para essa disputa partia geralmente de uma frase ou pergunta (como no concurso inaugural) ou um motivo temático, como as festas de final de ano ou outros feriados nacionais ou religiosos. As melhores respostas e produtos ganhavam destaque na página com um belo elogio dos redatores. Também eram muito populares os concursos de charadas (figura 6) e os de montar “quebra-cabeças”, impressos nas páginas e que deviam ser recortados, colados e enviados em folhas à parte. Para escolher o vencedor

⁴⁸ Idem

⁴⁹ VERGUEIRO, W. C. S. ; SANTOS, Roberto Elísio dos . A postura educativa de *O Tico-Tico*: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, v. 13, 2008, p.32

⁵⁰ GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

entre as várias resoluções que eram enviadas um sorteio era realizado. Também existiram concursos exclusivos para as meninas, como os concursos dos mais bonitos modelos de roupinhas para as bonecas.

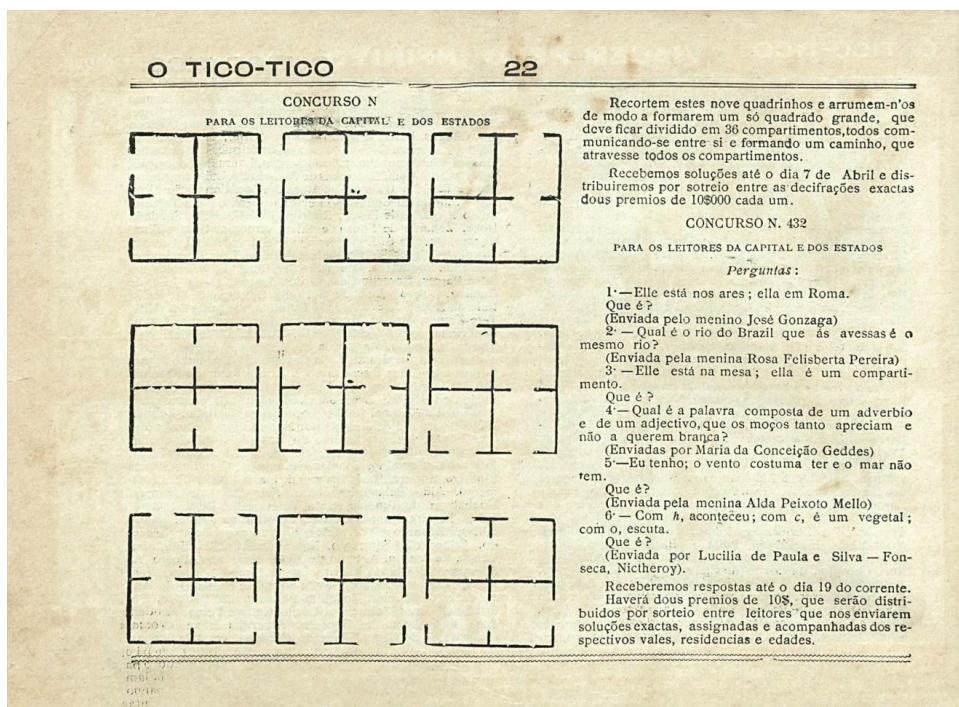


Figura 6. Concurso de perguntas e respostas.. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.227, 1910, p.22.

Além dos concursos, outras seções eram recorrentes ou fixas na revista até 1934. “Lições do Vovô” foi a mais longa delas, circulou da primeira à última edição da revista. O mais interessante é que esta seção não tinha nenhuma temática fixa, apresentava os mais diversos assuntos desde aconselhamento moral até lições de história, aritmética, geografia e conhecimentos gerais. Também por vezes abordava as datas festivas e seus significados. A única permanência entre todas as edições, e que diferenciava essa seção das demais, era de que todos esses assuntos eram narrados a partir da figura de um avô, que falava com um alto tom de sabedoria e experiência para os vários netinhos que possuía espalhados pelo Brasil. Essa seção claramente tentava estabelecer um vínculo afetivo entre os leitores e a revista e se colocava como um ponto de orientação para as mentes mais jovens. Além disso, tinha uma clara intenção de estimular uma reverência das crianças para os mais velhos. Segundo Gonçalves, essas seções em que a figura de um idoso ou idosa dava conselhos e contava

histórias para os pequenos leitores era uma prática recorrente na imprensa infantil nos mais diversos países.⁵¹

Outra seção muito recorrente e duradoura foi “A Gaiola d’O Tico-Tico” que foi a principal seção de correspondência durante quase todo o período de publicação da revista. Na “Gaiola” se respondiam às cartas e às solicitações enviadas pelos leitores à revista. Na maioria das vezes se confirmava o recebimento da correspondência e se davam breves respostas afirmativas ou negativas aos pedidos das crianças, como de se publicar uma foto ou outro material produzido e disponibilizar alguma edição já esgotada, por exemplo. Em alguns casos os editores respondiam de forma mais áspera alguns pedidos das crianças mais insistentes na publicação dos seus envios e também quando não consideravam adequado o assunto abordado pelos leitores nas correspondências, como por exemplo quando se tratava de namoricos juvenis, altamente desestimulados pela redação de *O Tico-Tico* ““*O Tico-Tico* não se ocupa com esses assumptos. E seria bom que o senhor também não se ocupasse. Em vez de pensar em amores, trate de estudar um pouco de grammatica. O pensamento dirigido a sua amada tem um erro de portuguez grave, d’esses chamados — de palmatoria”⁵²

Para além de “A Gaiola” também existiram as seções de correspondência do “Dr. Sabe Tudo”, a principal do período aqui analisado, que após 1933 foi substituída pela “Gavetinha do Saber”. Essas seções eram mais voltadas a responder as dúvidas dos leitores no que diz respeito aos conteúdos educativos.

Para além dos textos, desenhos e trabalhos manuais, os leitores também marcavam sua presença nas revistas com os envios de retratos, que eram publicados em diversas seções que se alteraram com o passar dos anos. As mais duradouras foram a “Galeria Infantil” e “Nossos Leitores”, que por vezes ganhavam folhas separadas para si, especialmente “Galeria”, e por vezes eram mescladas com os outros conteúdos, sobretudo com “Nossos Leitores”.

Apesar de ficar marcada como a primeira revista de sucesso voltada para crianças do Brasil, a verdade é que *O Tico-Tico* não cativava apenas os leitores mirins. Assim como a revista principal do Grupo *O Malho*, sua versão infantil também era pensada para agradar toda a família. Apesar de existir certo apelo para os homens da família, a principal figura adulta interlocutora de *O Tico-Tico* eram as mães. Várias matérias e boa parte dos anúncios eram inteiramente pensadas para as mães, que muitas vezes compravam e liam as revistas junto com seus filhos. *O Tico-Tico* além de inaugurar a imprensa infantil brasileira também

⁵¹ GONÇALVES, Roberta, op.cit., p.53

⁵² *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, O Malho, n° 200, 1909, p.18.

estabelece um marco muito importante nos entrecruzamentos entre os periódicos para as crianças e para as mulheres, assunto que será abordado melhor no próximo capítulo. Também é interessante pontuar que ao longo desses vários anos de publicação, as crianças que liam *O Tico-Tico* na sua infância acabaram crescendo e é de se imaginar que passaram a comprar a revista para seus próprios filhos e que nesses momentos talvez folheassem a revista para relembrar os velhos tempos.

Com as transformações da década de 1930 e todas as consequências que trouxe para a editora, já abordadas anteriormente, *O Tico-Tico* também passou por uma grande fase de reformulação entre 1930 e 1934. Dentro desse período, a revista foi ganhando um tom mais sério, com um destaque cada vez maior para a produção de conteúdo moralista e puramente informativo. Uma exaltação do nacionalismo brasileiro também passava a cada vez mais ganhar espaço dentro da publicação, já estando extremamente presente em 1934. A contribuição dos leitores se torna escassa e passou a se resumir muito a textos sobre patriotismo e educação. As seções de moda e as fotografias – fundamentais na análise da indumentária infantil nesse trabalho - também perderam espaço na revista. Um dos poucos espaços que a revista conseguiu se manter mais fiel à proposta original de utilizar o entretenimento para ensinar suas lições foram os quadrinhos. O Chiquinho continuou a ser nesse período o personagem de maior sucesso e manteve com seus outros companheiros nacionais a tradição do bom humor nas suas histórias.

Além dos quadrinhos brasileiros a partir de 1930, *O Tico-Tico* passou a publicar histórias em quadrinhos da *Walt Disney Company*, como a do Mickey Mouse, que inicialmente foi chamada de “As Aventura do Ratinho Curioso”. Essa introdução dos quadrinhos estrangeiros foi uma reação à crescente popularidade dos *comicbooks* internacionais no mercado de leitores infantis brasileiros. Em pouco tempo esse seguimento seria inundado por diversas outras publicações que importavam seu conteúdo das publicações estadunidenses, conquistando grande popularidade em um público que até então tinha sido monopólio de *O Tico-Tico*.



Figura 7. “As aventuras do Ratinho Curioso.” *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1277, 1930, p.26.

Apesar da revista infantil ainda ser o principal sucesso de *O Malho* e sua principal fonte de receita, todo esse período de reformulação de *O Tico-Tico* (e as décadas que se seguiram) foram de grandes dificuldades financeiras para a revista. A qualidade gráfica decaiu em grande escala, a publicação de fotos (tanto dos leitores quanto das matérias), se torna cada vez mais escassa e os quadrinhos que até então eram todos coloridos passam a ser várias vezes em preto e branco, poupando dessa descoloração apenas as histórias do Chiquinho. Em função desse processo que leva a um deslocamento da proposta da revista é que o recorte temporal da *O Tico-Tico* para o objeto de análise dessa pesquisa se encerra em 1934.

Se a partir de 34 o civismo já dominava grande parte da publicação, com a instauração do Estado Novo, em 1937, ele passa a predominar completamente nas páginas de *O Tico-Tico*, em contraste com o aumento do material estrangeiro que cada vez ganhava mais espaço numa tentativa desesperada de atrair os leitores. A partir desse ano também as crises financeiras da editora e da revista se aprofundaram ainda mais, culminando em 1941 com a mudança da publicação semanal para um mensário.

Pode-se dizer que a partir de 1941 quase nada mais sobrava de *O Tico-Tico* original de 1905 e menos ainda da popular *O Tico-Tico* da década de 20. Com a redução da frequência da publicação os editores conseguem melhorar a qualidade dos impressos, que passam a ser edições comemorativas de temas históricos-patrióticos. A primeira edição dessa nova fase, inclusive, seria sobre o dia do soldado.

Como coloca Gonçalves, a revista passou a ser “mais voltada para a escola do que para o deleite infantil”⁵³. E foi exatamente dessa forma que a *Tico-Tico* permaneceu sendo editada por mais 32 anos desde o início de sua crise, e sobreviveu se tornando principalmente um material paradidático, muitas vezes adquirido e utilizado dentro das escolas. Em 1959, *O Tico-Tico* se coloca oficialmente como um material para ser usado em sala de aula. Também é interessante notar que nos seus últimos anos de publicação a revista adota um tom nostálgico em relação à sua própria história, que ganha muitas matérias voltadas a relembrar os anos gloriosos da publicação e a ressaltar a sua importância para a formação da infância brasileira. A revista teria passado seus últimos e melancólicos momentos tentando instruir de forma muito séria e patriótica os novos meninos que a ela se apresentavam através das escolas. Também terminou sua trajetória acenando aos antigos leitores, muitos nesse momento pais dessas novas gerações, lembrando os bons momentos que passaram juntos. Assim, a *O Tico-Tico* finalizaria seu longo percurso se rendendo totalmente ao ambiente escolar e fazendo um “culto de si mesma”⁵⁴.

Para além dos diversos problemas que um leitor contemporâneo encontraria ao ler a publicação, como passagens e matérias hoje consideradas racistas, altamente moralistas, ou que incentivam a violência física contra as crianças, por exemplo, é inegável que a *O Tico-Tico* cumpria uma das suas principais funções: ser divertida. E mesmo passado mais de 100 anos desde sua primeira edição, apesar do mau envelhecimento de alguns conteúdos e da obsolescência de outros, ainda é possível encontrar entretenimento ao folhear as páginas de *O Tico-Tico*. Onde até os pequenos leitores de hoje, cada vez mais digitais, possivelmente encontrariam alguma brincadeira ou informação que os agradasse. Essa força do entretenimento de *O Tico-Tico* foi o principal impulso do seu sucesso e também a causa da sua derrocada. A *Tico-Tico* que ficou marcada na história da imprensa nacional e na história das infâncias brasileiras foi a *Tico-Tico* da diversão, como mostram Zélia Gattai e Érico Veríssimo:

⁵³ GONÇALVES, Roberta, op.cit., p.55

⁵⁴ Ibid., p.51

“Eu tinha muita vontade de aprender à ler, pensava no *"O Tico-Tico"*; como seria bom me envolver nas aventuras de Chiquinho, Jagunço e Benjamim, sem a ajuda de ninguém...”⁵⁵

(Zélia Gattai)

Quarta-feira era o meu dia mais esperado e feliz da semana, pois era às quartas que geralmente chegava a Cruz Alta o último número d’*"O Tico- Tico"*. Eu costumava ir buscá-lo à livraria do Doca Brinkmann, um homem de barbicha alourada, olhos claros atrás dum pincenê erudito. Eu entrava na livraria com um certo temor no coração e perguntava com voz mal audível: “Chegou *O Tico-Tico*?”. E ficava com os olhos, o coração, todo o meu ser, em suma, preso aos lábios do seu Doca. Com sua calma imperturbável, ele olhava em torno, lento, e depois, arrastando os pés, aproximava-se dos pacotes recém-chegados da agência do correio e apanhava o novo número da revista, entregando-o ao alvoroçado assinante. Não infrequentemente o livreiro informava: “*O Tico-Tico* não chegou. Esta semana está atrasado”. Minha decepção ante a terrível notícia tinha um caráter quase catastrófico. Como se teria livrado o bravo conde de Cavaignac da cilada que os inimigos haviam armado? Três contra um, na calada da noite, numa ruela deserta de Paris! Quanto tempo mais terei eu de esperar para ver a continuação do drama?⁵⁶

(Érico Veríssimo)

A super “didatização” e a “patriotização” da revista tornaram-na sem graça, e do que é feita uma revista infantil se não é justamente de “graça”? Os adultos responsáveis pela revista ao elevar ao máximo a tentativa de moldar seu público de acordo com seus gostos sem uma contrapartida divertida acabaram por afugentá-lo. Por fim, *O Tico-Tico* acabou sua trajetória tida como mais um dos conteúdos enfadonhos passados pelas escolas; o que antes era uma brincadeira acabou como uma lição, e as crianças brasileiras passaram a procurar refúgio do mundo adulto em outras publicações e veículos de divulgação cultural.

2.1.2 *Anuário das Senhoras*, entretendo mulheres e moças no século XX.

Além do grande impulso que o século XX assistiu dos níveis de alfabetização da população brasileira em geral, um grupo em específico alcançou nessa década uma possibilidade da educação formal antes extremamente restrita a elas: as jovens brasileiras. Se no século XIX a educação de meninas era ainda mais incipiente que entre meninos e pouquíssimas jovens da elite brasileira recebiam instrução, com o adentrar do novo século foi possibilitado que meninas e moças de outras camadas sociais tivessem acesso à educação, sobretudo as da classe média. Esse acesso de deveu em grande parte aos já mencionados grupos escolares e aos institutos voltados à formação de professoras, conhecidas então como

⁵⁵ GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁵⁶ VERÍSSIMO, Érico. *Solo de clarineta*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Escolas Normais. Esse último, inclusive, também abriu caminhos para que as jovens adquirissem uma profissão que lhes possibilitava uma certa ascensão social, independência financeira e a possibilidade de atuarem profissionalmente fora do ambiente doméstico. Um resultado desse incremento de mulheres letradas entre a população brasileira resultou não somente na popularização da imprensa em geral, mas mais ainda do seguimento voltado para elas: a imprensa feminina, que nesse século cresceu exponencialmente e se consolidou como um dos principais produtos do mercado editorial.

Além disso, foram nas primeiras décadas do século XX, em especial na década de 30, que as brasileiras viram sua cidadania passar a ser mais reconhecida pelo Estado. O ato mais famoso nesse sentido seria a aprovação do voto feminino pelo governo Vargas. O mesmo governo que rompeu com a liberdade de imprensa e que afundou *O Malho* em uma profunda crise, reconheceu os direitos políticos-institucionais de suas leitoras e impulsionou a instrução formal destas em uma boa dose de ambiguidade, marca registrada do período Vargas. É válido destacar que antes da conquista desse direito ser sacramentada pelo Estado, assim como a educação formal em escolas passar a ser ofertada para meninas, existiu todo um movimento de reivindicação protagonizado por mulheres que defenderam a instrução e autonomia feminina. Margareth Rago destaca em especial o movimento feminista anarquista, que seria muito forte no início do século, e que pautava em diversos protestos e manifestações os direitos das crianças e das mulheres, reivindicando não somente melhores condições de trabalho para as operárias, mas também o acesso a uma série de saberes que possibilitariam uma efetiva liberdade de ação feminina.⁵⁷

Apesar dessas importantes transformações, os conteúdos veiculados nesses impressos, ainda que tenham passado por diversas reformulações, não sofreram significativas mudanças em relação ao século anterior. Pode-se dizer que se criaram novas formas para reproduzir um discurso muito semelhante. Como conteúdos fundamentais ainda estavam as prendas domésticas, o cuidado com a família, o aconselhamento amoroso e a moda.

Foi nesse cenário que surgiu, em 1934, o *Anuário das Senhoras*. Com o aumento do interesse pela imprensa feminina, a editora provavelmente percebeu uma oportunidade de mercado que até então não tinha explorado muito, apesar de alguns títulos ligados ao mundo do trabalho manual, como revistas de bordado e de crochê, por exemplo. Com *Anuário das Senhoras*, *O Malho* conseguiu um importante sucesso editorial numa fase de sérias

⁵⁷ RAGO, Margareth. *Anarquismo e feminismo no Brasil*: audácia de sonhar: memória e subjetividade em Luce Fabbri. Achiamé, 2007.

dificuldades financeiras, o que deu algum fôlego para a editora em um de seus maiores momentos de crise. Ainda que em nenhum espaço nas próprias revistas se exponha explicitamente uma correlação entre a reformulação de *O Tico-Tico* e a criação do *Anuário das Senhoras*, é possível aferir que o avanço de *O Malho* sobre o mercado da imprensa feminina foi entre outras coisas uma reação à perda de receitas e de popularidade do seu principal veículo até então. A semelhança gráfica entre as seções de moda de *O Tico-Tico* e *Anuário das Senhoras* é muito evidente. É possível notar um reaproveitamento e uma transferência de parte do conteúdo de *O Tico-Tico* na publicação do *Anuário*, já que este tipo de material é totalmente retirado da revista infantil em 1934. A publicidade voltada a mulheres, que já havia diminuído sua frequência em *O Tico-Tico*, também é totalmente realocada para *Anuário das Senhoras* com grande acréscimo de volume.

Apesar da complicada situação que enfrentava a editora, o *Anuário das Senhoras* conseguiu se consolidar no universo das revistas femininas brasileiras oferecendo um produto diferenciado: uma edição anual que compilava um grande número de matérias sobre os assuntos que mais interessavam as moças e as donas de casa. Como Janaína Garcia coloca, o *Anuário* era concebido para ser um item duradouro, que acompanhasse a leitora ao longo de todo ano⁵⁸. Nessa época, enquanto a qualidade de impressão era economizada em *O Tico-Tico* e cada vez menos recursos eram dirigidos à revista infantil, em *Anuário* a editora apostava alto, investindo no design gráfico de alto padrão, em papéis mais nobres e no uso de cores. A publicação era encadernada com uma capa de alta gramatura e sem grandes gravuras ou imagens, apenas com belas estampas florais ou geométricas em alto relevo e em tamanho próximo da folha A5, se assemelhando a um livro que também poderia servir de objeto de decoração.

⁵⁸ GARCIA, Janaína A. Beraldo. *Escola de modelos: três décadas de Anuário das Senhoras*. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.



Figura 8. Capa *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.23, 1956.

Em seu conteúdo, o *Anuário* se apresentava como uma típica revista feminina das décadas de 1930, 40 e 50. De acordo com Carla Bassanezi, as revistas da primeira metade do século XX tinham como principal proposta reforçar o papel das mulheres, como mães, esposas e donas de casa, serem as mais perfeitas “rainhas do lar”, e quase todo seu conteúdo girava em torno disso.⁵⁹ Ao longo das décadas possui algumas seções fixas, contudo os formatos da edição variavam muito de ano para ano não havendo um padrão muito específico que se seguia. Diferentemente de *O Tico-Tico*, *Anuário das Senhoras* não passou por grandes reformatações ao longo dos 21 anos em que foi publicado, não havendo “fases” diferentes da revista. Entre os principais segmentos pode-se citar o material de trabalhos manuais que deu origem às publicações femininas em *O Malho*, os folhetins, as matérias sobre as celebridades e o cinema e as dicas de cuidado doméstico, de beleza e de saúde.

O aconselhamento moral seria uma temática muito relevante para *Anuário*, mesmo sem possuir uma coluna definida (assim como a maioria dos conteúdos). Pode-se dizer que as revistas femininas se mantiveram como porta vozes da moral e dos bons costumes para as mulheres. Seria muito recorrente nesse tipo de publicação matérias que faziam uma clara distinção entre “moças de família” e “moças levianas”, muitas vezes apresentando um

⁵⁹ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

conflito de gerações⁶⁰. No caso de *Anuário das Senhoras*, os editores procuravam se manter em um “meio-termo”, atuando como intermediadores entre mães e filhas quando abordavam temas como conflitos inter-geracionais (ainda que pendessem um pouco mais para o lado das mães). Isso pode ser percebido na matéria abaixo:

“Mocinhas.

A mocinha dos nossos dias deve, apenas libertada da idade ingrata, buscar uma base sólida nesta terra de Deus, e mover-se com desembaraço, até mesmo com segurança...

A familiaridade, uma certa desenvoltura de maneiras, a supressão de gestos de polidez, uma linguagem telegráfica, o “argot”, são, na época atual, fatores que interveem nas relações entre moças e seus pais; as etapas da camaradagem ou do amor são queimadas chega-se mais depressa ao casamento. A moça de hoje aprenderá, pois, a defender-se contra os demais e contra ela própria. Não nos espantemos que a tímida creança do século XIX se veja transformada numa jovem criatura que usa os cotovelos para arranjar lugar no ônibus...ou na própria vida. O gesto de ontem ainda suave, tornou-se brutal. O estilo ligeiramente pretencioso das nossas avós deu lugar a diminutivos desta sorte: “Meu velho!” Sem “blague”, está certo?

Existe em certas senhoritas um estado físico mais grave, para a sua felicidade, que prejudica a aparência: a timidez. Que doença horrível! Deixa a pessoa solitária, hesitante, angustiada...esta timidez tem vários pontos comuns com a faceirice. A ausência total de uma e de outra prova um grande contentamento pessoal, impressão de que tudo é permitido. Mas uma grande faceirice e uma timidez invencível apresentam sinais de fraqueza enorme: a faceira (“coquete”) usa, para agradar, de cem artifícios, a tímida debate-se intimamente em cada um dos seus átomos, cada qual das suas palavras.” (*Anuário das Senhoras*, 1942, p.190)

Ainda que se façam homenagens a profissionais mulheres, o maior elogio de *Anuário* é reservado às mulheres que assumiam os seus postos como “A Rainha do Lar”. Para tanto, a vida doméstica urbana e as suas facilidades eram constantemente enaltecidas pela publicação principalmente por meio da publicidade. Com o incremento da industrialização nesse período, produtos até então inexistentes ou muito raros passaram a estar disponíveis para o consumo de boa parcela da população; e para que essa entrasse em contato com esses itens e acreditasse na necessidade de possuí-los, as propagandas adquiriram enorme relevância na nova vida urbana que se projetava. “Lazer e um certo luxo foram-se associando à ideia de revista no século XX.”⁶¹ Um dos locais com a propaganda mais intensiva, e mais bem-feita foi dentro das revistas femininas. Ainda que não fosse o único (o rádio, por exemplo, possuía grande relevância também) o centro da publicidade por décadas era nas revistas. Esse cenário só sofreria uma alteração com a popularização das televisões nos lares brasileiros na década de 1960.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990, p.18

No século XIX teria se dado início a um processo que só se aprofundou com o século XX, em que as paredes das casas passaram a separar o ambiente intimista e privativo⁶². Em *Anuário das Senhoras*, como centro da configuração e gerenciamento do lar estariam as mulheres, as principais responsáveis pelos cuidados domésticos e familiares. Isso fica muito claro, pois a publicação constantemente reforça em suas páginas a ideia da casa como um bem familiar precioso, cujo papel de guardiã cabia às mulheres, que deveriam reservar todos os seus esforços no sentido de preservá-lo e torná-lo um lar para a sua família. Essas concepções se multiplicavam nas mais diversas seções, mas sobretudo nas que constavam as dicas de decoração e limpeza para o lar.

A culinária, bem-estar da família e o sucesso do relacionamento eram medidos por essas publicações através do nível do contentamento dos maridos. Para garantir que fosse alto, uma das principais defesas das revistas girava em torno de manter os homens bem servidos à mesa. A culinária era inclusive parte dos currículos escolares de meninas e moças. Em *Anuário*, esse raciocínio se faz presente em todas as edições em várias das páginas. No anúncio do livro de culinária *Dona Benta*, mostrado a seguir na figura 9, está a referência mais explícita a essas ideias:

⁶² PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, M. *História da vida privada 4 – da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras 1991.

ANUÁRIO DAS SENHORAS — 1945

"Comer Bem"*

**Um bom prato...
o melhor caminho
para o coração
do homem!**

**UM UTIL PRESENTE
PARA TODA DONA DE CASA!
VALE POR UMA BIBLIOTECA
DA ARTE CULINÁRIA!**

Nova Edição
inteiramente revista, acrescida de inúmeras receitas inéditas de salgados, bolos, doces, cocktails, sorvetes, etc., todas experimentadas por uma perita em arte culinária. Utilíssimos conselhos sobre arranjo de mesa, conservação de utensílios sobre arquivamento, tabelas de pesos e medidas e colimentos, etc.

● A arte de preparar bons pratos é a melhor prenda para a mulher. As vezes mais seduz um prato bem preparado que a mais atraente toilette... Em COMER BEM a senhora encontrará os pratos típicos de todas as regiões, as novidades e excelências das cozinhas brasileira, francesa, italiana, americana, alemã, inglesa, russa, etc., em receitas fáceis e econômicas. Qualquer pessoa, mesmo a mais inexperiente, poderá executá-las com facilidade e sucesso.

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 535 - São Paulo

VOLUME COM MAIS DE 500 PAGINAS
Cr\$ 25,00

PARA A CIDADE E PARA O CAMPO
Grande variedade de receitas para a cidade e para o campo. Para a cidade, os pratos finos e elaborados; para o campo, os de sabor regional e de preparação simples.

Para remessas para o interior utilize o SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL da Livraria Civilização Brasileira, Rua do Ouvidor, 94 - Rio — Rua 15 de Novembro, 144 - São Paulo

Figura 9. Anúncio *Comer bem*. Livro de receitas Dona Benta. *Anuário das Senhoras*, 1945, p. 229.

Para fisgar ou conservar um esposo também era colocado como de fundamental importância manter sua aparência física de acordo com os padrões de beleza vigentes. São várias as matérias de dicas de beleza. Segundo Denise Sant'Anna⁶³ a ciência se apropriou do campo do embelezamento tornando a beldade um produto a ser vendido e consumido. O século XX viu surgir uma grande gama de cosméticos, em especial os da “maquilagem”. As matérias sobre exercícios físicos para jovens e senhoras são algumas das mais presentes em *Anuário das Senhoras*. Apesar do bem-estar das mulheres constar como um dos elementos importantes para o cultivo dessas práticas de beleza, o seu objetivo principal segundo as

⁶³ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *História da Beleza no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

revistas era sempre agradar a população masculina em geral, caso fosse solteira, e o esposo, caso fosse uma senhora compromissada.

Anuário das Senhoras surgiu em um momento em que a influência da França sobre o Brasil se enfraquecia aos poucos e dava lugar à presença estadunidense no campo cultural brasileiro, sobretudo por meio do cinema⁶⁴. O conteúdo sobre cinema hollywoodiano é massivo em *Anuário das Senhoras* e trazia consigo em belas imagens a ideia do *American Way of Life*, que era justamente baseado em concepções como do ideal da família nuclear, do amor, e do conforto material adquirido através do árduo trabalho dos homens.

Nascida como um espaço para falar de amor, em especial o amor romântico, os impressos para mulheres nunca abandonaram o tema, ainda que o tenham abordado de diferentes formas. A literatura foi uma via que esteve presente desde o início e que por meio de seus folhetins, contos e poemas falava sobre os sentimentos dos amantes. Uma segunda forma de abordar o amor é a que se mostra a mais duradoura até hoje: os consultórios sentimentais. Ainda que os paradigmas em que se baseavam e que se baseiam hoje os conselhos dados nesses espaços tenham se alterado profundamente ao longo desses dois séculos que separam as primeiras publicações das atuais, as linhas gerais de uma especialista sobre os assuntos do coração dar orientações sábias para as confusas leitoras, permanece ainda muito em voga.

Sobre a circulação e os usos da revista, Janaína Garcia realizou uma interessante pesquisa com uma das suas leitoras da época⁶⁵. A entrevistada contou que a revista veio parar na sua família por meio de um sorteio da antiga livraria Ghinone, de Curitiba, ganhado por seu marido. O exemplar teria sido muito bem embalado e dado como presente de natal para sua sogra, mãe da entrevistada. Ela afirma como o *Anuário* era tido como um objeto muito valioso pelas pessoas da época. A senhora ainda alega que, quando era jovem, sua mãe só entregava os seus exemplares para ela e para conhecidas após muitas recomendações sobre os cuidados necessários para o empréstimo. A entrevistada ainda lembra as extensas consultas que eram realizadas no anuário ao longo de todo o ano, especialmente para retirar inspirações de trajes e trabalhos manuais. Garcia ressalta como muitas vezes as revistas, entre elas o *Anuário*, significavam um elemento muito importante para a transmissão de saberes e troca de laços afetivos entre mães e filhas, que compartilhavam a leitura, comentavam sobre os assuntos, os produtos e as imagens veiculadas. Também pode se inferir um movimento

⁶⁴ GARCIA, Janaína A. Beraldo, op.cit.

⁶⁵ Idem

semelhante entre amigas, vizinhas e parentes que, ao trocarem entre si os exemplares e conversar sobre eles, criavam toda uma rede de troca de conhecimentos e afetividades.

O *Anuário* teve sua última edição no ano de 1958, pouco antes da falência da editora no ano de 1962, que já gestava há anos uma profunda crise financeira. Assim como muitas de suas concorrentes, como o *Jornal das Moças* e a *Revista da Semana*, o *Anuário das Senhoras* nunca viria a conhecer a profunda reformulação que a imprensa feminina passaria na década de 1960.

3. ENTRE MULHERES E CRIANÇAS: O DESENVOLVIMENTO DA MATERNIDADE E DA INFÂNCIA MODERNA

3.1 AS REVISTAS E A MATERNIDADE



Figura 10. Anúncio de *O Tico-Tico* dentro do *Anuário das Senhoras*: Rio de Janeiro: *O Malho*, n.20, 1953, p.1.

1949

Cr\$ 15,00

Anuário das Senhoras

Um mundo de sugestões!
 O encanto do Lar!
 O "Anuário das Senhoras",... que contém em suas páginas Literatura, Poesia, Moda, Bordados, Páginas de Noivas, Cinema, Decoração da Casa, Curiosidades, Pequenas Notas, Receitas Culinárias e um Mundo de Sugestões. — Nas Livrarias e Jornaleiros. — Pedidos pelo Reembolso Postal à S. A. "O Malho", Rua Senador Dantas, 15, 5.º and. - Rio de Janeiro.

ANUÁRIO das SENHORAS

Figura 11. Anúncio de *Anuário das Senhoras* dentro de *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: *O Malho*, n.1958, 1949, p.43.

Não só *O Tico-Tico* e o *Anuário das Senhoras* compartilharam uma história conjunta por serem produtos da mesma editora, mas também as imprensas femininas e infantis tinham seus encontros. Como foi exposto no capítulo anterior, ambas nasceram a partir da especialização de literaturas e em uma época semelhante, ainda que o conteúdo infantil tenha levado mais tempo para se transpor das páginas dos livros para os periódicos. Já o grande impulso das duas imprensas se deu na mesma época, no final do século XIX e início do século XX. Essa coincidência cronológica expõe que a transfiguração do papel e da imagem de mulheres e crianças nas sociedades ocidentais está atrelada à instauração e ao avanço da Modernidade, que se intensifica com a industrialização e a urbanização. A Modernidade que entregou essas publicações para mulheres e crianças, entrelaçou suas vidas de maneira inédita. Esse entrelaçamento muitas vezes constava nas próprias revistas, como será explorado adiante.

A recorrente troca de anúncios entre as revistas como nas imagens 10 e 11 já deixa entrever que para além dos pequenos leitores a editora *O Malho* concebia como um público de interesse de *O Tico-Tico* as pessoas que eram as suas principais cuidadoras: as mães. A principal interlocutora da revista, além das crianças, eram as mulheres responsáveis pela sua educação e cuidado, como será exposto adiante. São inúmeras as matérias de *O Tico-Tico* em que se menciona ou se fala diretamente com as mães. Além disso, o espaço publicitário da revista infantil dedicava grande destaque aos produtos de público feminino, e muitas vezes se direcionava diretamente às mulheres como nas imagens 12 e 13. Na imagem 13 inclusive o garoto propaganda de um pó de arroz é Chiquinho, símbolo da revista.



Figura 12. “A Saude da Mulher” remédios para “moléstias” femininas. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, 1905, p.19.

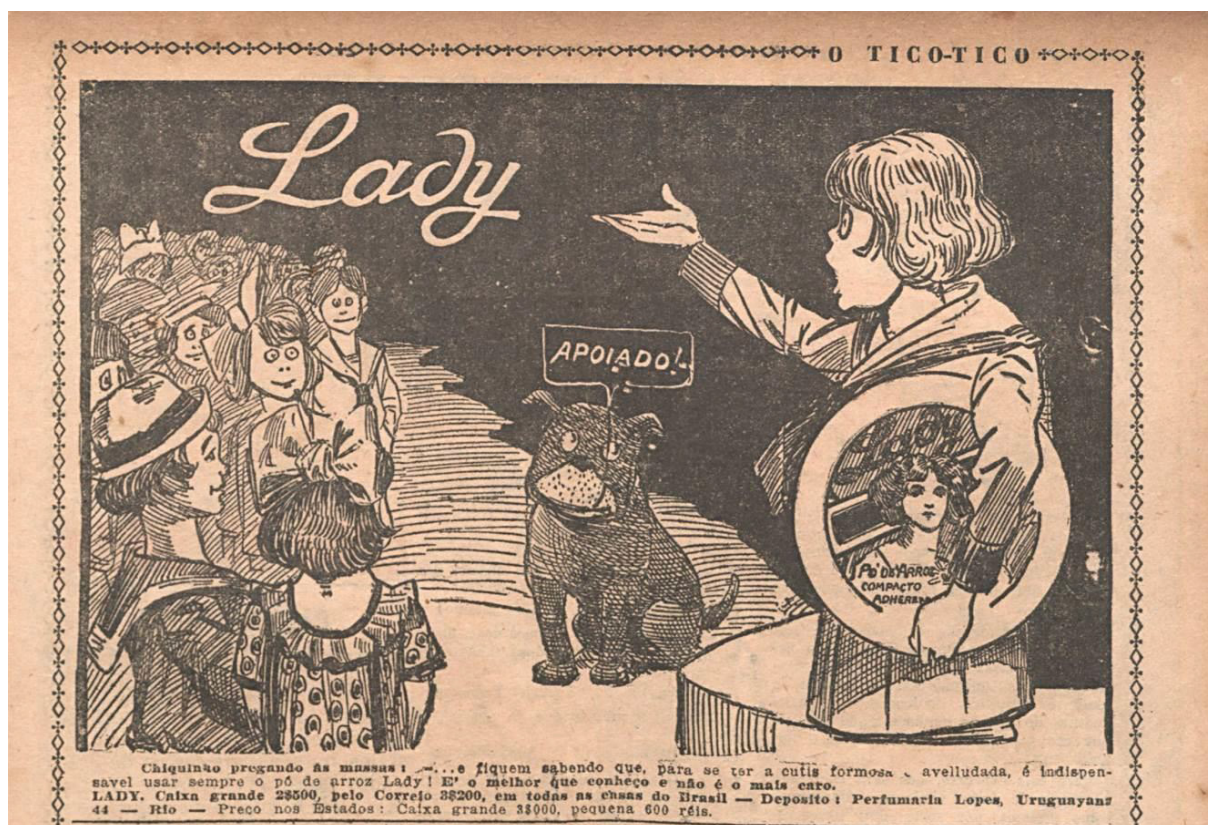


Figura 13. Anúncio Pó de Arroz Lady. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.886, 1922, p.21.

As crianças e suas necessidades também foram constantemente rememoradas em *Anuário das Senhoras*, sendo uma das principais temáticas das revistas. Uma das conclusões centrais que a análise dessas revistas permite é a de que uma discussão sobre a feminilidade moderna necessariamente passa por uma reflexão sobre o ideal de maternidade, entrelaçando intimamente a história das mulheres e a das crianças. Nas próximas páginas abordar-se-á como se elaboraram essas concepções modernas sobre os pequenos na Modernidade, e de que maneira isso foi realizado utilizando como elo central a ala feminina da humanidade.

De acordo com Philippe Ariès, os surgimentos das concepções modernas de família e de infância não só foram concomitantes como complementares. A partir do estudo de uma série de fontes do período medieval e moderno, o autor percebe uma crescente importância da criança nas sociedades ocidentais, em especial dentro do espaço privado, conceito este também oriundo da Modernidade. Para o historiador, a presença cada vez maior de crianças

na iconografia moderna seria um sintoma da “necessidade outrora desconhecida de intimidade, de vida familiar, quando não precisamente de vida em família”.⁶⁶

Teria sido em meados da era moderna que este novo sentimento se diferenciou do antigo sistema de linhagem parental que regia o Ocidente, formando o conceito de família conjugal: “a família formada por seus pais e filhos”⁶⁷. A preocupação com a “honra da linhagem, integridade do patrimônio ou antiguidade do nome” teria dado lugar à “reunião incomparável dos pais e dos filhos”⁶⁸. Apesar dessa transformação ter impactado profundamente a relação entre pais e filhos, os aproximando significativamente, isso não quer dizer que nas eras pré-modernas não existisse a convivência entre esses sujeitos, mas que a partir dos anos 1700 “família” se tornou um valor e imergiu totalmente na sensibilidade dos viventes.

No desenrolar e no amadurecimento do sentimento familiar uma outra sensibilidade, a da intimidade, foi fundamental para forjar os novos laços entre adultos e crianças, entre pais e filhos. Nesse sentido, como protagonista dessa nova construção estaria uma personagem: a mãe-dona de casa e seu respectivo palco: o lar. A família e o lar foram o palco do desenvolvimento de um “sentimento de infância”, que teria surgido nos momentos finais do século XVII, e se desenvolvido principalmente nos séculos XVIII e XIX. Antes do século XVII as crianças que já tivessem o mínimo de autonomia (ou seja, aquelas que não fossem mais consideradas bebês) eram tratadas como pequenos adultos, em certos sentidos menos capazes, mas sem diferenciá-los grandemente de pessoas de mais idade.

Jacques Gélis insere o início do sentimento de infância no declínio da sensibilidade comunitária no Ocidente medieval, o colocando como um elemento essencial na noção moderna de vida privada⁶⁹. Segundo este historiador, a criança, ou como ele se refere, o corpo da criança, era considerado na Idade Média uma parte do “tronco coletivo”, era uma criança “pública”, indistinta do resto da sociedade. O sentimento compartilhado por todos os indivíduos era o de uma família ampla cuja união não podia ser segmentada. A partir do século XVI esta noção teria perdido força e uma ideia de individualidade dos sujeitos passaria a preponderar, sobretudo nas classes mais abastadas e urbanas. A criança nesse sentido também ganharia valor por si própria, não sendo mais considerada somente um elemento de

⁶⁶ ARIÈS, Philippe. *História social da infância e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 199.

⁶⁷ Ibid., p.223

⁶⁸ Idem

⁶⁹ GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: ARIÈS, P; CHARTIER. *História da vida privada 3 – da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

perpetuação das linhagens. Suas vidas ganhariam uma importância particular, e uma série de intelectuais e profissionais, descritos como moralistas, passariam a se preocupar com essas vidas, defendendo nos seus trabalhos as formas que consideravam melhores para proteger os seres humanos mais jovens. A família passa a ser central na emergente noção de individualidade e vida privada.

A partir desse período a sociedade ocidental passou a pensar as crianças de maneira mais individualizada. Uma nova sensibilidade teria conferido aos pequenos particularidades antes não contempladas. Ariès afirma que a transformação dessa percepção sobre as crianças pode ser identificada nas representações imagéticas das sociedades europeias⁷⁰. A princípio existiria ausência quase generalizada de figuras de crianças (que quando muito seriam retratadas como homens e mulheres de menor estatura). Ao avançar do século XVII até o fim do século XVIII haveria um aumento exponencial da representação dos pequenos, com uma anatomia singular, a princípio junto dos pais e posteriormente em retratos sozinhos.

Além das pinturas só de crianças, outro indício deste processo estaria na maneira como as línguas modernas passaram a se referir às crianças e nas maneiras em que popularizaram um “linguajar infantil”. Teria se tornado cada vez mais comum nas línguas latinas na idade moderna apelidos para se referir às crianças (equivalentes aos “pimpolhos” do português contemporâneo). Também teria se consolidado uma forma de falar que era colocada como infantil, como por exemplo, a popularização de termos como “mamãe” e “papai”.

Segundo Philippe Ariès, as motivações dessa mutação da maneira com que se passou a perceber e a tratar os pequenos podem ser reunidas em dois eixos. Um primeiro seria baseado em concepções religiosas. No período de declínio da sociedade medieval a devoção da figura do menino Jesus teria crescido exponencialmente e teria cada vez mais sido relacionada com a imagem dos meninos e meninas da vida mundana. Esta transformação teria contribuído no sentido de atribuir uma certa personalidade particular às crianças, da mesma forma que se encontrava no menino-Deus. Transferindo sua áurea de “santidade” e “inocência” que passou a cada vez mais prevalecer sobre a antiga noção teológica da impureza do pecado original. Já no século XVI, mas sobretudo no XVII, a relação entre crianças e os seres celestiais assexuados, os anjos, surgiu e se tornou cada vez mais forte⁷¹.

O segundo eixo (que estaria associado com o primeiro) seria o de toda transformação científica-médica e da percepção do Estado sobre seus súditos, nesse caso em especial sobre

⁷⁰ ARIÈS, Philippe, op.cit.

⁷¹ ARIÈS, Philippe, op.cit.

as crianças. Uma certa indiferença à morte de recém-nascidos e de crianças pequenas, muito comum na era medieval, a qual teria dado lugar a uma valorização da vida desses seres (valorização essa muito ligada às percepções religiosas tratadas acima) na Modernidade. As crianças mortas, antes sumariamente ignoradas na iconografia ocidental familiar e nos relatos de vida dos adultos, passaram a ter seu lugar de representação nesses espaços enquanto pessoas que deixaram a vida, e não seres inexistentes.⁷²

Elizabeth Badinter afirma que antes do século XVIII recaía sobre as crianças um desinteresse, quando não um desprezo, por parte de seus progenitores e da sociedade em geral⁷³. Dentro do campo da filosofia seria predominante, até o século XVII, uma concepção negativa sobre a infância. Ainda que complementares, as correntes predominantes nesse tipo de pensamento seriam duas. A teológica, baseada sobretudo no pensamento de Santo Agostinho, identificava na criança a marca do pecado original e a tomava como um ser defeituoso que lembrava à humanidade da sua perdição e natureza corrompida; a redenção desse estado de impureza resultaria do esforço consciente contra o pecado, que só poderia ser desenvolvido ao crescer. Complementar e profundamente influenciada por essa corrente de pensamento estaria a segunda, ligada aos estudos filosóficos mais “seculares”, que reafirmariam a negatividade da infância principalmente defendendo a inferioridade intelectual dos pequenos. Dentro desse grupo estariam nomes proeminentes como Descartes, que alegava que a criança seria um ser fraco, dominado pelas necessidades corpóreas e realizações sensoriais, e a infância um período de mentiras suscitadas pelo intelecto deficiente dos seres jovens. Mesmo não falando em termos de redenção cristã, o filósofo coloca como extremamente necessário o esforço consciente dos indivíduos contra seus aspectos infantis para a suas realizações plenas como seres humanos.

Colin Heywood corrobora com a análise de Badinter de que as concepções de infância anteriores ao século XVIII seriam definidas pela ideia da falta, seja uma falta moral, como nas concepções religiosas, seja uma falta física e intelectual, dos tratados filosóficos e do pensamento intelectualizado em geral. Este autor acrescenta, contudo, que, entre as pessoas ditas “comuns” predominaria menos essa visão negativa e depreciativa da intelectualidade sobre as crianças e mais uma falta de interesse sobre a infância e os pequenos. Para essas pessoas, as crianças seriam também consideradas um problema, mas menos no sentido

⁷² ARIÈS, Philippe, op.cit..

⁷³ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

abstrato de sua constituição e caráter e mais no sentido prático, do empecilho que representavam para a vida de seus pais, sobretudo para as genitoras⁷⁴.

É nesse sentido que a concepção de maternidade baseada no afeto e no zelo pelo rebento seria uma “invenção” da Modernidade, pois entre as mães anteriores ao século XVIII predominaria a concepção da maternidade enquanto um obstáculo, quando não um fardo, a ser carregado ou ultrapassado. Entre as mães ocidentais das mais diversas classes sociais preponderava a concepção de que a gestação, e sobretudo a amamentação das crianças pequenas seriam grandes inconvenientes para o desempenho de suas atividades. Entre as classes mais pobres, as mulheres eram submetidas a exaustivas jornadas de trabalho e a limitadas condições materiais, e assim acabavam por se dedicar muito pouco a seus filhos, o que tornava muito alto o índice de bebês abandonados em igrejas e orfanatos até o século XVIII em praticamente todo o Ocidente.

Esse fenômeno de abandono parcial ou completo das crianças oriundas de classes mais desfavorecidas foi interpretado muitas vezes exclusivamente como resultado da miséria em que se encontravam essas famílias. Como se as mães pobres fossem privadas de seguir um natural instinto de maternidade zelosa pelas circunstâncias em que se encontravam. Ainda que não desconsidere a pressão que a falta de condições materiais exercia na vida dessas mulheres, para Badinter este não era o único fator – sobretudo, para, mais que a prática, sua relativa aceitabilidade social -, sendo mais preponderante uma indiferença sobre a vida dos bebês, já que essa renúncia da maternidade não era uma exclusividade dessas mulheres mais pobres, sendo também generalizada nas classes mais altas, o que demonstraria que a ausência ou baixa afeição das mães dessa época pelos seus filhos ultrapassava questões físicas da sobrevivência⁷⁵.

Corroborando esta tese, uma série de dados e informações demonstram que o aleitamento das crianças nobres na França anterior ao século XVIII era realizado quase que exclusivamente por amas contratadas entre as mulheres mais pobres, sendo irrisório o número de mulheres aristocratas que amamentavam o próprio filho⁷⁶. As péssimas condições sanitárias nas quais essas crianças e suas amas se encontravam levava recorrentemente à morte dos bebês, cujas mães não pareciam especialmente impactadas por essa consequência. As funções maternas e as exigências das crianças significariam para essas mulheres

⁷⁴ HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

⁷⁵ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

⁷⁶ Ibid.

abandonar suas vidas sociais na corte e seus entretenimentos, como bailes, teatro, óperas e outros tipos de reuniões. Além disso, o ato da amamentação era muito mal visto entre a alta sociedade, que o enxergava como uma atividade selvagem, pouco elegante. Badinter se coloca na contramão da historiografia que lhe era contemporânea e do senso comum, que alegam que esse pouco apego das mães em relação às crianças se devia à alta taxa de mortalidade nas faixas etárias mais jovens; ela postula justamente o oposto, de que a alta taxa de mortalidade se devia a essa pouca atenção dedicada aos bebês, que pela péssima alimentação e higiene frequentemente vinham a falecer logo nos primeiros meses ou anos de vida⁷⁷.

Seria somente na era moderna que uma grande transformação se operou. Nesse período, a maternidade foi reformulada por intelectuais e instituições e passou a se basear numa ideia de cuidado, que por sua vez era pautado na expectativa de uma intensa afetividade das mães para com seus filhos. Para angariar as mulheres para essa nova maneira de se relacionar passaram a ser proferidos diversos discursos de autoridades, que recorriam muitas vezes à culpa e à ameaça para colocar as mulheres nesse posto alardeado como “natural”. Dessa forma, o famoso “instinto materno”, colocado como atemporal, também teria sido gestado e nascido no não tão longínquo século XVIII.

Foram necessários mais de um tipo de discurso para engajar as mulheres e o apoio da sociedade para esse novo papel que era atribuído a elas. Um tipo de discurso que ganhou forte repercussão é o que concebe a população como um valor econômico, e, por conseguinte, sua fonte, ou seja, a natalidade e as crianças, também é encarada nesses termos. Michel Foucault vai além e coloca que, nesse período, para além de um valor econômico, a população passou a significar um importantíssimo componente na forma de governar os sujeitos⁷⁸. Segundo o filósofo, por volta do século XVIII vários estudiosos e autoridades dos Estados europeus voltaram suas atenções sobre o antigo e persistente problema da dinâmica econômica da escassez/abundância das colheitas e da consequente alta flutuação de preços da comercialização dos gêneros alimentícios. Nesse momento, ao invés de negar esse processo e tentar impedi-lo, essas figuras passaram a interpretá-lo como um componente da realidade, um fato social “natural” que poderia ser instrumentalizado para governar os súditos. Dessa maneira, se antes do século XVIII as pessoas eram colocadas fora dessa dinâmica (pois se acreditava que a mesma era resultante de fatores extra-humanos como desastres naturais),

⁷⁷ BADINTER, Elisabeth, op.cit..

⁷⁸ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. Trad. Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008.

durante esse momento histórico elas passaram a ser introduzidas como elementos centrais dessa lógica.

A população começou a ser considerada um componente essencial para um bom funcionamento desse processo, pois seria a fornecedora da mão-de-obra para a agricultura, fundamental para uma boa safra, e também para a existência da manufatura. Em última instância, uma grande população poderia implicar em bons resultados para a riqueza de um território, que dentro do contexto da expansão do mercantilismo se tornava uma nova garantia do poder estatal⁷⁹. Sendo assim, a estabilidade e a garantia de soberania e do poder do Estado tinham passado a depender de uma administração que pautasse suas ações em relação aos súditos, os encarando não só como um grupo que devia obediência, mas também possuidores de uma série de particularidades e necessidades que, se bem administradas e direcionadas, poderiam garantir a segurança e expansão do poder político. Dessa forma, se durante a Idade Média os soberanos tinham como intenção extrair de seus súditos tudo o que podiam (como exaurir seu trabalho, cobrar impostos ou até mesmo retirar sua vida), com essa transformação sobre as formas de governar passou-se a considerar aquilo que o soberano podia potencializar em seus súditos, o que Foucault chamou de uma lógica “produtiva” de controle. É importante observar que não se trataria de uma mera substituição de um sistema de pensamento e ações pelo outro, mas sim uma ressignificação em que ambas as formas convivem e por vezes se complementam.

Nessa perspectiva, a vida dos sujeitos passou a ser encarada dentro de um cálculo dos benefícios que poderia trazer às nascentes nações. A alta mortalidade dos bebês passou a ser enxergada então como um problema para o desenvolvimento dos Estados. A sobrevivência dos pequenos se tornou uma preocupação das autoridades que recorreram a uma série de discursos e procedimentos para tentar contornar a situação. Dessa forma pode se afirmar que as crianças antes ignoradas, quando não desprezadas, pelo Estado passaram a possuir uma importância fundamental para o poder político.

Ariès destaca que essa nova importância que as crianças adquiriam na modernidade não significava que nos séculos anteriores as pessoas não mantivessem relações de afeto com os pequenos, apenas que as concebiam de maneira diferente do que se estabeleceu depois, fazendo com que esse afeto tivesse nuances diversas. Também é importante pontuar que o processo de criação desse conceito não foi homogêneo em todas as localidades, sendo que em diversos grupos sociais e locais a concepção moderna de infância não teve a mesma

⁷⁹ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. Trad. Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008.

infiltração até o século XX, se destacando os diferentes momentos que passaram nesse processo os grupos urbanos e rurais, e as localidades europeias e não europeias. Uma nova percepção sobre as crianças, sobre suas inocências e necessidades de cuidados, teria se iniciado primeiro entre a burguesia europeia, impactando posteriormente a aristocracia e ainda no século XIX e começo do século XX não seria comum entre vários grupos de camponeses mais afastados dos centros urbanos.

Nos séculos XIX e XX essa nova noção de infância e sua ampla importância na concepção de vida privada já estavam muito bem consolidadas no cotidiano e na sensibilidade dos indivíduos, segundo Michelle Perrot que analisa uma massiva produção médica, psicológica, pedagógica e jurídica em torno do cuidado das crianças da virada do século⁸⁰. Apesar de concordar com essa análise, Colin Heywood⁸¹ afirma que existiam muitas variações regionais da visão da criança dentro da própria Europa ao longo não só do período moderno, mas também no período contemporâneo. Percepções características do Medievo poderiam ser encontradas no século XX, mesmo nas classes mais altas, e concepções tidas como características da Modernidade seriam já presentes em algumas regiões europeias na Idade Média. Este autor rejeita a ideia de que os adultos da Idade Média não diferenciavam as crianças de si, mas aponta que a visão que eles tinham sobre elas era radicalmente diferente da que se construiu na Modernidade, pois como já foi tratado anteriormente, na tese de que essa distinção seria baseada na ideia da falta.

Apesar das diversas nuances e momentos que esse processo passou ao redor do globo, é inegável que a partir dele surgiu no Ocidente toda uma defesa sobre a saúde infantil e os cuidados da criação de crianças, uma íntima “relação entre os progressos de sentimento da infância e os progressos de higiene”⁸². Jurandir Freire Costa analisa esse nascimento da higiene em terras brasileiras e afirma que essa nova concepção médica foi fundamental para a formação e consolidação do modelo familiar moderno⁸³. De acordo com o autor, este movimento higienista, para além de ter impactado profundamente as reformas urbanas e a maneira como se concebia a saúde individual, também alterou profundamente os arranjos e relações familiares. A partir da imposição de uma nova “educação física, moral, intelectual e social”⁸⁴ baseada nos preceitos científicos de saúde da época, a família foi alçada à posição de principal responsável pela proteção da vida humana, em especial a das crianças, e foi

⁸⁰ Perrot

⁸¹ Op.cit.

⁸² ARIÈS, Philippe, op.cit., p.270

⁸³ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. São Paulo, Graal, 1979.

⁸⁴ Ibid., p.12

modelada segundo o paradigma da família nuclear, dos pais como cuidadores dos filhos. Paradigma que seria fruto da burguesia, extrato social que passou a ter cada vez mais relevância com o avançar da era moderna e contemporânea. Uma das principais diretrizes dessa nova ordem médica seria o amor familiar, que seria propagandeado nos mais diversos discursos. O desvelo dos pais pelos seus filhos passaria a ser alardeado não só como relevante, mas como um fato da natureza, que, no entanto, deveria ser aprimorado a partir de conhecimentos técnicos e preceitos científicos, devidamente fornecido por médicos e autoridades sanitárias.

No Brasil, essa mudança de paradigma sobre a saúde também estaria atrelada à transformação da antiga colônia em Império e posteriormente em República. As doenças, as epidemias e todos os demais flagelos da saúde seriam diretamente ligados ao passado colonial, o qual deveria ser superado por novas práticas nas quais a família era a principal protagonista e a cidade seu palco. A porta de entrada dessa nova moral higiênica e da formação da família moderna no Brasil se deu primordialmente na metrópole do Rio de Janeiro, e seu principal público foram as famílias burguesas que lá residiam.

As análises de Ana Laura Godinho de Lima⁸⁵ apontam na mesma direção do trabalho de Costa, todavia a historiadora ressalta que o papel de cuidadora e responsável pela manutenção da vida das crianças atribuída à família cabia quase que exclusivamente a uma figura: a da mãe. Ao analisar diversos manuais sobre cuidados e educação com as crianças brasileiras do final do século XIX e início do século XX, a pesquisadora afirma que a principal interlocutora desse tipo de discurso era a mulher. Esses manuais que se tornaram muito populares no final do século XIX e especialmente no século XX tinham como objetivo, a princípio, apregoar as concepções fundamentais da puericultura, sobretudo entre as mulheres com maior educação formal das classes mais abastadas.

Com o avançar do século XX essas literaturas passaram cada vez mais a se dedicar também a tratar sobre a criação de crianças para além dos aspectos mais práticos das suas funções fisiológicas, sendo difundidos não só para as mães, mas também na formação de professoras nas Escolas Normais. Também nas primeiras décadas do novo século, com o advento do rádio e com uma profusão de palestras em espaços de sociabilidades femininas, esse tipo de conhecimento passou a ser difundido dentro das classes menos favorecidas.

⁸⁵ LIMA, Ana Laura Godinho. Maternidade higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. *História: Questões & Debates*, 2007, 47.2, pp. 95-122.

Apesar dessas transformações, o tom que ditava esse tipo de discurso permanecia inalterado: a de uma autoridade sanitária ditando a maneira correta de se cuidar e formar crianças.

De acordo com Lima, um discurso recorrente nesse tipo de trabalho era o do médico - um homem mais velho com alta instrução formal - elogiando a suposta amorosidade e preocupação da mãe brasileira para com seus rebentos, porém, criticando e alertando para sua ignorância em relação à criação da criança e os perigos que isso poderia acarretar para a vida desta⁸⁶. Esses especialistas colocavam sempre como um empecilho para o desenvolvimento dos pequenos a sabedoria advinda das experiências maternas práticas, representadas na figura da mulher mais velha conselheira. Eles a classificavam como “crendices” altamente nocivas à saúde das crianças. O contraponto desse tipo de conhecimento seria a ciência que oferecia, baseados em estatísticas, tabelas e autores estrangeiros de grande autoridade no meio, a única maneira correta de formar as crianças. A culpa era um grande instrumento desses médicos para direcionar as mulheres para o caminho que julgavam adequado, sempre as recriminando fortemente por buscarem auxílio em outras figuras e as responsabilizando pelos males que poderiam acometer os pequenos.

A amamentação inclusive passou a ser o centro de atenção desses estudiosos, que a colocavam como fonte de quase todos os problemas e soluções relacionados às crianças pequenas. Seria por meio desse tipo de discurso que a amamentação se estabeleceu no imaginário da sociedade ocidental como uma atividade natural, e, portanto, obrigatória, que as mães deveriam fornecer aos seus filhos. As mais diversas autoridades que trataram sobre o assunto, como esses médicos higienistas, mas também outros estudiosos que se dedicavam a pensar sobre a infância, como educadores, postulavam não só que a amamentação seria imprescindível para o bebê, mas também fundamental para a mãe, que deveria encarar tal atividade como algo prazeroso. Essa concepção não só tendia a ignorar as mais diversas dificuldades que tal cuidado acarretava na vida dos indivíduos, e especialmente das mulheres, mas também as culpava pela existência ocasional de atribulações e impedimentos.

Nas revistas aqui analisadas pode ser observado a grande reverberação desse tipo de discurso. São inúmeros os textos e matérias que apontam como a formação dos indivíduos desde seus primeiros anos de vida seria totalmente dependente da figura feminina. A saúde das crianças era um tema muito recorrente na imprensa feminina, que assim como nos manuais de puericultura, a atrelaria intimamente ao afeto e ao cuidado físico que suas mães deviam lhe dedicar.

⁸⁶ Ibid.

Em *Anuário das Senhoras*, matérias sobre higiene e cuidado infantil são abundantes. Constatam em suas mais diversas formas em todas as edições, inclusive também anúncios de manuais de puericultura e cuidado infantil, como o abaixo:



Figura 14. Anúncio “Sã maternidade”. “Conselhos e sugestões às futuras mães; Livro premiado pela academia nacional de medicina (medalha de ouro). Premio Mme. Durocher. Do Professor Arnaldo de Moraes. Livraria Pimenta de Mello. 34. Travessa do Ouvidor-Rio”. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, 1934, n.2, p.36.

Como pode ser observado, esse anúncio tem um grande destaque na página, chegando a ocupar cerca de 1/3 do tamanho da folha, denotando a importância que lhe era atribuído. O próprio nome da obra veiculada demonstra seu alto teor higienista ao atrelar maternidade e sanidade, além de vários outros elementos reforçarem essa percepção, como o destaque dado ao fato de ter sido premiado com medalha de ouro pela academia nacional de medicina e de ter sido escrito por um professor, portanto um especialista, conferido um ar de autoridade aos tais “conselhos e sugestões”. Esse tipo de “reclame” se faz presente em todos os 20 anuários analisados e é muito recorrente encontrar mais de um título anunciado ao longo das seções.

Para além dos anúncios de livros e manuais propriamente ditos esses conteúdos também podem ser encontrados dentro dos escritos da própria revista, como nas imagens mostradas a seguir, de uma matéria do anuário de 1941, que reproduz trechos do próprio livro “Sã Maternidade”, sete anos após o primeiro anúncio ser veiculado, o que já demonstra algum grau de sucesso comercial do produto.



Figura 15. Sã Maternidade. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, 1941, n.8, p.196-197.

Sã Maternidade. 1941. “Este título pertence a um livro precioso, escripto pelo Dr. Arnalddo de Moares, cuja Maternidade, como o nome do ilustre Professor, fica em Copacabana à travessa Frederico Pamplona n 32. O livro citado é um desses compêndios necessários ao lar que se forma e ao lar já formado, por enfeixar uma serie de “conselhos pre-nataes, ou de puericultura intra-uterina, expostos com methodo, para que não escapem recommendações indispensáveis e, assim, não pretende substituir a assistência medica no decorrer da gestação, mas tão somente auxilia-la pela facilidade de sua consulta...”⁸⁷

Nesse trecho transcrito, assim como no anúncio, novamente se reforça o caráter de autoridade da figura do autor, um médico proprietário de uma maternidade. Também é destacado como o livro é algo indispensável à formação de um bom lar. Dessa maneira, o trecho sugere que o saber sanitário era fundamental para a boa composição de uma unidade familiar, cujo êxito dependia da leitora, a interlocutora e consumidora do texto. A matéria segue citando algumas passagens da obra, a começar por aquelas que tratavam do período da gestação:

A hygiene pessoal da gravida comprehende o conjunto de preceitos sobre hábitos da vida, passeio, desportos, viagens, repouso, trabalho, funcionamento dos emunctórios (intestinos, rins, pelle), cuidados com a boca, dentes, seios, emedios e vacinas, hygiene mental “desejos” e “impressões”, vestuário...Há senhoras que no estado gravidicio teem “desejos de comer certos alimentos, e teme-se que se forem contrariadas a creança com isso, podendo nascer com “marcas e signaes”. Não há fundamento para assim se pensar, e esses “desejos” dependem antes da educação da mulher em saber dominar os apetites..Logo aos primeiros singnease de gravidez deveriam todas as senhoras procurar o medico parteiro. Essa primeira consulta.

⁸⁷ *Anuário das Senhoras*, n.8, 1941, p.196-197.

Quando feita no início da gestação, permite um exame geral da paciente, verdadeiro “exame da saúde”.⁸⁸

Neste texto, um homem, a partir de sua posição de autoridade, a de médico, reforça a responsabilidade, ou até mesmo a culpa, sobre a vida da criança que nem é ainda nascida. Fica claro o tom de advertência que essa figura atribui sob todos os aspectos da vida da gestante, colocados sempre em função do bebê, até mesmo aqueles que mais escapariam do escopo da ciência, como “impressões” e “vestuário”. O autor é imperativo no que devem ou não fazer essas mulheres. No trecho sobre alimentação há até um certo julgamento sobre o controle de apetites e a questão dos “desejos”. Dessa forma, a boa mãe (ou a mãe ruim) passa a existir antes mesmo do parto, dependendo se seguirá ou não todas as diretrizes médicas e estará disposta a devotar sua vida à gestação.

Se o período pré-natal já é tratado com grande destaque, após o nascimento a culpabilidade da mãe é ainda mais intensificada. Este é um dos vários trechos preenchidos de recomendações sobre o cuidado físico do bebê, sobretudo a amamentação.

.Após uma série de conselhos no capítulo. “Os cuidados no sobre-parto” vêm “Os cuidados com o recém nascido, os quaes consistem “de um modo geral, no exame diário dos olhos, nos cuidados com o umbigo, no asseio corpóreo, na amamentação e na pesagem..Oito a dez horas após o nascimento deve ser dado o seio a criança..A melhor garantia para a vida e saúde do recém nascido é o leite materno dado com regularidade...Sã maternidade é um livro indispensável é o agradecimento do “Anuário das Senhoras” ao professor Arnaldo Praes, por deixar que mesmo em ligeira synthese, aqui se estampassem alguns trechos dos seus livros a quem se entendem, a rigor, por excelente colaboração nestas paginas dedicadas à Gente Meuda, e, e, consequência as mães”⁸⁹.

Em *O Tico-Tico* o tema não era menos recorrente, com várias matérias voltadas a orientar as crianças sobre higiene e por várias vezes colocando como a principal responsável as mães.

⁸⁸ *Anuário das Senhoras*, n.8, 1941.

⁸⁹ *Anuário das Senhoras*, n.8, 1941

Hygiene do cabelo nas creanças

Uma cabeleira abundante e bem cuidada constitui o melhor adorno da mulher; um rosto de feições regulares, classicas, será menos attraente se apparece rodeado de escassa cabeleira, sem cor e sem brilho, e ao contrario causa a melhor impressão um rosto menos bonito, porém favorecido por um formoso cabelo.

Infelizmente são muitas as mulheres que se descurdam por completo, ou não tratam bem d'esse adorno que a natureza lhes deu, limitando-se a pas-

sarem pela manhã algumas vezes o pente e fazendo logo o penteado, que conservam durante todo o dia.

Antes de se deitarem tiram os grampos, sem que quasi nunca pensem em arejar um pouco o cabelo e em fazer d'elle tranças frouxas; muitas até, por preguiça, nem ao menos desmancham o penteado quando vão dormir.

Para se convencerem de que uma hygiene racional revigora e embelleza o cabelo, mantendo sua cor e sua espessura até a uma idade



Como deve lavar-se o cabelo

avancada, basta prestar attenção ás ingliezas; as filhas da Albion consagram aos seus cabelos os mais sollicitos cuidados: soltam-nos diariamente antes de se deitarem, esfregam o couro cabeludo com agua ligeiramente alcoolica, lavam a cabeça pelo menos de quinze em quinze dias e usam o menos possível os ferros de frisar.

As senhoras ingliezas podem ser apresentadas como modelos, no ponto de vista do cuidado que dispensam ás cabeleiras dos seus filhos: raras são as mães, naquella paiz, que fazem adormecer os seus pequenos sem desembaraçar-lhes os cabelos e em meio de todos os seus trabalhos domesticos encontram, á noite, o tempo sufficiente para alisar com as mãos propria a mecha o cabelo dos seus filhos, empregando o pente e a escova.

Aos meninos não se corta o cabelo rente, até a epocha em que vão para escola; antes d'esse tempo, conservam-no aparado, não muito comprido, formando cachês, que lhes cahem ás vezes pelos hombros e que as mães tratam habilmente de en-



Modo de reparir o cabelo

crestar todas as noites, quando a natureza não se encarrega de encrespal-o por si.

Para isso, dividem o cabelo em cinco ou seis mechas e enrolam cada uma em uma tira de papel, que logo torcem em nó junto á cabeça; e, na manhã seguinte, desenrolam os cachos assim formados, agitando-os com os dedos; ou melhor, com um pedaço de madeira roliço. Quando é naturalmente crespo, não é preciso, como se deprehende, enrolal-o, bastando agitar cada cacho sobre o pequeno bastão, para separal-os bem pelas raizes emmaranhadas.



Uma cabeleira bem cuidada

Tratando-se de meninas, é mais bonito usar o cabelo solto, com um pequeno chales que cobre os hombros; para isso, deve-se trançal-o á noite, depois de bem desembaraçado.

Até as mocinhas usam alli o cabelo solto e nenhuma máe pensa em fazer um penteado propriamente dito antes de usar vestidos cumpridos. Esse costume deve-se, em grande parte ás formosas cabeleiras, que as ingliezas ostentam, pois o crescimento do cabelo não é dificultado nellas por ataduras nem grampos, nem pelos tão prejudiciaes ferros de frisar.

Se a creança é dotada de um cabelo forte e bonito, não é preciso applicar-lhe senão alguns cuidados que correspondem ás regras da saúde e da esthetica.

As mais importantes d'essas regras, são as seguintes: lavar a cabeça uma vez por semana, e se o cabelo é muito secco e o couro cabeludo não é propenso á formação de caspas, de duas em duas, ou de tres em tres semanas. Pentear e desembaraçar o cabelo todas as noites; e, de quando em quando, sobretudo depois da lavagem, untal-o com um pouco de óleo de oliveira perfumado.

Os melhores oleos ou pomadas podem fabricar-se em casa com azeite de oliveira puro, ou glicerina, ajuntando-se-lhe umas gotas de essencia de rosa, violeta ou lyrio, agitando o liquido antes de usal-o.

Para lavar a cabeça de uma creança de cabelo asperos e sem brilho, é muito conveniente um shampoo, preparado como se segue: em meio litro d'agua previamente fervida, dissolvem-se umas sessenta grammas de sabão de azeite de oliveira, bate-se uma

Figura 16. "Hygiene do cabelo das creanças". *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.394, 1913, p.7.

Nesta matéria se faz uma série de recomendações sobre a hygiene capilar infantil. Ao longo do texto se deixa muito claro a importância da hygiene dos cabelos para a constituição de uma criança bem cuidada com boa aparência, especialmente para as meninas. Também fica muito bem exposto que a principal responsável por essa tarefa deveriam ser as mães, e se cita como exemplo as mães inglesas que lavariam o cabelo de suas crianças na ideal frequência de uma vez por semana.

O TICO-TICO

8

ALMANACH D'O TICO-TICO

Vocês estão estranhando o facto de terminar o mez de Dezembro sem ter apparecido o *Almanach d'O Tico-Tico*. Mas isso tem uma explicação muito razoavel. Nós estivemos reformando as nossas officinas exactamente para melhorar todas as nossas publicações e só agora é que recebemos as ultimas machinas, de modo que só este mez vamos começar a fazer o nosso *Almanach*. Mas vamos apressar-o o mais possível e os nossos leitores não perderão com a demora.

AS MÃES

Vinol

Quando virdes os vossos filhos fracos e rachíticos, em consequencia de crescimento demasiado, excesso de estudo, falta de exercicio, ou anemia; ou, quando, após enfermidades que debilitam os seus pequeninos corpos, os virdes continuar fracos e tristes mezes e mezes consecutivos, como si jamais recuperassem a saude perdida, dae-lhes VINOL, nosso delicioso preparado de figados frescos de bacalhão, sem oleo, combinado com Peptonato de Ferro Medicinal, e vereis logo como ficam fortes, tomam boas cores, e os vossos corações de mães se alegrarão com essa transformação. — VINOL não contém oleo, não repugnando, portanto ao estomago o mais delicado, e é, além disto, de sabor delicioso. — Com o seu uso tornam-se, as crianças robustas e sadias e é um dever das mães experimentar este preparado, na sciencia de que devolveremos o dinheiro si não der os resultados que annunciamos.

AGENTE GERAL PARA O BRAZIL

PAUL J. CHRISTOPH
RUA GENERAL CAMARA 145 (antigo 123)
RIO DE JANEIRO
Rua da Quitanda n. 3 -- São Paulo

AGUA OXYGENADA DE CUSTER

PARA A HYGIENE DAS CRIANÇAS NÃO TEM RIVAL

Evita todas as molestias contagiosas, extingue as erupções cutaneas e é um poderoso e infallivel preservativo contra as molestias venereas. Como loção, torna o cabello louro.

A sua applicação na cura rapida de ulceras e feridas chronicas, verifica-se constantemente e é de um valor inestimavel para combater as affecções da garganta, como sejam, a diphtheria, a laryngite, etc., usando-a em gargarejos.

A melhor agua oxygenada é preparada nos laboratorios da **CUSTER CHEMICAL Co.** de Nova-York; não tem cheiro e é agradabilissima ao paladar e de grande utilidade para a hygiene da bocca e conservação dos dentes.

Acompanha direcção para seu uso: Custo de cada frasco, 1\$500, em todas as pharmacias e perfumarias. Agentes depositarios: De la Balze & C., Rio de Janeiro.

Olhae para o futuro de vossos filhos

Daes-lhes Morrhuina (princípio activo do oleo de figado de bacalhão), de
COELHO BARBOSA & C. --- RUA DOS OURIVES 86 e QUITANDA 74 F
assim os tornareis fortes e livres de muitas molestias na juventude.



Figura 17. Vários anúncios de produtos de higiene para crianças. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.172, 1909, p.8.

Na página acima (figura 17) consta uma série de anúncios de produtos para higiene, e pelo menos dois deles apelam diretamente às mães. Em destaque está o anúncio “AS MÃES VINOL”, que diz o seguinte:

Quando virdes os vossos filhos fracos e rachíticos, em consequência do crescimento demasiado, excesso de estudo, falta de exercício ou anemia: ou quando após enfermidades que debilitam seus pequeninos corpos, os virdes continuar fracos e tristes mezes e mezes consecutivos, como si jamais recuperassem a sua saúde perdida, dae-lhes VINOL...Com seu uso tornam-se; as crianças robustas e sadias e é um dever das mães experimentar esse preparado, na sciencia de que devolveremos o dinheiro si não der os resultados que anunciamos⁹⁰

Também o anúncio de óleo de fígado de bacalhau se dirige a um adulto, e mesmo que não especifique propriamente as mães, é seguro dizer que estavam se dirigindo a elas: “Olhae para o futuro de vossos filhos. Dae-lhes Morruina (principio ativo do óleo de fígado de bacalhau...assim o tornareis fortes e livres de muitas moléstias da juventude”.⁹¹

Apesar das mães serem as principais responsáveis pela saúde e pelo zelo do físico de seus filhos, *O Tico-Tico* também coloca como uma tarefa das próprias crianças zelar pela sua própria higiene. Na imagem 18 é possível perceber que a higiene infantil era tão relevante nesse período que consta até mesmo como uma matéria escolar.

⁹⁰ *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.172, 1909, p.8.

⁹¹ Idem.



Figura 18. Manuel Valejo Contreiras e Raphael Stamato Sobrinho. Aprovado com dinsticção em Geografia, H. do Brazil e plenamente em Arithmetica, Instrução Cívica, Hygiene e Desenho. *O Tico Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n. 536, 1916, p.23.

Para além desse cuidado mais “prático”, caberia às mães também se dedicar a outros aspectos do trato com os filhos como, por exemplo:

O berço da criança sem balanço e que antes deverá ser provido de rodas para fácil deslocamento, será previamente preparado para recebe-la... O enxoval, quase sempre tarefa materna, cheia de encantos, não necessita ser muito vultoso, pois sera cancela em vão fazer muita roupa para quem crescerá rapidamente...⁹².

É interessante notar essa preocupação do médico em aconselhar sobre assuntos que, ao olhar contemporâneo, escapariam totalmente da função de um especialista em saúde, como o tamanho do enxoval do bebê ou a qualidade do carrinho de passeio. Trechos como esse deixam entrever a dimensão da grande penetração da medicina e da ciência nos lares, tratada

⁹² *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n. 8, 1941, p.35.

por Costa⁹³. Além disso, ainda que brevemente, esse trecho é significativo ao atrelar as funções da maternidade a um sentimento de amorosidade no momento em que descreve a tarefa de produção do enxoval como algo “cheio de ternura”. Essa passagem, juntamente com as imagens da matéria, de uma mãe acariciando e brincando com seu bebê, reforça os pilares da maternidade moderna: a junção das noções higienistas com uma ideia de afeto intenso. Este último inclusive, o famoso amor materno, é uma das principais temáticas de *Anuário das Senhoras*. Como será abordado a seguir, nesse amor de uma mãe para seu filho sempre é muito marcante a doçura trazida por essa relação, mas também a grande abnegação e sofrimento que lhe fazem parte. A matéria a seguir indica muito bem essa questão:



Figura 19. Poema "Cantiga de mãe". *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.2, 1934, p.5.

Figura 20. Poema "Presentimento". *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.7, 1940, p.308.

Uma espécie de “sessão” muito recorrente nessa publicação é inclusive uma página dedicada a um poema cantando as belezas e as glórias da maternidade. Como pode ser observado nas figuras 19 e 20 esses poemas são repletos de termos como “doçura”, “doce”, “risos” e palavras no diminutivo, denotando a meiguice e suavidade do cuidado materno e da relação mãe e filho. O uso de diminutivos para tratar de mães e crianças é inclusive abordado

⁹³ COSTA, Jurandir Freire, op.cit..

por Ariès em sua obra⁹⁴. Este autor aponta para a relevância dos apelidos carinhosos para demarcar uma identidade familiar e um sentimento de intimidade. O uso mais difundido do diminutivo e do apelido corresponderia a uma familiaridade maior e, sobretudo, a uma necessidade de as pessoas se chamarem de uma forma diferente do que estranhos o fariam, de sublinhar através de uma espécie de linguagem particular a solidariedade de pais e filhos e, conseqüentemente, a distância que os separava de todos os demais. Além disso, “o marido dava a mulher o mesmo nome que as crianças a chamavam: mamãe”⁹⁵. Este tipo de tratamento entre homens e mulheres é significativo, pois seria um indício do reforço da imagem da mulher enquanto “cuidadora” não só das crianças, mas também de seu marido, ou seja, de toda a família. O uso de apelidos e diminutivos no tratamento para com as crianças também serviria como uma forma de exprimir uma ternura e uma inocência em relação a esses indivíduos. Na figura 20 o ato de amamentar é idealizado a partir da figura de Maria, mãe de Jesus. A partir dessa associação o ato da amamentação é apresentado como um momento sublime para a maternidade.

Esses poemas também são sempre acompanhados de imagens de mães abraçando e acariciando os pequenos, reforçando essas concepções. Um fator interessante de ser observado é que, em algumas edições, essa seção do poema dedicado às mães é também acompanhada de anúncios de produtos, como na imagem abaixo:

⁹⁴ ARIÈS, Philippe. *História social da infância e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

⁹⁵ ARIÈS, Philippe, op.cit., p.252

38 ANNUARIO DAS SENHORAS

Mãe!

LEONCIO CORREIA

Mãe! minha Mãe! na augusta claridade
Dos teus olhos tranquilos e radiosos
Ri-se o céu; e se o céu não rir, quem ha-de
Rir, acaso, por olhos tão piedosos?

Como as estrelas pela imensidade,
Desencruam-se nesses os formosos
Dona dessa alma, e os vejo eu — com que
[saude] Com que sabor de beijos lacrimosos!

Sonhei: em raios de astros, dos anjos
Papoi, descendo, um anjo, ao ver-me triste,
Como a casta nympha dos países,

Falou: com doce, com amavel chiste:
Por que choras, feliz, se ainda posses
O amor mais sadio que na terra existe?

Roubem-me o Rio, o ramo desflorado
Da Vida, e os Sonhos roubem-me, que, mudo
E frio quedarei ante o que lindo
Era, e tornou-se tenebroso e rudo.

Que rinja e rúa e rôe, retinindo
Meu Torção de Marfim, e que eu, desnudo
De Fé, mendigot... Do desastre infundo
Ficando o teu amor, fica-me tudo.

Pois que a vida me dando, Mãe, me dêste
Farte da tua, e o teu amor, que enlaça
Meu ser, como uma falza azul-celeste,

Sei que darias, com um sorriso doce,
Para salvar teu filho da desgraça,
A propria vida, se preciso fosse...

SILVA ARAUJO

TODA A MÃE DEVE
AMAMENTAR
SEU FILHO

ELIXIR GALACTOGENO

Tonifica o organismo
e produz leite

FORMULA DO D^r MIRANDA CARVALHO




Figura 21. Poema "mãe!". *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.2.1934, p.38.

Novamente nesse anúncio podem ser notados preceitos higienistas de puericultura, com o imperativo “Toda a mãe deve amamentar seu filho” e na própria concepção do produto, um elixir criado por um médico para tonificar o organismo materno e produzir leite. Não é por um mero acaso que é veiculado logo abaixo do poema sobre o amor materno. Ao ser posicionado dessa maneira a propaganda rapidamente vincula todo o amor da boa maternidade anteriormente cantada com a necessidade de adquirir tal mercadoria para se tornar a mãe digna dos elogios. Cabe mencionar que grande parte dos produtos desse tipo (assim como com os cosméticos abordados anteriormente), apesar de ressaltarem suas formulações “científicas”, viriam a ser refutados anos mais tarde e considerados como fármacos sem validade prática e algumas vezes até nocivos à saúde. Por vezes acabaram em um mesmo patamar das “crendices” que alegavam combater. Para além desse tipo de mercadoria diretamente ligado à saúde das mães ou bebês, um outro setor da indústria que

cada vez mais conquistava espaço no século XX se utilizou massivamente da figura da mãe zelosa e amorosa: a indústria alimentícia.

27 O TICO-TICO

UMA CRIANÇA INTELLIGENTE

Mamãe dê-me um selio de 20 réis para eu comprar um litro de leite? Como? Não é possível, mormente agora que o leite está mais caro. E' sim, me disseram que n' *O Tico-Tico* vem um coupon que se a mamãe mandar a uma casa elles remetteem um litro de leite. Vamos ver..... Ah! está aqui, tens razão meu filho, trata-se de um producto inglez LEITE MATERNISADO EM PO' "GLAXO" aliás o melhor alimento para as crianças não só porque é muito nutritivo e de facil assimilação, como também por ter um esplendido paladar e excellente aroma, e immediatamente vou fazer-te a vontade, mesmo porque eu aprecio muito este producto, e tu, meu filho, vas ficar bastante contente e não has de querer d'ora avante outra cousa, senão o "GLAXO".

As crianças muitas vezes prestam grandes serviços; como acaba de se verificar, uma criança que desperta a attenção da sua mamãe para salvar-se da espantosa mortandade infantil, sempre na maior parte devido a alimentação artificial, trazendo por consequente grande contentamento no lar.

Todas as mães de familia, para conhecerem e experimentarem o referido producto, terão somente o trabalho de remetterem, devidamente informado, o coupon abaixo, para receberem em seguida, na volta do correio, livre de todos os gastos, um livro bem util tratando dos cuidados das crianças e uma amostra para preparar um litro de leite, adicionando-se exclusivamente agua quente depois de fervida, e dirigir o coupon ao:

Illmo. Sr.
Secretario do Harrison Instituto
Caixa do Correio 1871
Rio de Janeiro

Glaxo

A AMA DO SEculo VINTE

SEMPRE PURA,

SEMPRE EGUAL,

SEMPRE Á MÃO

COUPON

Illmo. Sr.
SECRETARIO DO HARRISON INSTITUTO — NO RIO

Quoira remetter-me gratis livre de porte o interessante livro tratando dos cuidados das crianças para as Mães de Família e uma lata de amostra.

Nome _____ No. _____

Rua _____

Cidade _____

Estado _____

A criança tem _____ meses de idade

Corte-se este coupon e remetta-se em envelope aberto com porte simples de 20 réis, que immediatamente recebe-se o pedido.

Tico-Tico, 27-8-13

ENCONTRA-SE NAS DROGARIAS DO RIO

Figura 22. Anúncio Leite em pó Glaxo. *O Tico-Tico*: O Malho, n.412, 1913, p.27



Figura 23. Anúcio Achocolatado MILO. *Anuário das Senhoras*, n.20, 1953, p.261.

SENHORA! Quer ver seus filhos saudáveis alegres e bem dispostos para estudar e brincar? De MILO aos seus filhos pela manhã, no lanche e à noite antes de dormir. MILO é um alimento concentrado que contém o que o organismo necessita:

leite integral

cereais maltados

açúcar

vitaminas A2, B1, B2 e D

Fosforo, magnésio, cálcio e ferro em forma orgânica facilmente assimilável

MILO refaz as energias, aumenta a vitalidade e é tão gostoso que seus filhos serão os primeiros a pedir:

“Mamãe...quero MILO!”

Novamente podemos notar alto tom apelativo dos anúncios, não só pelo uso de imperativos (comum a todo o tipo de publicidade da época), mas por atrelar a necessidade da

compra do produto a uma boa maternidade. Afinal, que mãe não gostaria de ver seu filho “saudável, alegre e bem-disposto”? Com certeza uma mãe diligente gostaria.

Cabe questionar sobre quantas destas atitudes colocadas por revistas eram realmente colocadas em prática pelas próprias leitoras das revistas ou se eram ignoradas ou relegadas a empregadas. Ainda que ao longo das páginas e das décadas se mudem os produtos em si, as dicas e as recomendações, o que todo esse tipo de conteúdo veiculado nas revistas deixa claro é que já estão muito bem estabelecidos dois elementos nesse período: a relevância da unidade familiar para a constituição da sociedade ocidental moderna; e a sua dependência da mulher na figura materna. As fontes deixam claro que a boa ou má saúde das crianças depende fundamentalmente da atitude de suas mães, da sua vontade e capacidade de seguir as recomendações médicas e de consumir os produtos certos. A massiva assiduidade em *Anuário das Senhoras* abre a possibilidade para o questionamento de quanto dessas práticas, em especial as de puericultura, realmente foram adotadas pelas mulheres e em que medida estas poderiam estar se recusando a aceitar essa missão da maternidade, já que sua insistência sugere um certo fracasso de adesão.

Extremamente atreladas a essas novas noções sobre higiene e a imagem religiosa da infância estariam as novas perspectivas morais que impactaram profundamente a maneira dos adultos de agirem sobre as crianças, sobretudo pelo conceito moderno de educação. A partir das perspectivas religiosas e médicas as crianças passaram a ser encaradas como seres frágeis, tanto em um sentido físico quanto moral, que precisavam ser desenvolvidas pelos adultos. A educação formal pública foi a principal proposta então dos intelectuais que tratavam da infância. Encarada enquanto uma “quarentena”, a escola, desde os jesuítas do século XVII até sua disseminação no século XIX, foi colocada com o papel de isolar as crianças das impurezas do mundo e de prepará-las para os desafios morais e intelectuais da vida adulta.⁹⁶

Para além da educação formal, o ambiente privado seria colocado como um lugar muito importante nessa nova percepção de infância. Como já foi discutido, essa nova maneira de conceber as crianças teria um grande impacto nas relações entre pais e filhos, mas sobretudo entre mães e filhos. O conjunto familiar não se tratava mais da união de vários indivíduos com interesse exclusivo na perpetuação da linhagem e nas alianças sociais que o meio familiar poderia fornecer. Família cada vez teria passado a significar a união de pais e filhos, na qual o cuidado para com estes se mostrava o principal princípio a seguir. Segundo

⁹⁶ ARIÈS, Philippe, op.cit..

Ariès: “A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos”.⁹⁷

Para além da educação, outro mecanismo individualizante do processo de construção da infância moderna seria a indumentária, mecanismo este que ganhou contornos muito nítidos e relevância fundamental nos séculos XIX e XX. Nas próximas páginas serão analisadas mais detalhadamente as relações entre infância, maternidade e vestir e como isso era impactado pelas percepções de gênero do período.

3.2 VESTIR CRIANÇAS: UMA FUNÇÃO MATERNA

Para dos além aspectos do cuidado mais “físico” das crianças, um outro aspecto era muito relevante no cuidado materno: o vestir. Mescladas nas páginas de moda em geral, ou separadas em seções exclusivas, as roupas de criança se fazem extremamente presentes nas revistas femininas. Fernanda Roveri aborda a intensa relação estabelecida entre uma elegância infantil e um reforço da ideia de higiene⁹⁸. Uma percepção visual sobre a criança baseada numa ideia de limpeza, de “criança limpinha” seria postulada como fundamental para diferenciar as crianças da elite das do povo e as crianças brancas das negras.

Em *O Tico-Tico*, Benjamin é um menino negro que participa da história do Chiquinho. Pelo que se pode compreender da história, ele seria filho da empregada da casa e seria uma espécie de criado do próprio garoto e seu principal companheiro nas traquinagens. Apesar de aprontar muito menos que Chiquinho é Benjamin quem recebe o título de moleque, e sua construção visual deixa bem claro esta posição do garoto. Até 1920, o menino é retratado trajando vestes muito simples, um calção com suspensório e camisa branca, que contrasta com uma maior riqueza de detalhes da roupa de Chiquinho. Além disso um dos grandes diferenciais do garoto negro para o branco é a ausência do uso de chapéus por parte do primeiro. Enquanto que várias vezes Chiquinho é desenhado portando uma boina na cabeça, especialmente nas cenas externas ao ambiente doméstico, Benjamin não usa nenhuma vez esse elemento da indumentária. A maior diferença entre ambos, no entanto, não está em suas cabeças, e sim em seus pés. A sujeira do chão em que pisavam descalças as crianças mais desfavorecidas se agregava à sua imagem. A ausência de sapatos é um dos principais elementos que diferencia crianças pobres e crianças ricas (ou de classe média), que separa

⁹⁷ Ibid., p.27

⁹⁸ ROVERI, Fernanda Theodoro. *Criança, o botão da inocência: as roupas e a educação do corpo infantil nos anos dourados*. Tese (Doutorado em educação), Unicamp, Campinas. 2014.

moleques como Benjamin e meninos bem cuidados e elegantes como Chiquinho. No ano de 1920, a imagem do Benjamin passa por uma reformulação e seus trajes melhoram visivelmente, além de ganhar sapatos. O motivo para essa mudança não fica claro, mas talvez se devesse à popularidade crescente do personagem que lhe possibilitou melhorias.⁹⁹



Figura 24. Benjamin e seus trajes. À esquerda Benjamin na sua primeira versão, descalço e com roupas muito simples. À direita a ilustração de um enfeite de natal baseado no personagem com seus novos trajes na década de 20. *O Tico-Tico*: O Malho, 1918, n.646, p.28 e *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, 1920, 794, p.1.

Foucault em “O nascimento da medicina social” coloca essa ampla penetração da medicina nos mais diversos assuntos que regem a sociedade ocidental como uma das características mais fundamentais da concepção médica moderna¹⁰⁰. Foucault se colocava na contramão de outros pesquisadores que se dedicavam a estudar a História da Medicina. Estes alegavam em suas obras que os campos médicos das sociedades pré-modernas seriam centrados na coletividade das populações, e com o advento do capitalismo teriam se voltado a uma medicina mais individualista. Já o filósofo francês postula justamente ao contrário: que na era moderna a medicina teria deixado de atuar somente no campo do individual para se expandir e abranger os mais diversos aspectos da vida coletiva, adquirindo um alto grau de

⁹⁹ No que diz respeito à questão do acréscimo de sapatos ao figurino do Benjamin também se pode aferir a possibilidade da influência de uma ampla campanha sanitária que se fortaleceu na década de 20 sobre o uso dos sapatos como uma questão de saúde pública. A criação da figura do Jeca Tatu por Monteiro Lobato, que surgiu em grande medida como uma denúncia das epidemias de ancilostomose e do perigo de andar descalço, é um grande símbolo desse movimento. PICCINO, Evandro Avelino. *A persistência de Jeca Tatuzinho- Igual a si e a seu contrário*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2018. Apesar dessa possível contribuição do movimento sanitário ele por si só não explica a melhora do traje como um todo.

¹⁰⁰ FOUCAULT, Michel. *O nascimento da medicina social. Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2014 [1979]

autoridade sobre diferentes assuntos (como a própria revista deixa entrever sobre a indumentária).

Para além das preocupações com a saúde das crianças propriamente ditas, estaria também uma preocupação estética das mães com os seus pequenos, baseada em conceitos como distinção. Em *Anuário das Senhoras* também é muito presente essa ligação entre cuidado materno e o vestir das crianças, sempre colocado em termos de uma “elegância infantil”. As muitas imagens dos pequenos em posturas muito galantes com suas belas vestes (ao lado das suas mães igualmente bem vestidas) indica que a boa aparência dos filhos estava extremamente atrelada aos cuidados maternos. É muito importante atentar para o fato de que esses “magazines”, mais do que somente apresentar modelos de roupas, instruíam sua confecção, pois denota que a vestimenta das crianças passava para além de uma simples escolha de modelo, e sim que dependia do trabalho das mães para existir.

O termo “elegância” inclusive é parte do título de diversas matérias que compõem os anuários, como no exemplo a seguir.



Figura 25. “Elegância dos Pequenos”. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.9, 1942 p.224.

A costura, apesar do componente de obrigação familiar, era também uma forma das mulheres exercerem criatividade, como defende Roveri: “Poderíamos dizer que a mulher, ao costurar, figurava-se como ‘autora da vida’: ela poderia compor, inventar personagens,

experimental, trocar, refazer, improvisar, mudar, cortar, medir, prender e soltar... Talvez essa fosse uma de suas poucas oportunidades para fazer escolhas”¹⁰¹.

A costura ofertava a possibilidade das mulheres adentrarem em um mundo de fantasias e de alternativas. São muito abundantes as folhas dedicadas a sugestões de trabalhos manuais como bordados, crochês, tricôs, pinturas, entre outros. Para além de produzir simples enfeites, se dedicar a essas ocupações era uma forma que as mulheres encontravam para exprimir suas predileções e preencher seu universo, ou seja, seus lares, com objetos de sua autoria. Para Gilda de Mello e Souza, como resultado direto das barreiras impostas às mulheres em relação as atuações no mundo público no século XIX, a moda (e aqui também insiro as confecções e artes manuais) era a única maneira de manifestarem suas inventividades:

É através dessa caligrafia dos gestos que a mulher revela a sua alma contida, reclusa, ligada aos objetos de que se apodera harmoniosamente, absorvendo-os no seu ritmo total. Encerrada em si, menos por uma necessidade de sua natureza do que por uma imposição da sociedade, reabsorve o impulso artístico, mergulhando a sua personalidade toda na obra de arte que inscreve no cotidiano.¹⁰²

Este aspecto também impacta significativamente no que se refere à produção de roupas de criança, já que “à confecção de uma roupa infantil era apresentada nas revistas de costura como um meio de viver intensamente um conto de fadas, uma ocasião para entregar-se à fantasia, deslocando-se a um mundo alegre, de sonhos e de imaginação.”¹⁰³

O tema da “fantasia” é extremamente relevante para os entrelaçamentos estabelecidos entre feminilidade e infância. A fantasia, principalmente em conjunto com as vestimentas dos pequenos, traria a possibilidade de adentrar em um universo fantástico. Este universo que em grande parte do tempo permanecia muito restrito às crianças, a partir da costura e dos demais trabalhos manuais, poderia ser acessada também pelas suas mães. Dessa forma as mulheres poderiam compartilhar esse espaço com os pequenos e assim esquecer, mesmo que somente por alguns instantes, a vida tão limitada de emoção das tarefas da “Rainha do lar”. “A companhia de meus filhos é minha única delícia”¹⁰⁴, disse uma das mães das cartas analisadas por Ariès, em 1781. Ao compartilhar o espaço doméstico com seus filhos, as mães acabavam também por compartilhar a infância.

¹⁰¹ ROVERI, Fernanda Theodoro, op.cit., p.101

¹⁰² MELLO E SOUZA, Gilda de. *O espírito das roupas: A Moda no Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.104.

¹⁰³ ROVERI, Fernanda Theodoro, op.cit., p.149.

¹⁰⁴ ARIÈS, Philippe, op.cit., p.250.

Esse compartilhamento era especialmente próximo entre as mães e suas filhas meninas. Em *O Tico-Tico*, as seções de moda, costura e trabalhos manuais eram muitas vezes indicadas para ambas. Enquanto que as seções de meninas dentro da revista muitas vezes faziam referência às mães como na (imagem 26), que indica estas como as principais professoras das prendas domésticas para suas filhas, as seções de moda para além de constantemente se dirigirem às mães, também ofereciam trabalhos de bordados que poderiam ser executados pelas pequenas. Para além de compartilhar deveres e obrigações em *O Tico-Tico*, as mães também compartilhavam da diversão. Quando a revista passa por mudanças radicais na década 30 e se torna um centro de instrução, o divertimento não termina somente para as crianças, mas também para suas mães, que são explicitamente direcionadas para *Anuário das Senhoras*, ainda que continuassem responsáveis em auxiliar o entendimento do aspecto educacional da nova versão de *O Tico-Tico*.

O TICO-TCO 8

SECÇÃO PARA MENINAS

GOLA PARA CAMISA EM BORDADO «PLUMETTIS» E BORDADO INGLEZ PARA MOÇAS E MENINAS



inglez e «plumettis». As fructas que vêem no desenho à direita são cheias e as folhas feitas metade com ponto «plumettis», e a outra metade com pontos simples, os caules em ponto de trancelim.

Segundo o gosto poderão cortar o decotado da camisa em redondo ou quadrado.

Estes bordados podem ser applicados em torno do decote e também nas mangas, o que emprestará grande luxo à camisa.

Os bordados (inglez e «plumettis») não carecem de explicação nenhuma por escripto, que só faria confundir: a mamã em casa será o melhor livro, pois praticamente, por um methodo intuitivo, ensinará a fazel-os.

Como se vê, estes bordados são muito bonitos e além d'isto indispensaveis, pois é bastante desgraciosa uma camisa sem enfeites, por simples que estes sejam.

— — — — —

CENTRO DOS ROYS SCOUTS DO BRAZIL



Exercícios de tiro pelos rapazes d'esta útil associação, que tem por fim tornar os jovens brasileiros em soldados aptos, intelligentes e fortes que amanhã defenderão a Patria, se ella de seus auxilios precisar.



Na praça Saenz Pena -- Fabrica das Chitas -- Capital -- Turma de Boys-Scouts que percorreu 2.805 metros a pé, com um só descanso de 30 minutos

O nosso desenho representa, à direita, um motivo completo e o começo do motivo à esquerda, que devem continuar como o da direita.

No meio da camisa e um pouco a direita serão bordadas as iniciaes em letras muito finas.

O bordo da camisa é festonado com bordado.

Figura 26. Secção para meninas. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.287,1911, p.8

“Os bordados (inglez e “plumettis”) não carecem de explicação nenhuma por escrito, que só faria confundir: a mamã em casa será o melhor livro, pois praticamente por methodo intuitivo ensinará a faze-los”¹⁰⁵

A fantasia para essas mulheres também poderia significar uma brincadeira de faz de conta, na qual as crianças seriam as bonecas de suas mães. Entre as crianças, as meninas em especial teriam sua imagem atrelada a das bonecas, sendo inclusive até hoje muito utilizados termos como “boneca” ou “bonequinha” para elogiar as pequenas. Em *Anuário das Senhoras* são várias as ocasiões nas quais meninas são referenciadas como bonecas, e no anuário de

¹⁰⁵ *O Tico-Tico*: O Malho, n.287, 1911, p.8

1941 consta um modelo de roupa a ser confeccionado tanto para uma menina quanto para sua boneca (figura 27). A presença dessa referência direta a tal concepção mostra como fazia parte do imaginário da época sobre a relação entre mães e crianças e a importância do elemento do vestir nessa relação.



Figura 27. Modelo de vestido para menina e para boneca *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.8, 1941, p.188.

A partir dessas fontes se observa que tanto o cuidado materno quanto o brincar de vestir são uma continuidade ao que a menina já fazia em sua infância. Um grande sintoma disso é que em *O Tico-Tico*, que oferece aos pequenos leitores uma grande variedade de brinquedos de papel, os brinquedos destinados às meninas em sua maioria estão divididos em duas categorias: os bebês de papel e as bonecas de vestir (que muitas vezes se juntam):



Figura 28. Brinquedo de papel “os vestidinho de bebê”. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.855,1922, p.7



Figura 29. Brinquedo de papel “Margarida, Loló e suas roupinhas”. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.697, 1911, p.10.

As bonecas no formato de bebê mostram que há não somente uma proximidade das mães com as crianças, pelo ato de transformá-las em bonecas, mas também que as meninas desde muito cedo já eram tomadas como potenciais e futuras mães. Um exemplo disto é a foto que consta na figura 30, na qual o poema da seção “Mãe!”, sobre o amor materno, vem acompanhado da foto de uma garotinha segurando sua boneca:



Figura 30. Ampliação da figura 21. Destaque para a foto da menina segurando sua boneca. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.8, 1941, p.38.

Na primeira metade do século XIX, as bonecas seriam moldadas a partir da imagem de uma mulher adulta e no ato de brincar as garotas se concentrariam em projetar os elementos dessa fase da vida. Elas combinariam roupas, fariam penteados, simulariam bailes e chás, entre outras práticas das sociabilidades femininas. Já na segunda metade desse século, o modelo da boneca bebê ficou mais em voga, o qual fortalecia a função maternal na vida das meninas, fazendo com que treinar para a sua sagrada missão de mãe e dona de casa fosse o mais relevante.¹⁰⁶

Além de poderem vestir suas crianças como bonecas, as mulheres do período analisado tinham a possibilidade de exercitar uma certa infância por meio de uma outra

¹⁰⁶ ROVERI, Fernanda Theodoro, op.cit.,

espécie de brincadeira: a fabricação de brinquedos. Alguns modelos de bichos de pelúcia são apresentados em *Anuário das Senhoras*. “Através da trasladação ao ‘mundo mágico da infância’, a mulher renovaria o espírito materno e se purificaria, consagrando eternamente a criança dentro de si”¹⁰⁷.

A “infantilização” feminina possui vários elementos negativos. Na ideia de infância que se construiu na modernidade, as crianças, apesar de seres sociais importantes, são encaradas como indivíduos incapacitados, sem aptidão, para qualquer tipo de incursão na vida pública. Londa Schiebinger afirma em *O Feminismo Mudou a Ciência?*¹⁰⁸ que desde o século XVIII as mulheres são identificadas como homens de crescimento incompleto ou crianças, e que nesta perspectiva teriam uma capacidade cognitiva muito limitada e não seriam aptas ao mundo do trabalho e da ciência. Para a autora, esse hábito de inferiorizar as crianças e mulheres teria correspondências profundas com o legado do cristianismo primitivo, em especial com as predicas do Paulo de Tarso, que já nas primeiras décadas dessa religião repudiava a pró-atividade de ambos nos espaços comunitários. Por outro lado, também é possível aferir, com o estudo dessas revistas e da bibliografia que o apoia, que essa proximidade entre mulheres e uma “infantilidade” as possibilitava uma série de expressões criativas. O que torna muito complexo a percepção sobre essa “infantilidade” e “ser infantil”, tendo em vista um mundo adulto permeado por barreiras e imposições sociais.

A análise desses periódicos deixa claro que as mulheres do século XX já estavam completamente imersas nas séries de regras e ordens que estabeleceram a *persona* da “Rainha do Lar”. Essa nova lógica, que atribuía às mulheres uma responsabilidade total pela vida da sua família, deslocou uma existência feminina que anterior ao século XVIII era voltada para si para uma vida inteira dedicada a outrem¹⁰⁹. Essa transformação teria ocorrido de forma lenta. No Brasil tais questões sobre uma família e uma maternidade modernas só ganharam relevância no século XIX e em especial nas suas últimas décadas deste século. A questão da amamentação, por exemplo, permaneceu como um tema de forte debate para além do século XVIII, pois em lugares como a França muitas mães continuaram a recusar a amamentar seus filhos, apelando para o leite de amas ou posteriormente para fórmulas artificiais. Essa atitude das francesas coloca em evidência inclusive que, apesar de todas as imposições e ordens

¹⁰⁷ ROVERI, Fernanda Theodoro, op.cit., p.151.

¹⁰⁸ SCHIEBINGER, Londa. O gênero nas Culturas da Ciência. In: *O feminismo Mudou a Ciência*. Bauru: Edusc, 2001, p 135-203.

¹⁰⁹ BADINTER, Elisabeth, op.cit.

destinadas às mulheres, várias delas conseguiam manter um mínimo de autonomia, muitas vezes escolhendo ignorar as diretrizes das autoridades médicas no cuidado com seus filhos.

Uma outra reflexão que pode ser levantada sobre a autonomia dessas mulheres é a de que muitas delas realmente resolveram assumir o papel de mãe que lhes era colocado, não se tratando exclusivamente de uma imposição. Essa nova função de mãe e de gerente da casa, oriunda da Modernidade, surgiu para muitas mulheres como uma oportunidade de ganharem relevância em uma sociedade que lhes restringia todos os outros espaços. Nesse sentido, ao mesmo tempo que estes periódicos reforçariam essa imagem extremamente limitante de feminilidade, relegando as mulheres a diversas obrigações e barreiras, eles também ofereceriam por meio das dicas sobre moda, cuidado materno, confecção de roupas e objetos (sobretudo ligados às crianças) uma maneira de escapar das suas restrições e encontrar um universo de sua autoria, marcado por alguma possibilidade de escolha.

As roupas que deviam ser confeccionadas e zelosamente cuidadas por essas mulheres não representavam somente uma responsabilidade e uma possibilidade de divertimento para elas. Eram, sobretudo, um mecanismo muito relevante para separar adultos e crianças em diferentes universos. O papel da indumentária na construção da infância do século XX e as diversas mutações pelas quais essa passou são o objeto de investigação do próximo capítulo, que procurará abordar a função da vestimenta para a atribuição de gênero aos pequenos e as profundas modificações que se operou entre 1905 e 1959.

4. ENTRE SAIAS E CALÇÕES: VESTINDO CRIANÇAS NO SÉCULO XX

4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE INDUMENTÁRIA, CONSTRUÇÃO DAS SUBJETIVIDADES E GÊNERO.

Daniel Miller levanta interessantes reflexões em sua obra sobre as vestimentas e sobre os processos sociais a que se relacionam¹¹⁰. O autor rejeita a concepção muito recorrente dentro das ciências humanas, e mesmo do senso comum, a respeito da indumentária, que a percebe como uma pseudolinguagem, cuja função seria refletir na superfície a identidade interior dos indivíduos. Na perspectiva de Miller, a indumentária é uma ferramenta de papel ativo na construção das identidades humanas, e não mera forma de representação de uma verdade natural e pré-existente do sujeito. Ele rejeita uma suposta “negatividade” na concepção de superficialidade atrelada às vestimentas e alega que essa noção de frivolidade associada à moda e indumentária está, inclusive, atrelada a um preconceito ao gênero feminino. Uma vez estando esses temas supostamente ligados ao universo das mulheres, seria, consequentemente, uma questão de menor valor comparada a assuntos do mundo social masculino.

Essa concepção de superficialidade do vestir-se é uma noção de tradição europeia. Como contraponto, Miller aponta que a sociedade de Trinidad e Tobago, por exemplo, encara a indumentária de forma muito diferente¹¹¹. Nesse grupo populacional, a imagem exterior não tem o caráter de acessório, mas exerce papel crucial no desempenho social e nas relações interpessoais. Mais do que isso, os habitantes dessa ilha não veem a exterioridade em si como algo negativo, de menor valor ou um reflexo parcial visível de uma verdade invisível, mas, pelo contrário, como algo que é até mesmo mais próximo da verdade do que o que estaria oculto. Seria justamente na composição da indumentária que os sujeitos evidenciariam sua identidade. Nesse sentido, não existiria a percepção de uma personalidade “in-natura” que habita o interior dos seres humanos. O caso de Trinidad-Tobago é importante no sentido de demonstrar que as perspectivas mais consolidadas no Ocidente sobre vestimentas e superficialidade estão longe de serem universais e incontestáveis; mesmo dentro do continente europeu haveria variações locais sobre o significado da moda na construção de identidades, afastando-se frequentemente dessa noção de superficialidade com conotação

¹¹⁰ MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Por que a indumentária não é algo superficial. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

¹¹¹ Ibid.

negativa.

Outro exemplo – e especialmente relevante por estar ligado à construção da percepção de gêneros – é em relação ao Sári indiano, uma espécie de lenço longo, o qual é amarrado em diferentes arranjos em torno do corpo das mulheres. Essa indumentária seria um elemento de extrema relevância no processo através do qual as mulheres indianas dessa tradição passam a compreenderem-se enquanto mulheres, bem como na forma como são enxergadas pela sociedade. A feminilidade e as características ligadas a essa concepção (a maternidade, por exemplo) estariam relacionadas intimamente às maneiras de vestir o Sári. A identidade de gênero, bem como pode ocorrer com outros componentes da subjetividade, seria, assim, formada a partir da superfície (e não refletida na superfície)¹¹².

A noção de uma construção dos gêneros a partir da exterioridade se compatibiliza com as concepções já mencionadas da filósofa Judith Butler. Por fugirem ao senso comum, faz-se necessário estabelecer alguns princípios teóricos que serão utilizados nas reflexões desse capítulo. Butler argumenta que o gênero é sempre um feito, uma ação corporal¹¹³. Nesse sentido, o gênero seria uma performance dos sujeitos, uma repetição estilizada de atos, que com frequência e permanência se consolidariam como “ideias de gênero”, atribuídos como elementos da natureza, como o binarismo entre masculino e feminino, por exemplo.

Dessa forma, assim como Miller, Butler recusa a crença na existência de uma verdade interior pré-discursiva que constituiria a identidade dos indivíduos. Em sua obra, a autora defende que o gênero é uma categoria de identidade que é resultado de “uma série de instituições e práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos”¹¹⁴. Segundo Butler, essas práticas de construção e estruturação resultam em diversas “fábulas de gênero” que acabam se consolidando como se fossem fatos naturais. A dualidade do feminino e masculino e os atributos que são definidos para cada um desses elementos são elaborações sociais e não resultados de um corpo sexuado pré-discursivo. Além disso não existiria, para ela, uma divisão entre sexo e gênero, pois o corpo também seria interpretado e classificado a partir dessas instituições. Neste sentido, o gênero seria formado então performativamente, ou seja, seria sempre um feito, formado por meio das expressões de gênero, atos corporais estilizados, constantemente repetidos. Para a autora, um estudo que contemple uma

¹¹² Ibid.

¹¹³ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

¹¹⁴ Ibid., p. 9.

“genealogia política das ontologias do gênero”¹¹⁵ poderia desconstruir a aparência substantiva do gênero ao apontar as suas práticas de elaboração, explicar e localizar essas práticas dentro das estruturas impositivas criadas pelas várias forças que regulam o aspecto social do gênero.

Uma autora que tece uma teoria muito próxima de Butler é Teresa de Lauretis. Esta aponta que o gênero seriam atos de “representação e auto-representação” resultados de uma série de “tecnologias”¹¹⁶. Entre as tecnologias, ela destaca o cinema e analisa como esse meio construiu várias das percepções sociais sobre feminilidade e masculinidade. Lauretis igualmente defende explorar as definições sobre gênero que foram construídas ao longo da história. Nesse sentido também segue Joan Scott, outra autora que se dedica a refletir sobre a elaboração das categorias de gênero dos sujeitos. À semelhança das duas autoras citadas anteriormente, Scott se opõe à concepção de que somente o gênero seria socialmente construído enquanto que o corpo constituiria uma verdade natural.

A historiadora faz um balanço da historiografia e de outros estudos intelectuais que contemplaram os conceitos de gênero e sexo e afirma que um consenso sobre ambos e sua relação está longe de ser estabelecido¹¹⁷. Segundo ela, a concepção acima colocada de que o gênero é resultado de uma apreensão sobre a diferença sexual era ainda muito presente na época da escrita de seu artigo e se coloca na contramão dessa percepção ao afirmar que o corpo só passa a ter sentido a partir de um olhar e de um discurso que são culturalmente produzidos. Para Scott, assim como para Butler e Lauretis, “gênero” é um conceito político intrinsecamente ligado às relações de poder. Ela afirma que os estudos históricos não devem se reduzir a uma mera análise relacional entre as experiências femininas e masculinas no passado e sim, se centrar sobre o funcionamento do gênero nas relações sociais humanas e a ligação entre esse funcionamento no passado e suas relações com o presente.

As três autoras em seus ensaios abordam as limitações das práticas feministas contemporâneas a elas, tanto no campo da militância política quanto do feminismo teórico e na produção acadêmica. Butler e Lauretis, de maneira muito semelhante, afirmam que a teoria feminista e os modos de agir dessa militância se baseavam exclusivamente em uma política de representação que pressupunha uma identidade definida e definitiva na categoria “mulher” ou “mulheres”. A intenção desse tipo de ação seria o de dar visibilidade e legitimidade para as

¹¹⁵ Ibid, p. 59.

¹¹⁶ LAURETIS, Theresa A tecnologia do gênero. In Heloísa Buarque de Hollanda. (Org.), *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura* (pp. 206-242). Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 208.

¹¹⁷ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995 [1986], pp. 71-99.

mulheres que teriam sido ignoradas ou mal representadas enquanto sujeitos políticos. A grande crítica que fazem, no entanto, é que justamente nessa tentativa de estabelecer um sujeito para o feminismo este acabou por excluir muitas práticas e pessoas.

Scott também estabelece uma crítica ao uso dos conceitos universalizantes de patriarcado e da oposição masculino e feminino, se aprofundando nas obras e teorias que se fundamentaram nessas concepções. A autora aponta diversos problemas no que diz respeito à construção do campo que ficou conhecido como “História das Mulheres”¹¹⁸. Segundo a autora, as historiadoras feministas responsáveis pela criação desse campo tinham como objetivo trazer à tona a participação feminina nos mais diversos processos sociais da civilização ocidental. Um resultado deste tipo de construção da história, todavia, foi a separação estabelecida entre “História das Mulheres” da “História Geral”, por parte dos historiadores não feministas, que relegaram a primeira um lugar pouco importante para o estudo das sociedades. Para Scott, isso demonstraria um problema intrínseco a esse tipo de formulação da história que busca o estabelecimento de sujeitos “visíveis”. Ao não se desviarem dos pressupostos teóricos tradicionais do conhecimento científico, estas historiadoras teriam acabado por generalizar e reduzir a complexidade das experiências femininas ao longo da história e com isso teriam minado a possibilidade de compreender o funcionamento do gênero nas mais diversas sociedades humanas do passado e do presente.

Para essas autoras é fundamental demonstrar a artificialidade das aparências do gênero binário e como se constituiu e se legitimou a partir de atos corporais que foram repetidos exaustivamente, reforçados pelas forças que impulsionam os padrões de gênero. Além disso, elas também reforçam a importância de abordar as mais diversas performances que escaparam a essa dicotomia. Ou seja, o gênero, compreendido na sua forma discursiva, possibilitaria uma articulação com a tal “História Geral” e não mais ficaria relegado a um campo à parte, tido como pouco relacional como a “História das Mulheres”. Além disso, tanto Scott quanto Butler e Lauretis defendem que essa nova percepção sobre o gênero alarga e renova as possibilidades das estratégias políticas feministas.

Tendo em vista esse referencial teórico, esse trabalho se concentra justamente no processo de construção dessa dicotomia masculino/feminino, analisando a historicidade – e, portanto, seu aspecto de construção social e não evidente por natureza – de imagens que por vezes podem ser consideradas como muito bem-acabadas sobre o que seria adequado (no caso aqui, em termos de indumentária) a mulheres e homens, meninas e meninos. Elementos tidos

¹¹⁸ Ibid.

como óbvios não estavam presentes em outros períodos históricos, como já demonstrado no capítulo anterior no caso da maternidade, cuja ideia de missão e desejo natural do gênero feminino é uma construção histórica a qual, para se fixar e ser reforçada, se valeu de diversos mecanismos de produção de verdades, como as revistas que servem nesse estudo como fontes históricas.

Atribuir historicidade a essas questões implica também na forma como encaramos essas questões no presente e no futuro. Tal como fez Miller ao voltar-se para as diferenças culturais entre regiões distintas para questionar a suposta hegemonia das noções deterministas sobre a relação entre indumentária e identidade, o estudo da relação entre padrões de gênero e a prática de vestir-se em temporalidades diversas permite apontar como essa relação confluiu e se transformou ao longo do tempo, dando-nos a possibilidade de desnaturalizá-la, o que é especialmente importante, pois a naturalização serve de barreira para a transformação.

4.2 CRIANÇAS E SEUS TRAJES: AS MUDANÇAS NA INFÂNCIA ENTRE 1905-1959

A infância como uma fase da vida para a qual trajes específicos são destinados é um desenvolvimento relativamente moderno. Na Europa, até o século XVI, aproximadamente – embora com importantes variações de local, camada social, dentre outros fatores –, os pequenos, logo que deixavam os cueiros, eram vestidos como versões menores dos homens e mulheres adultos de sua condição social. No século XVII, contudo, surgiria uma vestimenta concebida especificamente para as crianças, o que, segundo Ariès, demonstra a particularização não somente das roupas, mas da própria infância. Trata-se de vestidos, os quais se tornaram nessa época os modelos de roupas por excelência dos meninos até por volta dos 8 anos de idade. Os meninos menores usavam vestidos com saia e avental, semelhantes às roupas usadas por meninas e mulheres adultas, enquanto a partir dos 4 anos de idade os meninos deveriam utilizar um modelo de vestido que se parece com as batinas de padres¹¹⁹.

O sentimento do que significa a infância seria pautado em grande medida na visualidade das roupas destinadas a essa fase¹²⁰. Não são as próprias crianças, no entanto, as definidoras desses padrões de vestimenta, mas adultos, que, através das roupas com que vestem as crianças, projetam suas representações sobre a infância e demarcam o que é considerado infantil e sua contraposição com o mundo adulto. A indumentária infantil não

¹¹⁹ ARIÈS, Philippe. *História social da infância e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

¹²⁰ Ibid.

seria, assim, a exteriorização do que é “ser criança”, mas um mecanismo da construção do que deveria ser, segundo determinada concepção, a infância. Justamente pelo papel dos adultos na escolha das vestimentas, a indumentária infantil, talvez mais do que qualquer outro tipo de vestuário, está atrelada a idealizações sociais exteriores ao sujeito que veste, mas ao mesmo tempo participa intensamente na construção de sua identidade.

Retomando a análise de Judith Butler e Teresa de Lauretis, a indumentária infantil atua como uma instituição, ou tecnologia, privilegiada na produção dos padrões de gênero, pois não constrói somente representações de uma infância genérica, mas de meninos e meninas; muito embora, como veremos mais adiante, o binarismo feminino-masculino nem sempre seria tão claro nas vestimentas (pois tem ele também sua historicidade), e, mesmo quando se fizer presente, nem sempre o será nos mesmos moldes como ocorre hoje em dia.

Adentrando no século XIX, Ariès aponta a continuidade da predominância de vestidos para as crianças pequenas, com o adendo que, diferentemente dos séculos anteriores, nesse momento os vestidos destinados a meninas e meninos teriam passado a ser praticamente iguais¹²¹. Nas análises elaboradas a seguir essa percepção geral verificada em Ariès se confirma em alguns aspectos, mas contém também diferenças significativas. É importante esclarecer que algumas das reflexões levantadas no seguimento desse capítulo, especialmente sobre o período de 1905-1917, remetem a minha pesquisa de monografia *Os trajes e as crianças: uma análise sobre indumentária infantil e seus padrões de gênero (1883-1918)*.

4.2.1 Primeira temporalidade- 1905-1917

A moda usada pelos leitores que enviavam seus retratos à revista *O Tico-Tico* em seus primeiros anos de publicação é essencialmente a moda do final do século XIX. Entre 1909 e 1917, aproximadamente, sobrevivem nas roupas de meninos e meninas os principais elementos das vestimentas infantis da virada do século anterior, tal como indica a tabela abaixo.

Tabela 1. Vestuário 1905-1917

| | Masculino | Feminino |
|---------------------------------|--------------------|--------------------|
| Bebês pequenos (0-1 ano) | Vestidos compridos | Vestidos compridos |

¹²¹ Ibid.

| | | |
|---|---|--------------------------------------|
| Bebês (1-3 anos) | Vestidos bem curtos | Vestidos bem curtos |
| Pré-escolares (3-5 anos) | Shorts- saias, saias curtas e bem curtas e bermudas (em menor volume) | Vestidos, saias curtas e bem curtas |
| Escolares (6-10/12 anos) | Bermudas | Vestidos e saias curtas |
| Rapazes e Mocinhas (11/13-16 anos) | Bermudas e calça comprida | Vestidos e saias médias |
| Adultos (17+) | Calça comprida | Vestidos compridos e saias compridas |

Fonte: A autora

Para os bebês recém-nascidos e abaixo de um ano de idade a única peça de roupa presente na revista nesse período se trata de um modelo de vestido cujo comprimento ultrapassa os pés das crianças. Nesses modelos não há nenhuma distinção de gênero aparente. A única variação entre os diferentes formatos se trata da formalidade da ocasião de uso das peças. Em *O Tico-Tico* a maioria dos modelos são de vestidos mais pomposos. Isto se deve à grande importância da fotografia nesse período, já que se tratava de um recurso escasso que nem mesmo as famílias mais ricas poderiam desfrutar abundantemente. Levar esse aspecto em conta, sobre a publicação de fotos na revista, é relevante para a análise não só das vestes dos bebês pequenos, mas também para as das crianças das demais faixas etárias. A fotografia na maior parte dos casos era um momento solene para as famílias desse período, o que impactava no traje que essas crianças vestiam, que tendiam a ser mais formais.



Figura 31. Fantina e Helios. Fantina de 13 anos segurando seu irmão Helios de 5 meses que traja um longo e cheio vestido em estilo de batizado. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.332, 1912, p.19.



Figura 32. “O innocentinho” Paulo Augusto Magalhães. 9 meses. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.237, 1910, p.7

No caso dos bebês pequenos, isso influía no uso de vestidos cheios e ricamente ornamentado, como o do menino Helios, de 5 meses, da imagem 31. Esses vestidos mais rebuscados eram pensados principalmente para o momento do batizado dessa criança, ocasião muito importante, pois se tratava do momento em que o pequeno ser se tornava um verdadeiro cristão, e, portanto, um indivíduo um pouco mais completo. O uso no batizado nomeou essa peça de roupa como “pagãozinho”, pois simbolizava o último momento da criança enquanto tal, um pagão. Esse termo acabou se generalizando para os outros modelos de roupas usados por bebês pequenos, e até hoje é utilizado para se referir a trajes destinados a essa faixa etária e que pouco tem em comum com os vestidos grandes do final do século XIX e primeiros anos do século XX. Paulo Augusto de 9 meses é um exemplo de um vestido um pouco mais simples, mas que em linhas gerais segue o mesmo padrão dos “vestidões”.

Para a faixa etária de bebês um pouco maiores, de 1 a 3 anos, os vestidos continuam a ser a peça de roupa exclusiva, contudo seu comprimento reduz significativamente. Essa redução do comprimento se deve principalmente à maior mobilidade que as crianças começavam a adquirir nessa idade. As peças para essa idade continuam sendo ricamente ornamentadas nos vestidos mais elegantes, todavia seu volume reduz significativamente, como pode ser percebido nas imagens 33 e 34. Mesmo as peças mais simples possuem a composição de elementos como rendas e bordados. (Imagem 35 e 36). É muito difícil determinar qualquer distinção de gênero nesses vestidos a partir das fotos. Há revistas nas quais constam modelos diferentes de vestidos para meninos e meninas, todavia não era muito claro o que diferenciava um modelo do outro nessa faixa etária¹²². Segundo Juanita Jhonson, os vestidos das meninas se diferenciariam por possuírem pregas horizontais, que possibilitariam uma acréscimo de barra às saias conforme as meninas crescessem¹²³. Apesar de ser uma análise interessante, nem em pesquisa anterior nem na análise de *O Tico-Tico* isso se verificou plenamente, ainda que as pregas verticais e cortes retos sejam um pouco mais presentes nos vestidos de meninos do que o de meninas nessa idade.

¹²² MAGNO, Isabela Brasil. *Os trajes e as crianças: uma análise sobre indumentária infantil e seus padrões de gênero (1883-1918)*. 2108. 87 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

¹²³ JHONSON, Juanita apud PAOLETTI, Jo Barraclough. *Pink and blue: Telling the boys from the girls in America*. Indiana University Press, 2012.



Figura 33. O “galante” Oscar Ribeiro. 1 ano e meio de idade. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.266, 1910, p.5.

Figura 34. Abel, interessante e amigo de Chiquinho. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro O Malho, n. 408, 1913, p.7.

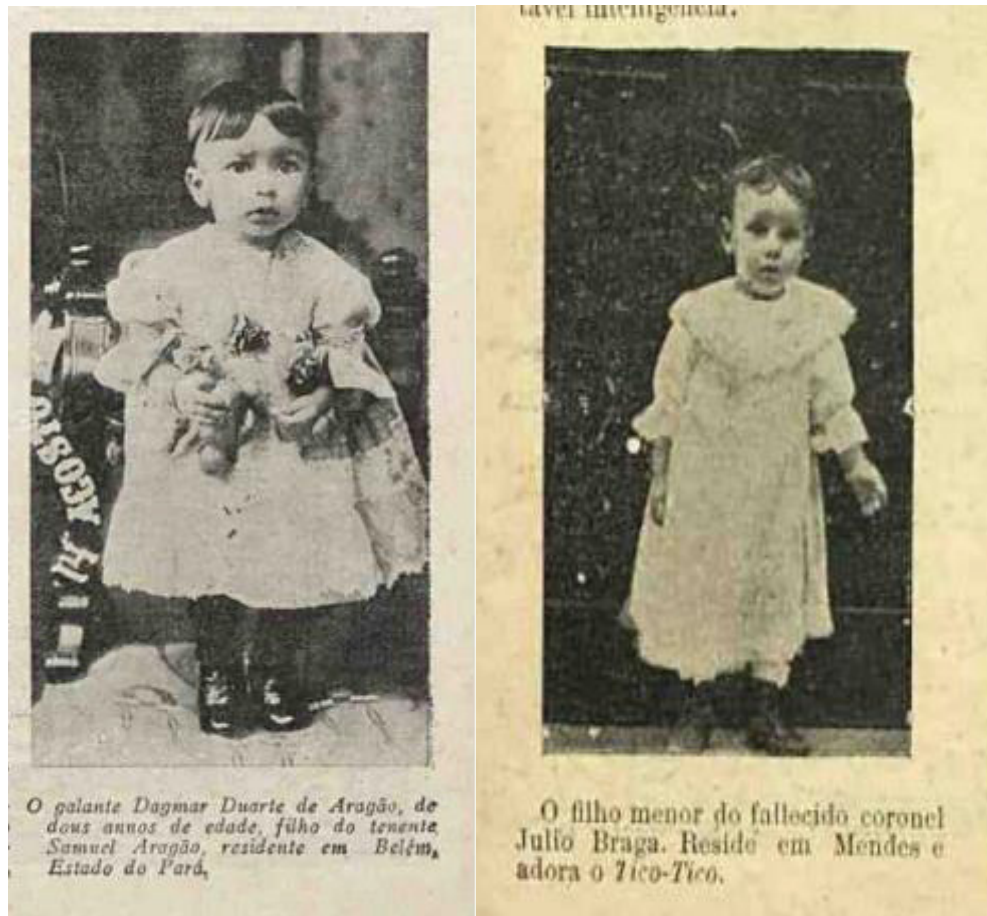


Figura 35. O “galante” Dagmar. 2 anos. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n. 434, 1915, p.8.

Figura 36. Filho menor do coronel Julio Braga. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.85, 1907, p.15.

Talvez um dos motivos é de que mesmo que essa fosse a proposta original (adaptar esse modelo de vestido ao crescimento das meninas), na prática muitas mães preferissem reaproveitar as peças entre irmãos e irmãs de diferentes idades do que os reformar. Mesmo que um observador contemporâneo conseguisse distinguir as divergências entre os modelos de vestidos por gênero nessa faixa etária, ainda assim a ideia principal permanecia, de que meninos e meninas fossem muito semelhantes visualmente. Além do uso desses trajes, entre os bebês de até 3 anos de *O Tico-Tico* é recorrente uma completa ausência de roupas. (figuras 37 e 38)



Figura 37. Demosthenes. 2 anos e 7 meses da maneira como veio ao mundo, com exceção das meias e do sapato. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.177, 1909, p.16.

Figura 38. Aristophanes. 6 meses e 8 kilos. Exibe seu porte para os leitores de *O Tico-Tico*. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.200, 1909, p.5

Uma observação muito relevante em relação à análise dessa indumentária diz respeito à “neutralidade” de gênero relegada aos pequenos. Teresa de Lauretis levanta reflexões sobre permanências dessa neutralidade no século XX. Ao analisar elementos da língua inglesa a autora aponta que existem brechas dentro do sistema binário do masculino e feminino, e uma delas seria o gênero linguístico neutro *its* para tratar das crianças. Embora os falantes de língua inglesa não ignorem que uma criança tenha um sexo biológico, seria somente quando lhes designariam os termos “menino” ou “menina” é que as crianças passariam a ter um gênero. A autora então coloca:

o que a sabedoria popular percebe então é que o gênero não é sexo, uma condição natural, e sim a representação de cada indivíduo em termos de uma relação social

preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição conceitual e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos¹²⁴.

Se no final do século XX (quando Lauretis escreve), essa percepção existe mais marginalmente em alguns elementos que têm conexões com a infância (como nesses termos da língua inglesa), no início do século se assumia mais nitidamente uma espécie de neutralidade de gênero ligada à infância por meio dos vestidos das crianças pequenas. Além disso, nesse período é ainda mais claro que a existência de “meninos” e “meninas” depende de elementos materiais e subjetivos que vão além do corpo, pautando a masculinidade e a feminilidade enquanto uma construção.

As primeiras distinções de gênero significativas nas roupas infantis desse período (1905-1917) eram atribuídas à faixa etária dos 3 aos 6 anos. No inglês existe a expressão *toddlers* para se referir às crianças dessa idade, que em tradução livre significaria “crianças dente de leite”, em referência ao período pré-dentição definitiva encontrada nessas idades. Não encontrando um paralelo no português brasileiro, elas podem ser chamadas de crianças em fase pré-escolar. No vestuário masculino, para essa idade, uma peça muito interessante se acrescenta. Uma espécie de “shorts-saia”, como pode ser visualizado abaixo.



Figura 39. Rodaval, filho de coronel com seu “garçonnet” e beglada. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.261, 1910, p.4.

¹²⁴ LAURETIS, Theresa A tecnologia do gênero. In Heloísa Buarque de Hollanda. (Org.), *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura* (pp. 206-242). Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 208.

Figura 40. Paulo Velloso. 5 anos, utiliza um belo traje rendado. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.339, 1916, p.10.

CASA COLOMBO
AVENIDA E OUVIDOR

SECÇÃO DE CRIANÇAS

Grande variedade de aventais, desde..... 1\$200
Roupinhas para campo e jardim, desde... 1\$000

7320 — Garçonnet em brim branco liso, la recompoção sem gola, punhos e cinto de brim, novidade..... 6\$000
Meias brancas de algodão..... 1\$500
Botinas de verniz com canos de camurça branca..... 10\$200

7321 — Combinação tinte de brim branco com gola, punhos e calça de brim azul marinho..... 4\$900
Gravata de seda verde..... 1\$200
Chapéu de palha aba larga, estilo Jean Bart..... 5\$500
Meias pretas de algodão..... 1\$500

6103 — Vestidinho de crelone branco com vivo de cor "feição Japones a começar"..... 6\$000
Meias brancas com canos de fantasia... 2\$000
Sapatinhos de verniz com espadador... 7\$500

Figura 41. Anúncio da loja Casas Colombo. Da esquerda para a direita: Menino pré-escolar com “Garçonnet” em brim branco, com golas em brim xadrez, menino escolar com blusa de brim branco e calção azul marinho, e menina com vestidinho em crelone branco. *O Tico-Tico*: O Malho, n.631, 1917, p.12.

Este “shorts-saia” é chamado por *O Tico-Tico* de “garçonnet” e se tratava principalmente de uma espécie de blusa, dividida na cintura por uma faixa ou sinto, que deixava sua parte de baixo aparentando uma saia com pregas. Por de baixo dessa blusa os meninos trajavam uma bermuda curta e justa ao corpo. A riqueza de ornamentos continuava sendo presente nesses modelos, como as rendas na figura 40.

Para além desse modelo que se tratava basicamente de uma mescla, também conviviam entre os meninos pré-escolares os vestidos e calções, todos de curto comprimento. Os vestidos continuam sendo uma das principais peças de roupa para essa faixa etária, mas a ausência de pregas horizontais se faz um pouco mais presente nos vestidos e saias dos meninos. Entretanto, a manifestação dessas diferenças ainda é difusa, de modo que essas características não se constituem como regra; havia vestidos para meninos recheados de

detalhes, vestidos para meninas com corte mais reto e também vestidos voltados para ambos os gêneros.



Figura 42. "Graciosa" Iracema. 3 anos e vestido branco era "a alegria de seus pais". *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.197, 1909, p.16.

Figura 43. José Moreira. Também 3 anos, igualmente de vestido branco. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.87, 1907, p.18.

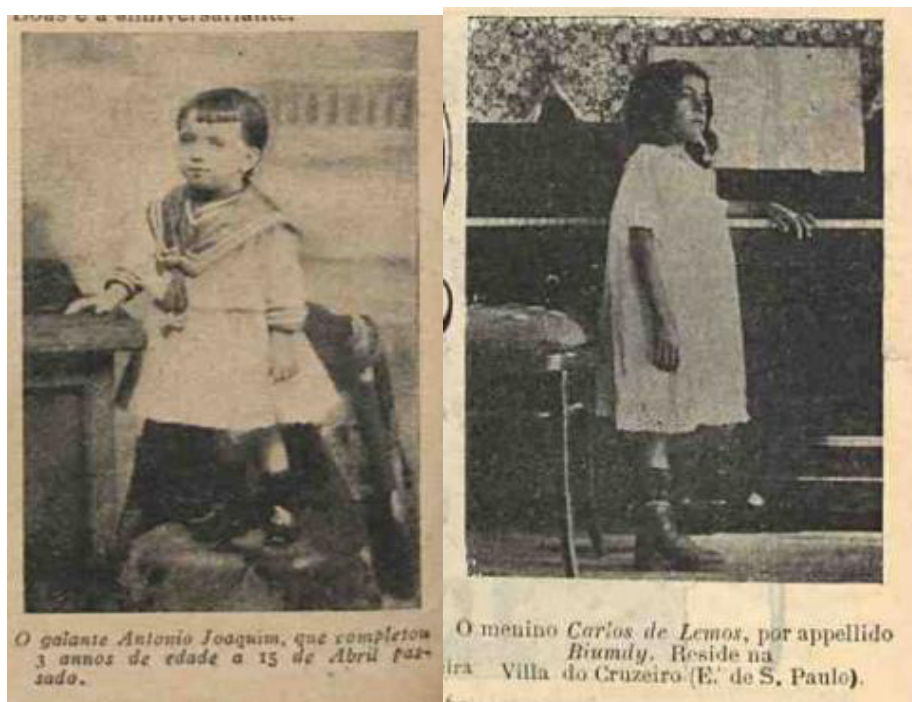


Figura 44. O “galante” Antonio Joaquim. 3 anos, usando um vestido de marinheiro. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n. 449, 1914, p.30.

Figura 45. Carlos Lemos. Aparenta ter ao menos 4 anos, possivelmente até com 6 anos de idade, usando um vestido branco. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.89, 1907, p.20



Figura 46. Milton, 4 anos,. Longos cachos, já usa calções. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.232, 1910, p.4.

Figura 47. Odilon e Eunice. Odilon também já usa calção, mas assim como sua irmã, cultiva cachos na cabeça. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.231, 1910, p.6.

A temática naval passa a ser uma grande inspiração para as roupas de meninos dentro dessa faixa etária, como pode ser visto em várias das imagens e se expande por todo o período da infância, se fazendo presente desde os “shorts-saia” até em bermudas e calças compridas. Com o avançar do século XX permeia até mesmo os vestidos das meninas.

Entre as pequenas a principal diferença é o incremento das saias em seu vestuário, que assim como àquelas dos meninos era de pequeno comprimento mesmo com o acréscimo de várias camadas de barra, que causavam uma impressão de grande volume. É importante salientar que esse reaproveitamento de roupas em uma mesma criança que atingia diferentes faixas etárias, embora possível, tinha uma limitação, já que o crescimento do pequeno não ocorria somente nas pernas, sendo necessário uma substituição por inteiro das peças em um intervalo de tempo não muito grande. O que talvez fizesse as mães das crianças considerarem mais interessante a troca de roupas entre irmãos mencionada anteriormente, do que uma constante reforma das peças. Um dos principais elementos distintivos de meninos e meninas nesse período seria os lacinhos na cabeça (imagens 48 e 49), que começavam a ser usados pelas meninas nessa faixa etária dos 3 aos 6 anos.



Figura 48. Maria de Lourdes. 5 anos. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.67, 1907, p.18.



Figura 49. Grupo de amiguinhas de *O Tico-Tico*. Algumas usam lacinhos na cabeça: *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.439, 1914, p.6.

O traje do “Pequeno Lorde” também era um grande sucesso entre os meninos dessa faixa etária. Esse traje seria uma espécie de releitura das roupas dos antigos lordes europeus da era moderna. A roupa era no estilo “garçonnet” e geralmente era de tonalidade mais escura com detalhes como rendas (figuras 40 e 51). Também era muito comum a combinação com gravatas em estilo laço, como na figura 50. Era inclusive a peça de roupa utilizada pelo personagem Chiquinho por boa parte da revista.



Figura 50. Mario M dos Santos. Aproximadamente 3-4 anos. traje Pequeno Lorde com gravata laço. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.600, 1917, p.13.

Figura 51. Lincon e Cleia. Lincon com traje estilo Pequeno Lorde com rendas e sua irmã Clelia de vestido. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.429, 1913, p.22.



Figura 52. Traje do Chiquinho frente. Estilo Pequeno Lorde, apesar da tonalidade mais colorida. Frente *O Tico-Tico*: O Malho, n.24,1906, p.16.

Figura 53. Traje do Chiquinho verso. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.24, 1906, p.16.

A prática de vestir crianças com a moda adulta de eras passadas já seria algo presente desde a especialização das vestimentas infantis dos séculos XVIII-XVII que simulavam elementos da Renascença e da Idade Média. Jo B. Paoletti aponta que a grande popularidade do traje de lorde se deveu à publicação do romance ilustrado de Frances Hodgson Burnett. No título original *Little Lord Fauntleroy*, o personagem principal era um garotinho chamado Cedric Fauntleroy que trajava esse tipo de veste, além de utilizar belos cachinhos que lhe caíam pela cabeça¹²⁵. Os cachos, inclusive, inspiraram os penteados de meninos mesmo entre aqueles que já usavam bermudas, como pode ser observado nas imagens 46 e 47. Publicado pela primeira vez em 1885 no formato de folhetim em uma revista estadunidense, a história logo caiu nas graças do público dos EUA e o europeu e foi diversas vezes adaptada em peças de teatro que teriam difundido ainda mais a peça de roupa. Foi publicado em formato de livro pela primeira vez em 1886.

No Brasil, a primeira edição rastreável data somente de 1961, publicada pela editora católica *Livrarias Paulinas*. Nenhuma menção à autora é feita nos periódicos brasileiros

¹²⁵ PAOLETTI, Jo Barraclough, op.cit..

disponíveis na Hemeroteca Digital entre os anos de 1901 a 1910, e pouquíssimas são realizadas entre 1910 e a década de 30, e quando presentes são mais no sentido de comentar o sucesso que as peças de teatro baseadas na obra estavam fazendo no exterior. A única menção à autora e à obra *O Pequeno Lord* feita na *O Tico-Tico* data do ano de 1936 e segue essa mesma linha:

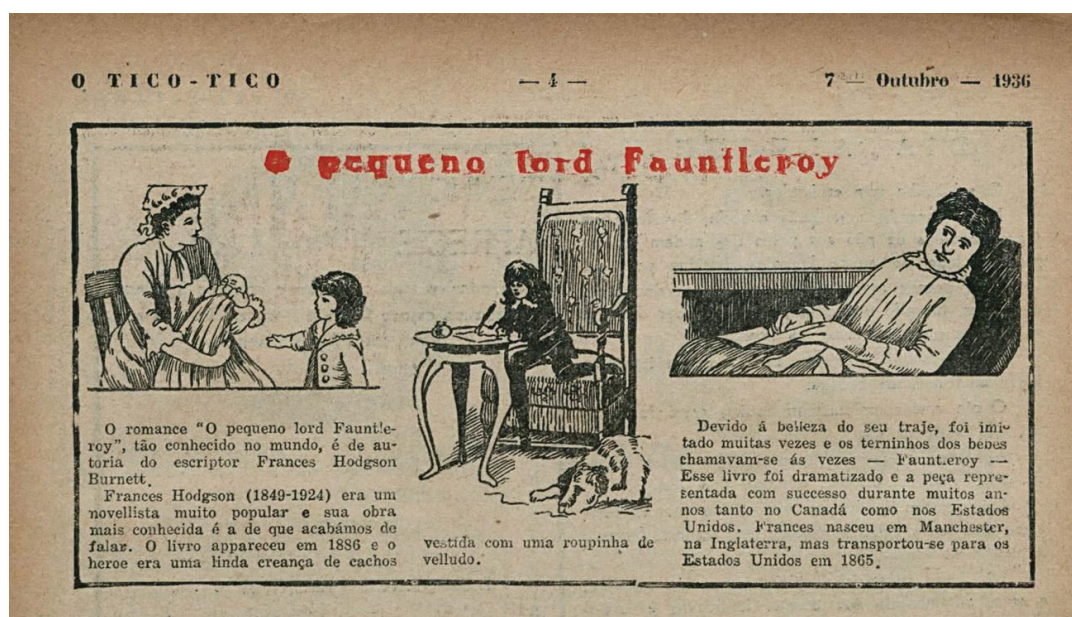


Figura 54. O pequeno Lord Fautleroy em *O Tico-Tico*. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1618, 1936, p.4.

O romance "O Pequeno lord Fauntleroy", tão conhecido no mundo, do escriptor Frances Hogdson Burnett.

Frances Hodgson era um novellista muito popular e sua obra mais conhecida é a de que acabamos de falar. O livro appareceu em 1886 e o heroe era uma linda creança de cachos vestida com roupinha de veludo. Devido á beleza do seu traje, foi imitado muitas vezes e os terninhos dos bebês chamavam-se às vezes de-Fautleroy-. Esse livro foi dramatizado e a peça representada durante muitos anos tanto no Canadá como nos Estados Unidos. Frances nasceu em Manchester na Inglaterra, mas transportou-se para os Estados Unidos em 1865¹²⁶

É interessante notar como essa pequena menção, além da referência à Burnnett como um homem, é feita a comentar sobre a popularidade da obra no passado nos países do hemisfério norte, e sobretudo do traje usado pelo personagem. Não é realizada nenhuma

¹²⁶ *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1618, 1936, p.4.

indicação de leitura nem de onde adquirir o livro. No acervo da biblioteca nacional, as primeiras edições de livros de Burnett são da década de 60, e com maior volume da obra “O Jardim Secreto”. Essa pouca popularidade da obra da autora no Brasil leva a inferir que se houve alguma influência do “Pequeno Lorde” Cedric nas vestimentas das crianças brasileiras ela se fez de maneira muito mais indireta, relacionada à sua difusão em território europeu e à exportação desse modelo e da moda europeia. A obra de Burnnet só ficaria mais popular entre as crianças brasileiras na década de 90 do século XX com o lançamento do filme adaptado de seu livro “O Jardim Secreto” e sua constante exibição na “Sessão da Tarde” da Rede Globo.

Independente de uma clara inspiração no livro ou somente uma reprodução dos antigos trajes nobres, fica claro o sentido de “fantasiar” as crianças dessa idade. Se os meninos eram “lordezinhos”, as meninas eram as tais bonecas já mencionadas anteriormente, e isso fazia com que compartilhassem além de roupas iguais ou parecidas os mesmos cortes de cabelos. Os cachos presentes nessas duas figuras eram altamente valorizados nos pequenos, que diferente dos bebês passavam a ter fios de cabelo mais abundantes nas cabeças possibilitando o penteado. Se não tivessem os cabelos enrolados esses meninos e meninas tinham seus cabelos lisos cortados ao estilo “bebê”, que nos termos de hoje entenderíamos mais como um cabelo “Chanel” um pouco acima do queixo.



Figura 55. Amiguinhos do Chiquinho Henedina e Mário. Com cabelos “à bebê”. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.277, 1911, p.6.

Figura 56. José Romeu. José com seu bambolê e com um corte “à bebê”. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.403, 1913, p.24.

Essa maneira de simular nas crianças pré-escolares imagens de outros tempos ou de figuras imaginativas, pode se dever à pouca autonomia que esses pequenos ainda possuíam para escolher sua aparência se comparados aos mais velhos (o que possibilitava que suas mães pudessem lhe imprimir mais as características que desejassem) ao mesmo tempo que já se desarrumavam um pouco menos que os bebês e demandavam menos praticidade no vestir que estes.

Um grande ponto de inflexão da diferenciação de gênero entre as roupas das crianças ocorria entre as crianças escolares, da faixa dos 6 aos 10 ou 13 anos. Na chegada desse novo estágio da infância os meninos passavam a usar exclusivamente os calções e bermudas, geralmente usadas em conjunto com blusas e casacos de comprimento mais curto. O comprimento da bermuda desses meninos geralmente era na altura do joelho, ou um pouco abaixo.



Figura 57. Augusto. Calção, blusa e bengala. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.187, 1909, p.7.

Figura 58. 3 irmãos com seus calções. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.389, 1913, p.17.



Figura 59. O jovem Sérgio Buarque de Holanda e seu irmão Jaym. Trajam suas vestes brancas com calções para a ocasião da sua primeira comunhão. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, 408, 1913, p.20.

Já as meninas continuavam a utilizar as saias e vestidos, ainda que com um acréscimo no comprimento da barra, que a tornava mais em estilo “médio”. Nessa idade, o corte reto e a ausência de detalhes nas roupas dos meninos tornam a diferença com as das meninas mais nítida. Além disso, os cortes de cabelo se tornam radicalmente diferentes, com cabelos muito curtos para os meninos e a permanência dos cachos para muitas meninas, que também poderiam cultivar cabeleiras mais longas e lisas. O corte “bebê” desaparece nessa idade.



Figura 62. Vários modelos de vestidos para meninas. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.535, 1916, p.9.



Figura 63. Várias crianças de papel e seus trajes. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.383, 1913, p.29.

A imagem acima, de uma história do Chiquinho, reúne uma série de representações dos modelos de roupas que as crianças usavam nesse período, como, por exemplo, os calções do menino sentado, semelhante às imagens anteriores. Entre as crianças um pouco mais novas, merece destaque a grande semelhança dos trajes do próprio Chiquinho (de vermelho, à direita) com o da menina do canto esquerdo. Para além da mesma paleta de cores, as roupas se parecem no próprio modelo, como o recorte da gola, que apesar de diferir, tem uma simetria muito parecida, a cintura baixa demarcada por uma faixa. O volume na parte de baixo do traje, na menina se faz pela saia e no Chiquinho se faz pela “quase” saia. Além disso, apesar de Chiquinho não utilizar laços na cabeça como sua colega, esse elemento se faz presente com uma espécie de “gravatinha”.

A faixa etária seguinte, de Rapazes e Mocinhas se constitui como uma fase de transição. Para começar, é difícil determinar quando um menino se tornava rapaz e uma menina se tornava mocinha. O grande diferencial dessas duas figuras para as crianças se faz pela presença da calça comprida para meninos e da saia ou vestido muito comprido para meninas. Existem variações muito grandes nas idades que compõem esse conjunto. Nessa época estão presentes meninos trajando calças compridas aos 11 anos, mas também jovens usando bermuda aos 14. Entre as meninas também é possível perceber senhoritas de 12 anos com vestidos muito compridos e juvenzinhas de 15 com saias médias. É muito incomum

encontrar menções a jovens maiores de 16 anos em *O Tico-Tico*. Quando muito menciona-se alguma senhorita de 17 ou 18 anos, nenhuma vez explicitamente como leitora. Já entre os rapazes o mais velho presente nas páginas tem 16 anos. A última transição de roupas ocorria somente entre as meninas, quando passavam a usar um vestido tão comprido que chegava ao ponto de cobrir os pés, e assim se configuravam oficialmente como mulher por meio da visualidade. Esse último estágio de transição também era marcado pelo momento em que passavam a prender seus longos cabelos em coques.



A inteligente menina *Julinha Oliveira*, filha do sr. Seraphim Oliveira residente em Minas.



A graciosa Arminda Machado Bezerra, filha do Sr. Henrique dos Santos Bezerra. O retrato acima coube a Arminda como prêmio em um dos nossos concursos oferecido pela conhecida Fotografia Brazil.

Figura 64 Julinha Oliveira. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.83, 1907, p.16.

Figura 65. Arminda. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n. 392, 1913, p.5.



Figura 66. Modelos de Baile. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.536, 1916, p.7.



Figura 67. Joaquim .12 anos. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.87, 1907, p.18.

Figura 68. Octavio. 11 anos. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.190, 1909, p.8.

Sobre as calças compridas é necessário fazer um adendo. Como já foi mencionado, as fotos eram momentos solenes na vida dessas crianças de *O Tico-Tico*, ainda mais as fotos que eram enviadas para serem publicadas nas revistas. Os pais, principalmente quando se tratava das crianças mais novas, e as próprias crianças mais velhas procuravam vestir seus melhores trajes para a captura da imagem. No caso dos meninos da República Velha, isso significava em muitos casos o uso de trajes militares, sobretudo quando se tratavam de filhos de membros das forças armadas ou estudantes de escolas militares. O caso das roupas de soldados é o único que a calça comprida se sobrepõe ao calção no traje de meninos de qualquer idade (geralmente acima de 6 anos). Todavia, claramente não era a roupa que essas crianças usavam do dia a dia, servindo muito mais para os propósitos da foto e do seu envio para publicação.



Figura 69 Joaquim soldado. Sete anos, soldado do Batalhão Infantil. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.85, 1907, p.16.

Figura 70. Aquinaldo. Marinheiro. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.205, 1909, p.4.

Para além das roupas ligadas às forças armadas, outros casos em que se rompem completamente com os padrões de gênero e faixa etária mencionados acima eram os da fantasia de carnaval, em que meninos e meninas usavam os mais diferentes modelos de roupas que simulavam adultos de diferentes nacionalidades, profissões e personagens.

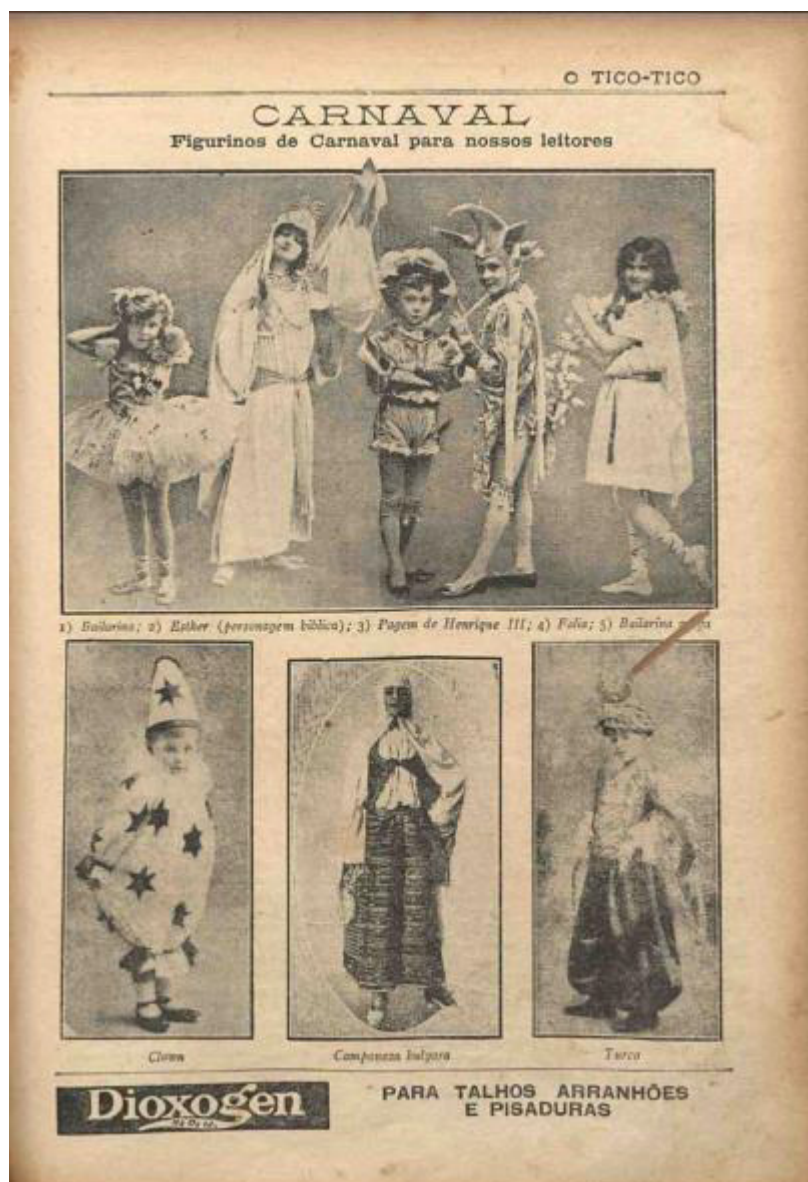


Figura 71. Fantasias de Carnaval. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.542, 1916, p.13.

A forma de se vestir ou ser vestido condicionava a forma como esses pequenos seres humanos se enxergavam e eram enxergados, gerando expectativas e sentimentos, sejam negativos ou positivos. As diferentes fases de vestimentas são colocadas como marcos da transformação de meninos em homens. Essas etapas (no século XVII e XVIII, do caso de Ariès, os vestidos “femininos”, seguidos das batas e finalmente pelos calções dos meninos acima dos 7 anos de idade¹²⁷) eram a forma através da qual a sociedade usava a indumentária na constituição da masculinidade e no que isso representava.

A análise da revista aponta que os marcos temporais e as indumentárias

¹²⁷ ARIÈS, Philippe. *História social da infância e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

correspondentes não são as mesmas das fontes analisadas por Ariès. No entanto, a característica principal do processo permanece: símbolos tidos como femininos são paulatinamente retirados das roupas dos meninos na construção do viril. No final do século XIX, esse processo era mais lento (ao menos no que diz respeito às vestimentas) e com maior heterogeneidade interna. Um indício dessa maior suavidade na transformação, se comparado aos séculos anteriores, é a forma como os vestidos são substituídos pelas calças, que, conforme observado anteriormente, passam por vestimentas intermediárias: primeiro o encurtamento dos vestidos, compridos e volumosos nos bebês, e mais curtos nas crianças de 1 a 2 anos (os quais começam a apresentar algumas diferenciações por gênero). Depois os saíotes com bermuda das crianças dos 3 aos 6 anos, e finalmente os calções para os meninos a partir dos 6 anos de idade. Ariès até menciona o hábito de meninos entre 5 e 7 anos de idade usarem calções por debaixo dos vestidos para se acostumarem nos séculos XVII e XVIII, mas não havia um modelo intermediário como o “shorts-saia”. A conclusão desse processo entre os meninos é o uso de calças compridas, o elemento distintivo dos homens para os meninos no século XIX. Só nesse momento o processo de masculinização estaria completo.

Gilda de Mello e Souza já havia notado que, ao longo do século XIX, elementos como rendas, bordados, tecidos esvoaçantes e coloridos, anteriormente presentes na indumentária tanto feminina quanto masculina, se tornaram exclusivamente femininas, enquanto as roupas masculinas foram adotando tom mais austero¹²⁸. Porém, o que podemos observar é que esses elementos continuaram a existir sim em uma indumentária masculina, ainda que específica: a infantil. Todavia, de fato, esses elementos são gradativamente retirados das roupas dos meninos e substituídos pelo ascetismo dos homens à medida que as crianças crescem. Os vestidos de meninos de 1 a 2 anos já não tinham tantos bordados e rendas quanto os dos bebês e, se no *garçonnette* esses elementos ainda podem ser algumas vezes observados e os saíotes ainda dão certo volume ao traje, as roupas dos meninos maiores de 6 anos tem corte reto e raríssimos são os casos de detalhes, adereços ou rendas.

A indumentária feminina infantil não passa por tantas etapas quanto a masculina e varia menos se comparada à indumentária feminina adulta. A principal diferença entre as roupas de meninas e mulheres no final do século XIX é o comprimento das saias, que aumenta conforme a faixa etária. Passados os vestidos longos dos bebês, dos 2 aos 6 anos, em geral, a barra da saia ficava pouco acima do joelho. Dos 6 aos 13 anos de idade ela baixa para

¹²⁸ MELLO E SOUZA, Gilda de. *O espírito das roupas: A Moda no Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

pouco abaixo do joelho e vai crescendo até chegar nos modelos adultos, onde sequer os pés das mulheres são visíveis. A altura das cinturas também passava por transformação semelhante. Os modelos voltados às meninas mais novas tinham como padrão uma cintura baixa ou mediana, que se tornava gradativamente uma cintura alta à medida que as meninas cresciam.

Os momentos dessas transições são muito variados entre os leitores de *O Tico-Tico*, sobretudo o da transformação de meninos e meninas em rapazes e moças, como já foi abordado anteriormente. Essas variações em muito se deviam às próprias expectativas dos pais em relação ao desenvolvimento de seus filhos. As transformações corporais poderiam ser as protagonistas em alguns casos para as modificações do vestuário, mas também poderiam ser coadjuvantes nessas alterações em relação à percepção e desejo dos progenitores e das próprias crianças em relação ao amadurecimento e ao paulatino abandono da infância. Alguns ritos de passagem, como a primeira comunhão, por vezes acabavam demarcando essa transformação, todavia estava longe de ser uma regra. No caso dos meninos abastados o ingresso em colégios tinha um grande peso nessa transição, que cobravam a masculinidade dos jovens estudantes para ingressar e ser bem sucedidos em seus quadros¹²⁹.

No que diz respeito às crianças pobres, o que se pode aferir pelas poucas imagens em que aparecem em *O Tico-Tico* é que as transições eram muito mais bruscas e meninos em idade escolar passavam a usar calças compridas, antes dos seus contemporâneos das classes média e alta. Isto demonstra certo “encurtamento” do sentimento da infância nos meninos das classes mais baixas, que precisavam que os seus jovens crescessem rápido para o trabalho e sustento. Entre as meninas de origem mais humilde pouco se percebe de diferença em relação às meninas mais ricas além da maior simplicidade das roupas e da ausência de sapatos, já mencionada no capítulo anterior. Os trajes das crianças mais pobres foram analisados aqui nessa dissertação principalmente através de fotografias de grupos escolares, em especial os benéficos e operários.

¹²⁹ JABLONKA, Ivan. A infância ou a “viagem rumo à virilidade”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade v.2 - o triunfo da virilidade: o século XIX*. Petrópolis, Vozes, 2013, p. 47.

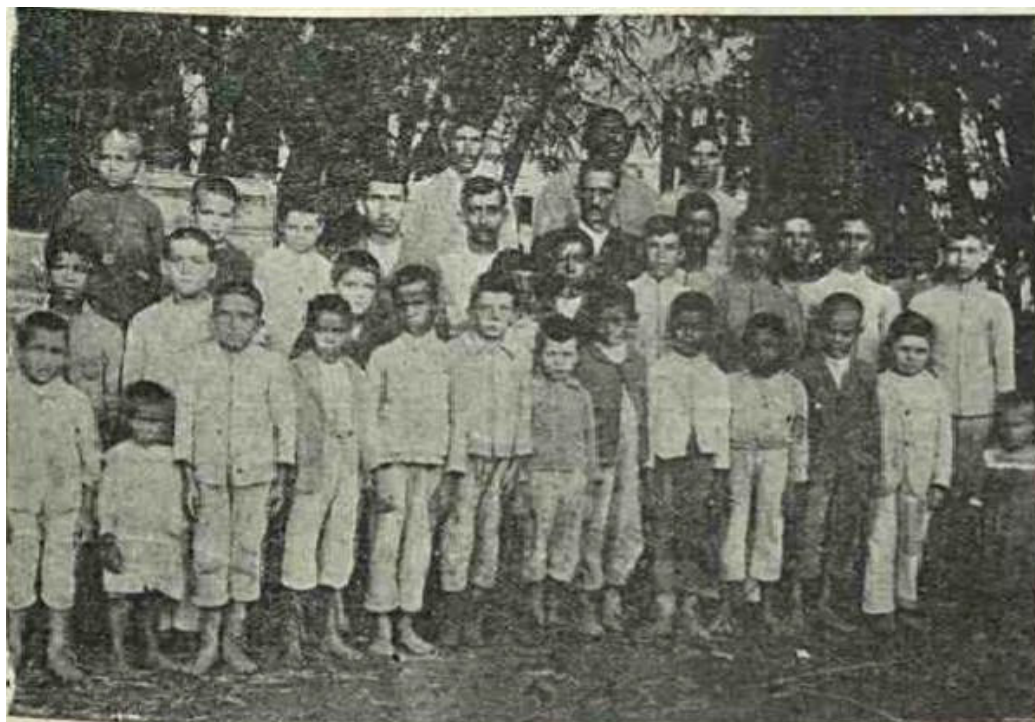


Figura 72. Grupo escolar do professor Godinho em Mendes. Na primeira fileira todos descalços sobre o chão batido e vários com calças compridas. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.67, 1907, p. 23.



Figura 73. Grupo de alunas do Colégio da Companhia Industrial Serra do Mar. Quase todas descalças na primeira fileira. "São operárias, filhas de operários d'aquella fabrica de phosphoros; gente honesta e laboriosa, que nas horas que sobram do trabalho, procura instruir-se dedicadamente. Essas caprichosas estudantes enviaram seus retratos ao *Tico-Tico* de que são leitoras e admiradoras". *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.85, 1907, p.17.

Diferentemente das fotografias particulares, onde há uma grande prevalência de crianças brancas, nas fotografias desses grupos escolares há uma expressiva presença de crianças negras. É possível imaginar que o único acesso desses pequenos ao *O Tico-Tico* se fizesse nessas escolas. Também é possível aventar que essas fotografias fossem as únicas que essas crianças tiraram em suas vidas devido ao alto custo desse tipo de produto, já mencionado. A qualidade gráfica dessas imagens é visivelmente inferior às suas contemporâneas. No que diz respeito às suas vestes, novamente, apesar dessa “aceleração” da transição de meninos pobres em homenzinhos e de uma falta de variedade de modelos de roupas entre as crianças de classe baixa, não se pode dizer que estas escaparam da lógica de vestuário infantil dos primeiros 60 anos do século XX. Esses pequenos e suas famílias deveriam seguir os padrões da maneira que conseguiam, e por certo houve aqueles que se sentiram tristes ou constrangidos por não poder usufruir das roupas bonitas que viam outras crianças usarem.

Em relação à norma de vestimenta geral, a presença de adereços nas roupas das crianças pequenas e das meninas aponta para aquela que é talvez a principal característica do imaginário coletivo sobre a infância moderna: a aura de inocência, que por sua vez remete aos preceitos cristãos de moralidade. Laços, rendas, bordados, modelos fofos e esvoaçantes teriam o efeito de evocar, nos adultos, a imagem de doçura, pureza e meiguice. A visualidade, retomando o papel nada secundário da exterioridade conforme Miller¹³⁰, seria um mecanismo para os adultos ordenarem um espaço de beleza e decência no qual os pequenos deveriam se inserir, sobretudo os da classe mais abastada. A escolha das roupas seria parte fundamental desse mecanismo. Além da ideia de pureza, a beleza e decência das roupas se conectariam às noções higienistas abordadas no capítulo anterior, segundo as quais as mães seriam responsáveis pelo cuidado do asseio de seus filhos e por evitar e coibir os comportamentos pecaminosos. A pureza e impureza e o alinhamento a uma moral religiosa podiam ser medidos a partir da aparência das crianças, onde se inserem suas vestimentas (e a suntuosidade das mesmas também).

Retomando a relação entre adereços de roupas e características associadas à infância como inocência e pureza, é interessante observar como esse aspecto se manifesta nas transformações de roupas de meninos e meninas. São nas roupas delas que o mundo dos apetrechos está completo. Segundo Ariès, as semelhanças dos vestidos de meninas e mulheres

¹³⁰ MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas*: estudos antropológicos sobre a cultura material. Por que a indumentária não é algo superficial. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

seriam o reflexo de uma “adulterização” (neologismo meu) das meninas. Os meninos e suas roupas infantis em diversas etapas teriam sido as primeiras crianças especializadas, enquanto o universo das meninas seria menos separado dos adultos¹³¹.

A interpretação de Ariès talvez esteja correta para os séculos XVII e XVIII, mas a análise das fontes indica que no começo do século XX a lógica era oposta. São menos as meninas que são “adulterizadas” e mais as mulheres adultas que são infantilizadas – noção já trabalhada anteriormente nessa dissertação. Enquanto os símbolos de pureza infantil desapareciam do vestuário masculino à medida que o menino se tornava homem, eles se perpetuavam por toda a moda feminina. De certa forma, as mulheres não teriam perdido seu caráter infantil. A quase nula diferenciação nas regras de vestir meninas ricas e pobres também demonstraria essa infantilização das mulheres. Enquanto que meninos das classes mais baixas tinham seu processo de crescimento mais “acelerado” com a adoção precoce das calças compridas, as meninas desse nível social continuavam a usar vestidos mais curtos, mesmo que talvez já habitassem o mundo adulto (sendo empregadas em trabalhos remunerados ou no serviço doméstico familiar, por exemplo).

O caso do modelo de roupa do “Pequeno Lorde” é muito significativo nesse sentido. Paoletti afirma que o romance e suas ilustrações, que inspiraram a peça de roupa faziam sucesso entre as mães dos pequenos, que gostavam da doçura e educação do personagem e que buscariam fazer com que seus filhos se parecessem com ele¹³². Nesse sentido, seria também uma estratégia dessas mães de lhes retardar o crescimento e perpetuar a infância. Um detalhe muito interessante e elucidativo é que na maior parte das peças de teatro o pequeno lorde era interpretado por meninas e na primeira adaptação cinematográfica da história, feita em 1921, foi encenado por uma moça, a estrela hollywoodiana Mary Pickford.

Apesar dos diversos estratagemas que algumas mães poderiam recorrer, o fato é que os meninos cresciam e iam tendo apagados os elementos de indumentária que o ligavam ao feminino/infantil. Um item importante que se faz presente nas fotos de meninos de *O Tico-Tico* e que atua na construção das masculinidades é a bengala (figuras 39, 16, 50, e 57). Já a partir dos 3 anos de idade há imagens de meninos com bengalas, mas sua presença nas imagens se torna mais frequente à medida que os meninos ficam mais velhos, denotando ser também um elemento do processo de fazer dos meninos, homens.

Embora essa pesquisa se concentre na indumentária, cabe alguns breves comentários

¹³¹ ARIÈS, Philippe, op.cit..

¹³² PAOLETTI, Jo Barraclough, op.cit.

sobre os brinquedos que em várias imagens das revistas acompanham as crianças, pois também desempenham relevante papel na construção dos papéis de gênero. Entre as crianças pequenas, sejam meninos ou meninas, pelúcias e animais de madeiras são recorrentes, sobretudo entre 1 e 4 anos de idade. O mais comum, entretanto, são brinquedos diferenciados para meninos e meninas já a partir do segundo ano de vida. Nas de meninas as bonecas são o brinquedo mais comum. Já entre os meninos é o chicotinho. A ideia do “menino travesso”, que é também a de um menino ativo (portanto algo não necessariamente negativo), era muito incentivada desde o começo do século XX¹³³. O chicotinho remete a uma atividade física, a montaria, e também pode fazer uma alusão a um certo grau de violência. Atitudes imperativas, quando levadas ao cabo por meninos, são vistas com bons olhos, de modo que meninos seriam estimulados a exercer sua autonomia, cometer peraltices, o que por sua vez seria importante para se tornarem sujeitos independentes e ativos quando virassem homens. Nas meninas, por outro lado, esse comportamento deveria ser coibido e as brincadeiras restritas a simular um ambiente doméstico e os cuidados necessários a este – situação para a qual as brincadeiras com bonecas se mostravam as mais adequadas.

Michelle Perrot realiza uma interessante análise sobre os brinquedos, também os tomando enquanto uma espécie de “acessórios”. Segundo a autora, esses objetos, da mesma maneira como os vestidos e camisolões, teriam como uma das suas funções unir mulheres e crianças em um mesmo universo. Essas peças colocariam meninas e meninos em comunhão com as suas mães em um sentido estético por meio da disseminação dos brinquedos por todo o ambiente doméstico (algo que pode ser notado nas pinturas da época) demarcando uma presença infantil nesse espaço feminino e uma feminilidade na infância¹³⁴.

Como já visto, o ideal de inocência infantil cumpre papel importante nessa conexão. A partir o século XVIII se consolidou, tendo como base as reformas religiosas e os discursos médicos, uma noção do corpo como fonte de vergonha e necessário pudor, que tem que ser imposto e zelado sobretudo em relação às crianças.¹³⁵ Um dos maiores símbolos disso é a preocupação das instituições morais e de higiene com a masturbação infantil. Esta seria um problema que, caso concretizado, impactaria negativamente toda a vida do sujeito. As roupas exerciam um papel nesse zelo. Como é possível observar nas imagens dessa primeira fase

¹³³ ROVERI, Fernanda Theodoro. *Criança, o botão da inocência: as roupas e a educação do corpo infantil nos anos dourados*. Tese (Doutorado em educação), Unicamp, Campinas. 2014.

¹³⁴ PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, M *História da vida privada 4 – da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras 1991.

¹³⁵ FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. Trad. Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008.

recortada de *O Tico-Tico*, elementos associados à inocência gradativamente são retirados da indumentária com a aproximação da puberdade e, conseqüentemente, com a proximidade do perigo da masturbação, que torna as crianças, pela mera possibilidade de cometer tal pecado, mais impuras, e, portanto, menos crianças.

Apesar de ocorrer tanto nas roupas de meninos como nas para meninas, essa perda de inocência e a negatividade da impureza associada tem pesos diferentes, operam de maneira diversa e agregam valores específicos para meninos e para meninas. O paulatino apagamento dos símbolos femininos nas roupas de meninos e a introdução gradual de calções se de fato simbolizam uma perda de inocência, esta é, por outro lado, encarada como necessária e positiva no caminho que leva a uma virilidade plena, a qual, no caso das vestimentas, culmina com a adoção do traje ascético dos homens adultos. Esse aspecto de ganho com a masculinização é corroborado por Maria Cristina Volpi¹³⁶ que argumenta que o vestuário masculino do século XIX – cujo símbolo máximo é a figura do burguês de negócios – exerceu papel fundamental na consolidação da masculinidade entre as classes mais altas. Os valores do *self-made man* seriam reafirmados pelo modo de vestir-se masculino, como alguém que deve ocupar-se do mundo do trabalho, da vida pública, e deixar para trás as frivolidades da moda, que era assunto de nobres (e suas roupas cheias de enfeites) e mulheres. Essa austeridade não deve ser confundida com um abandono completo por parte dos homens em relação à preocupação com a aparência. Pelo contrário, a elegância era um ideal almejado e um traço de distinção no século XIX, mas exibida de formas sutis, como na qualidade dos tecidos, detalhes nos botões ou no corte bem feito.¹³⁷

Entre as meninas, por outro lado, esse processo de perda da inocência não tem essa contrapartida positiva e recebe conotação muito mais negativa. O já observado aumento gradual do comprimento das saias é sintomático disso. À medida que se tornam seres menos puros e mais pecaminosos, esconder os corpos femininos era visto como o correto e necessário para manter a decência e a ordem sexual.

O século XIX – cuja moda permanecia a referência nas primeiras décadas do século XX – fora um momento de enrijecimento das regras morais. O puritanismo passou a marcar a forma das roupas femininas, escondendo quase por completo o corpo das mulheres e preenchendo com tecido seus contornos. Segundo Mello e Souza, uma exceção era feita para os vestidos de baile, nos quais decotes maiores eram permitidos, os quais poderiam ser usados

¹³⁶ VOLPI, Maria Cristina. Modos masculinos de vestir na Belle Époque carioca. *Histórias do vestir masculino: narrativas de moda, beleza, elegância*. Maringá: Eduem, p. 17-34, 2017.

¹³⁷ MELLO E SOUZA, Gilda de, op.cit..

pelas mulheres nos jogos de poder e sedução da sociedade¹³⁸; o que se por um lado reforça a ideia do corpo como algo pecaminoso, também demonstra que mesmo com uma moral tão restrita que atingia o vestir-se, as mulheres encontravam meios de se utilizar dele para seus próprios fins e usar a indumentária como instrumento de agência.

Essa possibilidade de se utilizar das roupas a seu favor levanta a possibilidade de que algumas meninas almejassem o uso dos vestidos compridos das mulheres adultas de forma análoga a que os meninos desejavam o uso da calça, ou seja, que desejavam se tornar mulheres. Todavia, não podemos ignorar que a expectativa social em relação às masculinidades e feminilidades atribuem valores diferentes, até mesmo opostos, a esses processos de se tornarem adultos. Conforme já afirmava em minha monografia defendida em 2018:

Enquanto que a perda da pureza entre os meninos é vista como algo necessário para adquirir outra coisa, a virilidade, a diminuição da inocência das meninas é vista como algo irrecuperável. Todavia, é válido lembrar que mesmo adultas as mulheres ainda são vistas como mais inocentes que os homens, tanto no sentido de serem mais ignorantes quanto no de serem indivíduos que deveriam se submeter mais à moralidade. Nesta perspectiva, as mulheres seriam apenas crianças mais impuras.¹³⁹

4.2.2 Segunda temporalidade: 1917-1925

Mudanças sutis nesse padrão de vestimenta começam a operar com o avançar da década de 1910 e vão se tornando cada vez mais significativas, sobretudo nos últimos anos da Primeira Grande Guerra. 1917 é o ano em que alterações são mais evidentes e foi o ano escolhido nessa dissertação para essa nova fase das roupas de criança, que se mantém até 1925.

O principal padrão seria o seguinte:

Tabela 2. Vestuário 1917-1925

| | Masculino | Feminino |
|---------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| Bebês pequenos (0-1 ano) | Vestidos compridos e curtos | Vestidos compridos e curtos |

¹³⁸ Ibid.

¹³⁹ MAGNO, Isabela Brasil, op.cit., p. 21.

| | | |
|---|---|--|
| Bebês (1-3 anos) | Vestidos curtos e macacões | Vestidos curtos e macacões; alguns laços na cabeça |
| Pré-escolares (3-6 anos) | Bermudas, macacões, shorts-saias, vestidos (raríssimos) | Vestidos, saias curtas e bem curtas, macacões; laços cabeça |
| Escolares (6-10/12 anos) | Bermudas | Vestidos e saias curtas; laços na cabeça |
| Rapazes e Mocinhas (11/13-16 anos) | Bermudas e calça comprida | Vestidos e saias médias |
| Adultos (17+) | Calça comprida | Vestidos compridos e saias compridas, vestidos médios e saias médias |

Fonte: A autora

Se até então as roupas de meninos eram as mais especializadas e os marcadores que começavam a diferenciar os gêneros das crianças eram masculinos, a partir de 1917 começa cada vez mais a se difundir um acessório que passa a diferenciar meninos e meninas a partir da feminilidade: o laço na cabeça. Diferentemente do período anterior em que esse adereço começava a ser utilizado por meninas na idade pré-escolar, a partir de 1917 passa também a ser utilizado em bebês, e não mais como um discreto enfeite na lateral do cabelo, mas como um enorme ornamento posicionado no centro. Dessa forma, surge uma possibilidade de identificar o gênero das crianças pequenas através do que lhes enfeitava a cabeça. De 1917 a 1921, aproximadamente, há ainda muitas meninas sem laços, o que não tornava garantida essa diferenciação. A partir de 1921 as leitoras de *O Tico-Tico* passam a viver de laço nas suas fotos. Nas ilustrações da seção de moda nem sempre se fazem presente, mas também são muito representados. Somente dois casos de meninos trajando laços foram encontrados em todo o período analisado da revista. Isso deixa em aberto a possibilidade de um erro, da legenda e da foto não serem da mesma criança, uma vez que há alguns casos de não combinação de legenda e foto em *O Tico-Tico*, o que pode ser verificado devido a republicações de fotos com legendas diferentes e de fotos repetidas em uma mesma edição com legendas diversas. Com o avançar da década de 20 os laços passam a ser cada vez maiores, sendo observável em algumas fotos mais laço do que criança.



Figura 74. Calcilda. 2 anos e meio, grande laço na cabeça. *O Tico- Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.679, 1918, p.29.

Figura 75. Bebê Graça. também com laço. *O Tico- Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.761, 1920, p.15.



Figura 76. Grupo de meninas de diferentes idades. Todas com laços. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.847, 1921, p.11.

No que diz respeito ao modelo das roupas, os vestidos ainda permanecem com uma certa importância para as crianças pequenas. Para os bebês menores de 1 ano a principal diferença em relação ao período anterior é de que os vestidos compridos passam a conviver com vestidos mais curtos.



Figura 77. Boneca de papel para colorir. Um bebê e suas roupinhas. Presença do vestido comprido e de vestidos curtos. *O Tico- Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1005, 1925, p.8.

Para os bebês maiores de 1 ano até os 3 anos a grande novidade se constitui na inserção do macacão na indumentária, tanto de meninos quanto meninas, que passa a ser cada vez mais popular com o avançar da década de 1920. Esses macacões a princípio se assemelhavam muito aos vestidos com o diferencial de serem fechados em volta das pernas.



Figura 78. Vários vestidos para bebês de 1 a 3 anos. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1014, 1925, p.13.



Figura 79. Modelo de macacão para bebê. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.806, 1921, p.16.

Figura 80. Irmãos de no máximo 3 anos trajando macacões. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.806, 1921, p.16.

Entre as crianças pré-escolares esse momento (de 1917-1925) é o mais variado para os modelos de roupas. Os meninos apresentam uma ampla variação em suas roupas, que vão desde calções em conjunto com blusas curtas, macacões, shorts-saias e um ou outro vestido, que se torna muito raro nesse período. Entre as meninas, além dos principais modelos (os vestidos e saias), também é acrescentado o macacão, assim como com o das meninas bebês.



Figura 81. Modelo de macacão para criança de 3-4 anos. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.850, 1922, p.14.

Figura 82. Rubens e seu macacão. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.850, 1922, p.14.



Figura 83. Nelson e seu "garçonnet". *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.848, 1922, p.13.

Figura 84. Luiza, com seu grande laço e vestido, Sebastião sem laço, mas com "garçonnet" *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.912, 1923, p.14.



Figura 85. José, Antonio e Humberto. Humberto com conjunto de blusa e calção, seus dois irmãos mais novos com macacão. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: *O Malho*, n.980, 1924, p.11.

Figura 86. Irmãs de laço. Yvone (sem indicação) e sua irmã com vestidos curtinhos e enormes laços. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: *O Malho*, n.971, 1924, p.11.



Figura 87. Macacão para criança pequena. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.827, 1921, p.6.

Figura 88. Vestidinho para meninas pequenas. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.937, 1923, p.8

Para as crianças em fase escolar pouco muda. Meninos continuam a usar quase que exclusivamente calções com blusas curtas e as meninas permanecem sendo vestidas com saias e vestidos curtos. Entre os rapazes também não se observa nenhuma grande alteração, com a manutenção de bermudas e calças compridas. Para as mocinhas a principal diferença se trata dos comprimentos de saias e vestidos, que em alguns casos passam a ser mais curtos se comparados ao período anterior, existindo modelos (sobretudo na metade da década de 20) na altura do joelho, ainda que os modelos mais compridos não tivessem sido completamente descartados nesse período. A moda feminina adulta acompanha esse movimento, mas de forma um pouco mais comedida, pois a diminuição do tamanho dos saíotes se faz mais perceptível entre as jovens.



Figura 89. Vestido para menina mais velha. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.838, 1921, p.6.

Figura 90. Conjunto com suspensório para mocinha. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.960, 1924, p.8.

A partir de 1925 as mudanças se intensificam ainda mais, fazendo com que esse período de 1917-1925 possa ser encarado como um período de transição, onde boa parte das regras já estão alteradas, mas ainda não ganharam um delinear claro

4.2.3 Terceira temporalidade: 1925-1934

Tabela 3. Vestuário 1925-1934

| | Masculino | Feminino |
|---------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| Bebês pequenos (0-1 ano) | Vestidos compridos e curtos | Vestidos compridos e curtos |

| | | |
|---|---|---|
| Bebês (1-3 anos) | Vestidos curtos, macacões e bermudas | Vestidos curtos e macacões; laços na cabeça |
| Pré-escolares (3-6 anos) | Bermudas, macacões, shorts-saias (raríssimos) | Vestidos, saias curtas e bem curtas, macacões; laços cabeça |
| Escolares (6-10/12 anos) | Bermudas | Vestidos e saias curtas; laços na cabeça |
| Rapazes e Mocinhas (11/13-16 anos) | Bermudas e calça comprida | Vestidos e saias médias. |
| Adultos (17+) | Calça comprida | Vestidos médios; saias médias; vestidos compridos; saias compridas. |

Fonte: A autora

Nesse período de 1925 até 1934 praticamente nada se altera no que diz respeito à indumentária de bebês pequenos. Para os bebês meninos de 1-2 anos uma grande mudança é a inserção de bermudas, ainda que com um estilo mais parecido com as “garçonnets” - composto por uma bermudinha justa sobreposta por uma bata larga - do que com o vestuário dos meninos escolares.



Figura 91. Vicentinho. Bata Larga sobre shortinhos. *O Tico- Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1217, 1929, p.26.

Vestidos para meninos dessa idade ainda são encontrados nesse período, todavia a principal peça de roupa utilizada e indicada para bebês dessa faixa etária, meninos e meninas, não se tratava nem da bermuda e nem dos vestidos, mas dos macacões que ganham muita importância na segunda metade da década de 1920. Os laços se fazem ainda mais presentes entre as meninas bebês, se fortalecendo como um elemento distintivo de gênero entre os bebês de 1-3 anos.



Figura 92. Maria do Carmo, macacão. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1150, 1927, p.10.

Figura 93. Francisco, macacão. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1245, 1927, p.15

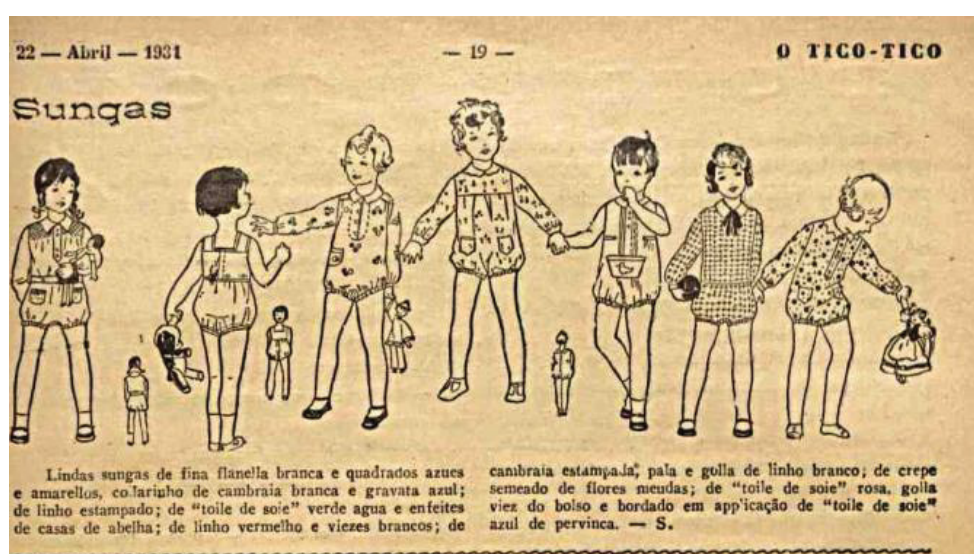


Figura 94. Vários modelos de macacão para crianças pré-escolares. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1333, 1931, p.19.

O macacão inclusive passa a ser uma das principais peças de roupa para os meninos pré-escolares. A bermudas também ganham cada vez mais presença no vestuário desses pequenos, enquanto os vestidos desaparecem por completo das fotos de meninos nesse período. A combinação de uma “bata” larga sobre shorts bem curto também passa a ser muito presente nesse período.



Figura 95. Hugo e Antenor. Macacão. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1241, 1929, p.10.

Figura 96. Paulo Sérgio. Macacão *Tico-Tico*: O Malho, 1929, n.1283, 1930, p.27.



Figura 97. Osmar. Bata e shortinhos. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1235, 1929, p.27.

Figura 98. José. Blusa comprida e shortinhos. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1410, 1932, p.12.

Um grande ponto de inflexão também são as pouquíssimas aparições que o modelo “shorts-saia” faz nesse período. Alguns modelos bem tradicionais ainda podem ser encontrados no período de 1925-1927, aproximadamente, mas são poucos. Ao adentrar da década de 30 o modelo tradicional de *garçonnet* desaparece por completo e o próprio termo *garçonnet* passa diversas vezes a ser utilizado para descrever modelo de macacões para crianças pré-escolares. Entre as meninas pré-escolares o macacão também se faz muito presente em sua indumentária, mas a principal peça de roupa utilizada por estas são vestidos, extremamente curtos. As saias praticamente desaparecem do vestuários dessas meninas, sendo substituídas por esses vestidos, que geralmente são totalmente retos com pouco volume e sem nenhuma cintura.



Figura 99. Vestidos para meninas pré-escolares. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1166, 1928, p.13.

Para meninos escolares, novamente, nenhuma grande alteração é percebida. O único elemento levemente diferente dos períodos anteriores é a popularidade dos trajes de marinheiro, que alcançam o seu auge nesse período.



Figura 100. José traje de Marinheiro. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: *O Malho*, n.1218, 1929, p.10.

Para as meninas a maior alteração é novamente no comprimento das saias e vestidos, que se tornam significativamente menores para toda moda feminina. O aumento do tamanho das barras das meninas pré-escolares para as meninas escolares é mínimo e em alguns casos não é nem perceptível. Para estas últimas também os vestidos se sobrepõem em muito em relação às saias. Mesmo entre as meninas dessa idade o estilo marinho fica popular, mas menos que entre os meninos.

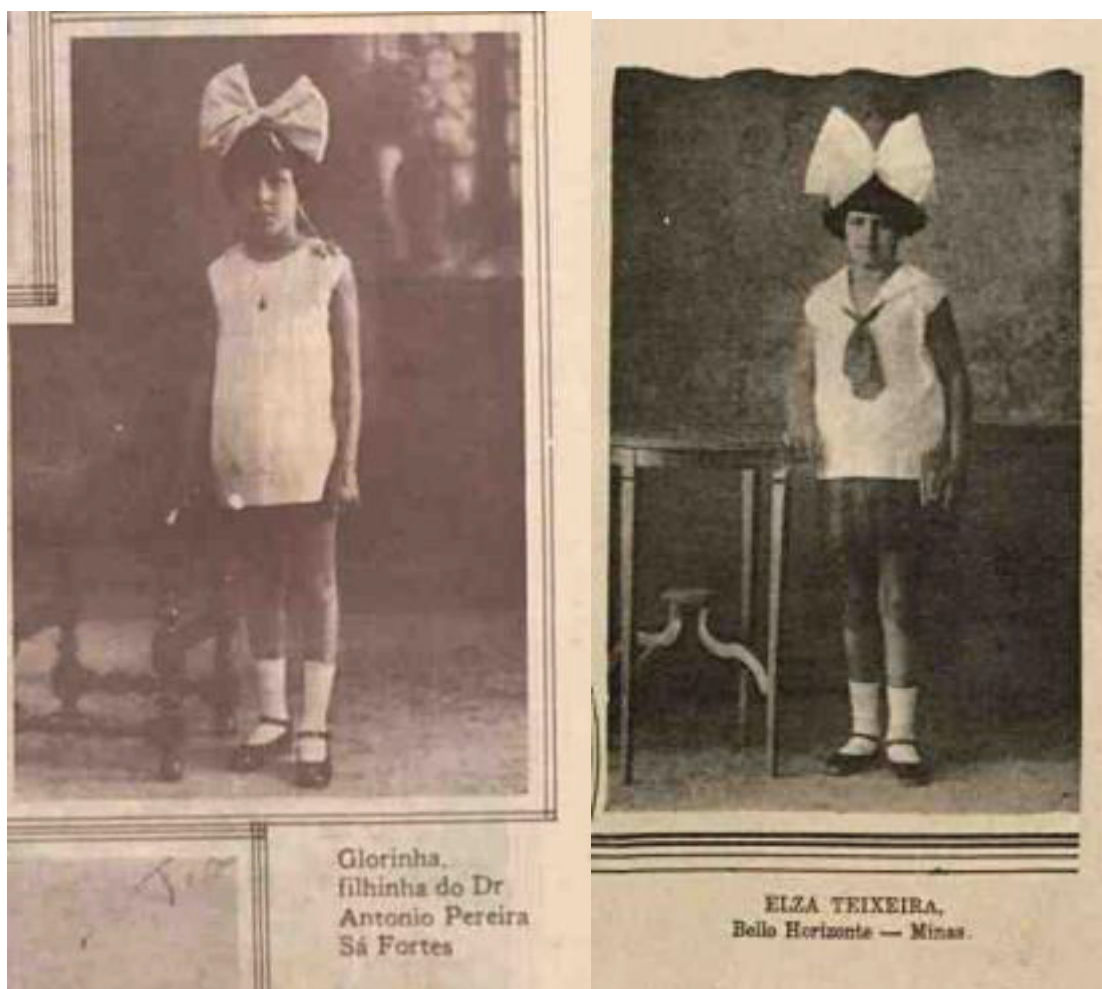


Figura 101. Glorinha. Vestido bem curto, laço enorme. *O Tico- Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, 1927, n.1167, p.10.

Figura 102. Elza. Vestido bem curto em estilo marinheiro, laço enorme. *O Tico- Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1256, 1929, p.9.

Entre rapazes, nada de muito significativo se altera novamente. A grande formalidade das ropas se preserva, com a manutenção das gravatas e da bengala ainda como os elementos principais de sua vestimenta. Já as mocinhas se tornam mais ousadas, e assim como as mulheres mais velhas, reduzem significativamente os seus saiotes, deixando muitas vezes os joelhos de fora. Nessa faixa etária as saias têm mais destaque do que se comparada com as vestimentas das meninas mais novas. Mesmo com a diminuição do comprimento dessas peças, um aumento das barras entre os vestidos de meninas pré-escolares e das mocinhas é muito perceptível, o que demonstra que as regras dos períodos anteriores não foram completamente descartadas.



Figura 103. Vários modelos para mocinhas com joelhos de fora. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1235, 1929, p.6.



Figura 104. Ousadas senhoritas com seus joelhos de fora. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: *O Malho*, n.1319, 1931, p.10.

No que diz respeito aos cortes de cabelo, os cachos compridos e médios desaparecem por completo dos cabelos dos meninos de idade pré-escolar e se tornam um pouco menos populares entre as meninas, no período de 1925-1934. O cabelo “a bebê”, no entanto, se torna ainda mais popular e ultrapassa a idade das crianças pré-escolares (que passam ainda mais a usá-lo) e chega até as meninas escolares, mocinhas e mulheres adultas. Os meninos em fase escolar e os rapazes mantêm seus cabelos cortados de forma extremamente curta.

O que todo esse período de 1917-1934 apresenta são transformações que fluem no sentido de demarcar mais claramente o gênero das crianças. Essas modificações nem sempre excluía imediatamente os padrões anteriores e se operaram em diferentes faixa-etárias em momentos diversos

Como já foi exposto, um primeiro elemento dessa mudança foi a grande difusão dos laços no visual das meninas, caracterizando uma primeira diferenciação de gênero pela feminilidade. Apesar dessa primeira mudança ter se dado no vestuário das meninas, as diferenças mais significativas de demarcação de gênero se operaram na indumentária dos meninos, sobretudo dos meninos pequenos. Ainda na primeira fase de 1917-1925 os vestidos passaram a ser cada vez mais raros na indumentária dessas crianças, e ficaram praticamente restritos aos bebês de até 3 anos. Com o avançar para a segunda metade da década de 20 os vestidos desaparecem por completo do vestuário de meninos pré-escolares e sua frequência de

aparição cai mesmo entre os bebês de 1 a 2 anos. Os modelos de “garçonnet” em estilo “shorts-saia” também vão desaparecendo gradualmente desde 1917, sendo extintos na década de 30. Como o grande substituto nas roupas de bebês e de meninos pré-escolares surge o macacão, que adquire cada vez mais popularidade com o passar do tempo. O macacão passa a compor também o guarda roupa das meninas pequenas, contudo, se faz muito mais presente entre os garotos.

Esse apagamento das saias e vestidos e a inserção cada vez mais cedo das bermudas e do macacão (que é uma peça com “pernas”) aponta para um desejo de masculinizar os meninos mais cedo em suas vidas. Os bebês muito pequenos foram preservados dessa inserção de virilidade nesse período, mas os acima de 1 ano de idade foram sendo cada vez menos poupados do início do processo de transformar garotinhos em homens. Para além da retirada dos símbolos da feminilidade como as saias e vestidos, outros elementos foram sendo eliminados do vestuário dos meninos. Se na década de 1920 ainda sobreviviam alguns “frufus” nas roupas dos pequenos, principalmente na forma de gravatas de lacinho, na década de 1930 o visual de meninos pré-escolares já é muito mais sóbrio, se assemelhando cada vez mais com as roupas dos meninos escolares do que com as meninas de sua idade. Algumas estampas mais delicadas como as estampas florais ainda permanecem na vestimenta de meninos pequenos, sobretudo nos macacões. Todavia, os laços, os bordados, as rendas e outros tipos de firulas desaparecem por completo.

Assim como os seus sintomas, os motivos que levaram a essas mudanças são difusas e por vezes conflitantes. Elas também foram se construindo, se modificando e se consolidando com o passar do tempo. Aqui serão agrupados em 4 conjuntos, que não são excludentes em relação um aos outros, os quais serão listados e depois, analisadas um a um. Um primeiro grupo de motivos estaria ligado ao próprio processo de individualização da criança que se prolongava desde o século XVII e ainda estaria em curso no século XX. Um segundo grupo estaria relacionado com o surgimento e a difusão do ramo da psicologia, mais precisamente dos estudos psicanalíticos. O terceiro teria em suas bases percepções e interesses ligados a mudanças geracionais de pais do século XX. O quarto e último que será abordado estaria ligado com a criação do conceito de adolescência e da emergência da juventude como um valor, que teve seus primeiros passos nessa época do pós Primeira-Guerra, mas que teria se fortalecido ainda mais no período que será posteriormente analisado, o de 1934-1958. É preciso pontuar que essas razões e motivações na maior parte das vezes não eram formuladas de maneira plenamente consciente pelos adultos, e que muitas vezes

influíam de diversas maneiras, em diferentes momentos nas mais variadas famílias que vestiam crianças na primeira metade do século XX.

4.2.3.1 Entre mudanças e seus motivos

O primeiro conjunto de motivos que impactou nesse movimento estaria intimamente ligado com o processo de especialização da infância abordado no capítulo anterior. Desde o seu princípio esse processo se pautou na individualização das crianças, construída entre outros meios pela visualidade. Antes dessa especialização os bebês nem roupas próprias possuíam, pois não eram considerados sujeitos, então seria insignificante fazer alguma alusão a gênero. Com a criação de uma indumentária especial para os mais jovens, se delegou aos bebês o gênero feminino, assim lhes garantindo algum lugar na humanidade, ainda que não o melhor. Fica muito claro que o detalhado processo de construção da masculinidade e feminilidade do período anterior a 1917 era no sentido de transformar meninas, e em especial meninos, em indivíduos completos. A todo momento *O Tico-Tico* lembra que a grande função dos meninos era tornarem-se os futuros cidadãos do Brasil, e das meninas era de se tornarem as futuras mães do país. Sendo assim, a infância era tratada como um período de transição para uma existência plena.

Tendo em vista que esse processo de individualização das crianças não se encerrou no final do século XIX, pelo contrário, só se acentuou ainda mais no século XX, e que as crianças iam conquistando de pouco em pouco cada vez mais relevância nas sociedades, é possível aferir que as sociedades ocidentais passaram a encarar uma necessidade de expor a individualidade das crianças, e no caso dos meninos, a sua masculinidade, cada vez mais cedo.

No século XX, aproximar as roupas de crianças de uma forma mais adulta de se vestir (especialmente meninos de homens, já que eram as que mais se diferenciavam entre si) passou a ser uma forma de denotar a relevância dos pequenos. A infância do século XX não perde totalmente seu caráter de transição, mas as crianças desse período vão adquirindo importância não no sentido de valorizar suas características diferenciais, como a ambiguidade de gênero que lhes era atribuída anteriormente, mas de lhes ressaltar os homenzinhos e mulherzinhas que já existiriam neles.

Essa individualização crescente das crianças também teria impactado a exacerbação da feminilidade das meninas pequenas, e pode ter sido uma motivação significativa (ainda que

novamente, não plenamente consciente) para acréscimo dos grandes laços no visual das garotinhas de praticamente todas as idades.

Esse processo de tornar crianças em plenas pessoas (e, portanto, em projetos diferenciados de homem e mulher) teria sido somente um dos movimentos que levou à diferenciação de roupas de crianças por gênero cada vez mais cedo, e de certo foi muito aprofundado e acelerado devido aos outros eixos de explicação que aqui serão abordados. Entre um dos mais importantes está o segundo apontado anteriormente: o surgimento e a divulgação do ramo da psicologia e das teorias freudianas, os quais abalariam a ideia de pureza e inocência atrelada à infância. Segundo Jo B. Paoletti, as preocupações científicas em torno da saúde e a criação das crianças teriam cada vez mais se alargado no final do século XIX, passando constantemente a tratar dos aspectos psicológicos das crianças e de suas formações.¹⁴⁰

Granville Stanley Hall, um psicólogo eugenista, teria sido um dos pioneiros a assumir, em seus estudos sobre a psique infantil, que a infância não era feita somente de inocência e vulnerabilidades, mas de que os vícios e defeitos eram inerentes às crianças, inclusive os sexuais, e que cabia à educação contorná-los para que não se acentuassem com o crescimento. Hall acreditava que o desenvolvimento dos seres humanos acompanhava a história da evolução das espécies, ou seja, as crianças seriam o estágio mais selvagem e primitivo do desenvolvimento, e os idosos o mais desenvolvido.¹⁴¹ A adolescência, que Hall definia como o período da puberdade, seria bem vista pelo estudioso pois apesar de um período de extrema turbulência seria o momento de inflexão da selvageria para a civilização, fazendo com que o adolescente fosse um ser mais evoluído que a criança. Para Hall, a diferenciação clara entre os “sexos” masculinos e femininos era um elemento fundamental de uma civilização plena, sendo um grande defensor da inclusão de marcadores de gênero nas roupas das crianças precocemente. O psiquiatra tinha em tão alta estima essa separação da humanidade em dois sexos muito distintos que era um dos principais críticos das escolas mistas. Meninos e meninas não deveriam nem mesmo compartilhar o mesmo espaço educacional devido ao risco de prejudicarem o desenvolvimento de suas diferentes habilidades e competências.

A percepção de que a infância poderia estar na origem de vícios e problemas se acentuou, segundo Paoletti, com a recepção de obras de outro expoente da psicologia:

¹⁴⁰ PAOLETTI, Jo Barraclough, op.cit..

¹⁴¹ GROSSMAN, Eloisa. A construção do conceito de adolescência no Ocidente. *Adolescência e Saúde*, 2010, 7.3: 47-51.

Sigmund Freud¹⁴². Ele também acreditava em uma sexualidade infantil e suas obras tornaram esse conceito ainda mais célebre entre o público em geral. O psicanalista dedicou boa parte de seus estudos para analisar as supostas fases de desenvolvimento universais pelas quais as crianças passariam e as diversas consequências que esses processos, bem-sucedidos ou não, poderiam gerar na vida dos indivíduos. É interessante pontuar que ao mesmo tempo que a psiquiatria impactou profundamente o processo de individualização das crianças ela só foi possível a partir da existência desse mesmo processo. Tendo em vista que em um mundo onde a infância não é amplamente especializada essa diferenciação de etapas pelas quais as crianças passariam não faria sentido. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a psiquiatria e a teoria psicanalítica sobre a infância foram elementos de aprofundamento no movimento de individualizar crianças, também foram um produto histórico deste.

A recepção dessas obras e seus conceitos foi muito diversa. A princípio houve muita rejeição dessas concepções sobre sexualidade infantil por grande parte do público, pois divergiam em muito da imagem de pureza da criança do século XIX. Mesmo quando uma aceitação dessas ideias passou a vigorar, principalmente durante o avançar do século XX, as maneiras de lidar com essa sexualidade pautada no binarismo feminino-masculino foram muito diversas e coexistiram por um considerável período de tempo. No que diz respeito às indumentárias, o reconhecimento desse componente sexual das crianças e sua generificação, não necessariamente fez com que os adultos corressem de imediato para vestir seus meninos de calções. Muitas vezes, ao contrário do que ansiava de G. Stanley Hall, uma constatação da sexualidade das crianças levava as mães e cuidadoras a serem ainda mais rigorosas nos padrões de assexualização dos pequenos, ao estilo do século anterior (e, portanto, de feminilização dos meninos), tendo em vista lhes evitar e postergar os perigos do sexo.

O período que agrega os anos de 1917-1934 é o que reúne melhor essa imensa confusão sobre as concepções sobre as crianças e as formas mais adequadas de lhes vestir. A psiquiatria no Brasil teria seus primeiros momentos na segunda metade do século XIX, idealizada e produzida pelos médicos higienistas preocupados com a (má) formação mental da nação brasileira. Teria sido dentro desse meio que se divulgaria pela primeira vez as ideias da psicanálise ainda no final do século XIX. Cavalcante afirma que na década de 1910 essas ideias já estariam amplamente difundidas no meio intelectual brasileiro, e que vieram a

¹⁴²PAOLETTI, Jo Barraclough, op.cit..

ganhar ainda mais destaque nas décadas de 20 e 30¹⁴³. É muito difícil rastrear a recepção dessas obras entre um público mais leigo, todavia é possível aferir que mesmo que este não conhecesse as obras como tais, acabaram por tomar contato com as suas famas e discussões no decorrer do tempo. O que se pode perceber com a análise de *O Tico-Tico* é que apesar de uma clara sobrevivência, e pode-se dizer até, de uma relutância em abandonar as concepções oitocentistas sobre a infância e o vestir (expressas sobretudo no período de 1917 a 25), elas foram sendo suplantadas por uma visão positiva de sexualizar crianças. Contemplar o binarismo cada vez mais cedo nas roupas dos pequenos como uma forma de lidar com essa sexualidade que lhes seria inerente, passou a ser a resposta favorita dos adultos sobre a questão trazida pela psicanálise. Os porquês deste aceite passam por múltiplas questões como a grande autoridade que essa medicina psiquiátrica passou a possuir nas sociedades modernas e o peso que trazia consigo da ciência, mas também podia se sobressair entre os motivos o terceiro fator antes elencado: expectativas geracionais sobre como educar e vestir os filhos. Afinal de contas as mães e pais do século XX em algum momento tinham sido crianças, e as lembranças das formas como eram vestidos teriam impactado a maneira de trajar seus filhos.

A teoria dos impactos geracionais nas transformações das vestimentas infantis é uma das mais interessantes formulada por Paoletti em seu livro¹⁴⁴. Se por um lado algumas respostas da autora para essa questão acabam por se restringir muito ao universo da infância estadunidense, como por exemplo, de que o recrudescimento da masculinidade das roupas dos os meninos seria uma resposta a uma cobrança crescente da nação dos Estados Unidos por cidadãos mais viris. Por outro lado, suas considerações sobre as transformações geracionais se mostram profícuas para análises mais ao sul do mundo. Segundo a autora, esse fenômeno geracional da moda poderia ter tido dois eixos de impacto. Um primeiro diria respeito à adição de elementos da moda infantil de uma época anterior à moda adulta na época seguinte. O segundo seria de uma adição ou subtração de componentes visuais na moda infantil operada por pais a partir da memória destes sobre sua própria infância.

Um exemplo significativo para o primeiro eixo seria a moda capilar presente em *O Tico-Tico*. Como foi abordado anteriormente, o cabelo no corte a “Bebé” era muito popular desde nos primeiros anos do século XX e na década de 10 entre as crianças, em meninos e meninas pequenos. Já na década de 20 pode-se observar uma explosão desse tipo de penteado

¹⁴³ TORQUATO, Luciana Cavalcante. *A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a questão da nacionalidade*. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

¹⁴⁴ PAOLETTI, Jo Barraclough, op.cit..

nos visuais femininos, inclusive fazendo muito sucesso na cabeça de mulheres adultas. “Bebé”, inclusive é a grafia antiga para a palavra “bebê”, já demonstrando o caráter infantil que esse estilo possuía a princípio. Essa adoção de elementos infantis na sua própria visualidade poderia ser interpretada como uma tentativa das pessoas crescidas de agregar as memórias boas da infância, o que agradava nela, no seu presente. Nesse caso em específico, também poderia demonstrar todo um jogo das melindrosas moças da década de 20 entre uma imagem de juventude e inocência com a ousadia que lhes deixou famosas. O fato curioso é que o corte foi diversas vezes rebatizado ao longo do tempo e ficou marcado como uma criação e um símbolo da feminilidade adulta da década de 20. No entanto, os retratos em *O Tico-Tico* deixam entrever que os cabelos curtos e redondos já eram um sucesso nas versões mirins dessas mulheres e nos seus colegas meninos. Outro elemento da indumentária feminina da década de 20 com trajetória muito semelhante é a cintura baixa, que já era muito comum nos vestidos das crianças pequenas do período de 1906-1917.

Se as memórias positivas da infância impactavam a moda adulta, as negativas também transformavam as formas de vestir, em especial a das novas gerações de crianças que se formavam. Paoletti sugere que no século XX, os homens nos papéis de pais, pela primeira vez, tiveram grande influência na escolha dos trajes dos seus filhos¹⁴⁵. Teriam sido os membros masculinos das famílias os que mais aceitaram a suposta sexualidade intrínseca dos meninos e que abraçaram a causa de masculinizar a roupa dos pequenos. Isso em grande parte teria sido motivado por um rancor (guardado ou criado no momento da vida adulta) da sua feminilidade na infância – esse rancor inclusive os motivaria a, diferentemente de gerações anteriores, interferirem mais no vestir dos filhos. O traje do “pequeno lorde”, tão adorado pelas mães do final do século XIX e dos primeiros anos do século XX, habitaria os pesadelos dos “lordezinhos” crescidos, que passaram a rejeitar fortemente os seus “fru-frus” e os belos cachos. Estes meninos do começo do século, que viraram homens nos anos 20 e 30 teriam procurado defender para seus próprios filhos trajes mais viris visando lhes evitar os supostos traumas que suas roupas femininas ter-lhes-iam causado. Paoletti cita um caso curioso em que houve protestos de homens contra a instalação de uma estátua da escritora Frances Hodgson Burnett no Central Park em Nova York, devido a todo o sofrimento que ela teria causado a eles com o a doçura e figurino afeminado de seu Cedric.¹⁴⁶

¹⁴⁵ PAOLETTI, Jo Barraclough. *Pink and blue: Telling the boys from the girls in America*. Indiana University Press, 2012.

¹⁴⁶ PAOLETTI, Jo Barraclough, op.cit..

Vários homens adultos dos anos 20 e 30 teriam relatado nos mais diversos meios culturais, como livros, revistas, jornais e rádio que durante sua infância se sentiam extremamente desconfortáveis com as saias, os vestidos e com os modelos esvoaçantes e pomposos¹⁴⁷. Independentemente de ser uma memória verídica, a sua divulgação como tal nesse período demonstra que estes sujeitos queriam renegar a feminilidade que um dia habitou neles. Uma das possíveis causas dessa necessidade de negação estaria, inclusive, ligada a um movimento que pode ser percebido nas vestimentas de meninas e mulheres dessa época: o encurtamento das saias. A diminuição das barras das saias e vestidos na década de 20 foi um grande símbolo da liberdade feminina, conquistado a duras penas por aquelas que enfrentaram todo um moralismo que via com muito desgosto a exibição de um pouco mais de pernas. As meninas e mulheres dessa década e da que se seguiu passaram a se curvar menos às exigências das regras vitorianas e conquistaram uma série de espaços e direitos, como já foi um pouco mais explorado no primeiro capítulo.

As moças de cabelos “à bebê” e saias curtas delineavam um mundo inédito para si, e uma das maneiras com que os rapazes responderam essas transformações teria sido procurando reforçar o que tinham de “especial”, ou seja, suas masculinidades, e quando se tornaram pais procuraram reforçar esse aspecto em seus filhos. Mesmo sendo já alguns anos após o início dessa movimentação, uma matéria de *Anuário das Senhoras* é muito significativa para ilustrar a situação:

Ouve-se a meudos, nos dias que correm, acusar-se a mulher de abandonar a própria feminilidade, a procura de um aspecto e de um espírito demasiado varonis; em outras palavras: de que trata de imitar o homem.

É certo que a mulher moderna, pelo físico ágil e activo, vai assemelhando-se melhor ao jovem adolescente, o rapazinho, mas espiritualmente este difere tanto do homem como da mulher.

Existe algo intangível e maravilhoso na alma da creança. Para a creança a vida é ainda uma aventura gloriosa, ella vive mais de imaginação que na realidade. Para o adolescente toda obra é proeza, audácia.

Este entusiasmo, de aventura, próprios do garoto do umbral de uma nova vida é o que anima a mulher, a mulher de hoje. Pela primeira vez na história da raça, ella é livre na escolha do destino: vive a vida própria. Pode concorrer com o homem, não somente como representante do sexo frágil, mas como um cérebro e uma vontade individual: um simples ser humano.

Não era de estranhar que esta perspectiva de emancipação a estimulasse a experimentar todas as lides, possuída pela impaciência do colegial que inicia a conquista da vida com a fê juvenil nascida do diploma reconquistado.

Por outro lado, o homem, de tanto lutar como o rei indiscutível da criação perdeu o gosto das iniciações. A phrase “Não há nada de novo sob o sol” parece have-se-lhe infiltrado no sangue. Olha vida calculando o proveito que pode extrair das suas realidades.

¹⁴⁷ PAOLETTI, Jo Barraclough, op.cit..

Encontro aqui a razão pela qual a maioria dos suicídios compõe de homens. O chamado cansaço de viver significa de modo geral, a impossibilidade de alcançar um fim, desfrutar o bem apetecido.

O prazer de viver pela própria existência é próprio da mulher. Este prazer vêm-se centuplicado ante a perspectiva aberta pelo que lhe permite hoje, caminhos até então inexplorados, rotas que levam a novos horizontes. Encarada desse modo, a vida é uma aventura, uma viagem que pode levar a mundo imprevistos.

Um mundo, dos mais acessíveis ao espírito feminino é o sportivo, e as suas façanhas de “sportswoman” são conhecidas de todos.

Quem não conhece a brilhante carreira de Helen Wills a campeã de tennis? E Amy Johnson, a aviadora intrépida, que tem batido records internacionais? Nos jogos olímpicos as figuras femininas adquiriram extraordinário relevo, e provavelmente não tardarão em superar o homem em varias das especialidades que a elles são exclusivos.

Em literatura, a mulher despertou com uma energia e uma temeridade desconcertantes até o ponto de desafiar os premios Nobel.

A mulher moderna é capaz dos maiores heroísmos. Ao emancipar-se das quatro paredes da casa, empreendeu a aprendizagem de uma existência ampla e livre. Não devemos estranhar pois, que em 1940, em plena posse dos seus direitos, alcance uma posição preponderante no mundo das sciencias e artes.¹⁴⁸

A leitura do texto faz imaginar que em 1940 se inauguraria a era de Aquarius do feminismo. Para além dessa visão idílica do futuro das mulheres, dois pontos são muito interessantes. O primeiro diz respeito justamente à reação masculina em relação a esse movimento de emancipação descrito na matéria. A autora descreve um certo desalento dos homens perante às novas posturas e possibilidades alcançadas pelas mulheres. A sua luta para manter o posto de “rei indiscutível da criação” teria perdido o gosto frente às conquistas femininas. A impossibilidade de apodera-se de novos lugares, já que já ocupava todos, e a visão de suas semelhantes abrindo novos caminhos teria causado a eles tamanho prejuízo a ponto de quererem tirar a própria vida. Mesmo relativizando esse dado catastrófico sobre a saúde mental masculina do final da década de 30, esse trecho do escrito de Mrs. Francis Lacelles deixa nas entrelinhas um certo ressentimento dos homens em relação à aquisição de liberdade por parte das mulheres e de sua obtenção de novos papéis na sociedade. Vendo as mulheres em sua volta “emancipar-se das quatro paredes”, e sem grandes novos horizontes a almejar, talvez uma das soluções encontradas por esses sujeitos foi fazer um movimento oposto à de suas parceiras e encontrar entre as quatro paredes algo novo a se conquistar: os seus filhos meninos. Dessa maneira não só conquistariam algo novo para si, como também auxiliariam os pequenos a resistir em um mundo de meninas e mulheres cada vez mais atrevidas.

O segundo ponto muito pertinente dessa matéria é o uso do conceito de adolescência reiterado diversas vezes. Até a década de 1920 o mundo era muito mais dividido entre adultos

¹⁴⁸ *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.5, 1938, p.6.

e crianças, sendo a adolescência uma fase muito restrita à puberdade e usufruída apenas pelos juvenzinhos mais abastados, que poderiam ter um tempo para realizar a transição da infância para a vida adulta. Como pode ser percebido nas roupas indicadas para rapazes em *O Tico-Tico* ou as pessoas dessa faixa etária se vestiam mais como crianças ou adotavam por completo a moda dos adultos, não existindo uma grande especialização.

Já dentro do período da Primeira Guerra, e sobretudo nos anos que se seguiram, teria emergido uma nova sensibilidade a respeito da fase transitória entre a infância e a vida adulta. Se alguma previsão de G. Stanley Hall pode ser considerada acertada é a sua aposta na importância do conceito de adolescência para o século XX. Ainda que esse período tenha se alargado consideravelmente para além da fase da puberdade, a figura do adolescente e de sua juventude se tornou um elemento essencial para o novo século. E mesmo que tenha ganhado muito destaque no pós-Segunda Guerra Mundial, já na década de 1930 essa nova sensibilidade mostrava seu fortalecimento. Como um exemplo dessa valorização da juventude está o crescimento do personagem Chiquinho, símbolo da revista infantil do grupo *O Malho*.

Até 1932 o Chiquinho era um menino em fase pré-escolar, e como um bom menino das classes mais abastadas ele trajava o modelo do pequeno lorde. Com o passar dos anos alguns dos adereços mais ornamentais das roupas de Chiquinho foram sendo retirados da sua ilustração, deixando seu traje um pouco mais sóbrio, mas ainda dentro do modelo do lorde. Entre as causas dessa mudança podem ser imaginadas a obsolescência que essa peça de roupa foi adquirindo ao longo dos anos com as mudanças na moda, e também, após a década de 20, o decair da qualidade gráfica da revista que de maneira geral impactou numa maior simplificação das ilustrações. Nos anos 30, é operada uma total substituição da identidade visual do Chiquinho, que deixa de ser um menino pequeno para se tornar um garoto em idade escolar, quase chegando à adolescência, por volta dos 12 anos.¹⁴⁹

¹⁴⁹ GONÇALVES, Roberta. *As aventuras d'O Tico-Tico: formação no Brasil republicano (1905-1962)*. 2019. 360 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.



Figura 105. Chiquinho com traje de marinheiro e bermudas. *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: O Malho, n.1371, 1932, p.31.

Figura 106. Chiquinho na década de 50 trajando bermuda e camiseta. Rio de Janeiro: *O Tico-Tico*, n.2016, 1953, p.35.

Essa reformulação do personagem, carro chefe da editora, baseado em seu envelhecimento demonstra a relevância que a juventude (ou a aproximação com essa) passou a adquirir no século XX, já que foi a principal estratégia para tentar resgatar a popularidade da revista e de se aproximar do público de leitores. Como já foi dito anteriormente, não foi o plano mais exitoso de *O Malho*, que teve que se contentar com o encolhimento da sua principal revista e apostar em outros leitores, ou melhor dizendo, leitoras.

Como também já foi dito no primeiro capítulo, a juventude era um tema de grande debate em *Anuário das Senhoras* e para além dos textos escritos ela também se fazia presente nos modelos de roupas e acessórios apresentados. Os adolescentes, com suas características e dilemas, passaram a ocupar as cabeças das mães tanto quanto os cueiros de seus filhos menores. E muito provavelmente, sem que as responsáveis se dessem conta, passaram também a ocupar uma influência cada vez maior na infância e nas roupas que vestiam crianças.

4.2.4 Quarta temporalidade 1934-1958:

Tabela 4. Vestuário 1934-1958

| | Masculino | Feminino |
|---|---------------------------------------|---|
| Bebês pequenos (0-1 ano) | Vestidos curtos, vestidos compridos | Vestidos curtos, vestidos compridos, laços na cabeça |
| Bebês (1-2 anos) | Macacões e bermudas, Vestidos curtos. | Vestidos curtos e macacões, laços na cabeça |
| Pré-escolares (2-6anos) | Bermudas; macacões (em menor volume) | Vestidos, saias curtas e médias, laços cabeça |
| Escolares (6-10/12 anos) | Bermudas | Vestidos e saias médias, laços na cabeça |
| Rapazes e Mocinhas (11/13-16 anos) | Bermudas e calça comprida | Vestidos e saias médias; Macacões; Calças médias; Bermudas; laços na cabeça |
| Adultos (17+) | Calça comprida | Vestidos médios e compridos, saias médias e compridas |

Fonte: A autora

O período de 1934-1958 testemunha o desaparecimento por completo dos modelos de *garçonnet* “shorts-saia”; nenhum modelo do tipo está presente em *Anuário das Senhoras*. Também se configura nessa época uma ausência generalizada de símbolos de feminilidade das roupas dos meninos pré-escolares e escolares. As roupas para meninos no geral se tornam muito raras na publicação, se fazendo mais presentes nas figuras dos anúncios do que nas seções de moda propriamente ditas. A simplicidade dos trajes para os pequenos, compostos pelos calções, blusas e camisas sem grandes ornamentos devem ter influído significativamente para a sua baixa aparição da publicação.



Figura 107. Anúncio Tiquinho, menino pré-escolar com bermuda e camiseta. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.20,1953, p.237.

Figura 108. Vestido para menina e “garçonnet” em estilo macacão para menino, o recorte de bermudas nos macacões de meninos é ainda mais perceptível nesse período. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.21, 1954, p.209.

As roupas dos meninos se tornaram muito simples de serem confeccionadas, não necessitando de uma variedade muito grande de modelos. Mais do que isso, elas se tornaram “sem graça” para as mães que exerciam as suas criatividade na costura ou que encomendavam as peças para “brincar de boneca” com as crianças. Se o mundo das vestimentas dos meninos se fechou para a imaginação dessas mulheres, o dos bebês e especialmente das meninas e mocinhas viveu uma verdadeira explosão de possibilidades.

É muito perceptível uma explosão das estampas e de cores nos últimos anos da década de 40. A criação e disseminação das estampas e de sua enorme gama de cores, se tornou possível graças ao processo de industrialização do mundo dos têxteis. O pós-Segunda Guerra Mundial seria marcado no mundo da moda como o período de maior transformação no processo de produção de roupas e acessórios.¹⁵⁰ Processos antes manuais se tornaram mecanizados e várias novas técnicas de coloração dos tecidos possibilitaram a criação do conceito moderno de estampa, antes muito restrito ao bordado manual. O Brasil dessa década

¹⁵⁰ BONADIO, Maria Claudia. A moda no MASP de Pietro Maria Bardi (1947-1987). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 22, n.2. 2014, pp. 35-70.

teve no campo dos têxteis um lugar privilegiado no seu processo de industrialização, campo esse que correspondia por volta de 25 % da força de trabalho da indústria. Apesar de grande parte da produção de tecidos e estampas serem confeccionados em terras brasileiras nas décadas de 40 e 50, os modelos desses produtos, no entanto, eram quase que exclusivamente estrangeiros, sobretudo estadunidenses e franceses, sendo ainda muito incipiente a produção original de estamparia local, que se atinha mais à reprodução dos moldes internacionais.

Para as roupas de meninas e bebês isso significou um acréscimo até então desconhecido de desenhos, formas geométricas e variedades de cores. Os meninos, no geral, através desse processo usufruíram de um pouco mais de opções nas paletas de cores, mas não puderam aproveitar a eclosão visual contemplada nas roupas das outras crianças. Sem dúvida, o processo de industrialização têxtil contribuiu para um aprofundamento na diferenciação entre meninos e meninas pelos vestuários, sobretudo graças ao barateamento dos produtos que essa forma de produção possibilitou. A criação e a popularização de tecidos mais baratos, aliadas ao processo de produção menos custoso, tornaram o mercado do vestuário mais acessível à população brasileira e mundial. Os pais que antes precisavam se preocupar com o compartilhamento de roupas entre os irmãos, tendo em vista as altas despesas que os guarda-roupas dos pequenos representavam, ganharam a oportunidade de adquirir roupas diferentes para seus filhos meninos e meninas. Ainda que tenha sido fundamental nesse processo, a produção industrial não foi o seu principal agente. A nova forma de produzir e consumir tecidos teria sido muito mais uma ferramenta desses pais que já nutriam o desejo de diferenciar mais claramente meninos de meninas.

As roupas para bebês continuaram a marcar presença no *Anuário* sem grandes alterações em relação ao período de 1925-1934. A maior transformação nesse período não foi dentro dos modelos ofertados para a categoria, mas a diminuição da idade máxima, que passa a ser de 2 anos de idade, aproximadamente, em contraposição aos 3 anos anteriormente estabelecidos. Os vestidos curtos continuaram a ser uma das opções mais utilizadas para crianças abaixo dos dois anos. Os macacões também permanecem como uma alternativa tanto para meninas quanto para meninos, ainda que passe a ser mais indicada para os últimos, movimento que já era detectável no final dos anos 20 e início dos anos 30.

Figura 110. Modelo macacão para bebês. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.23, 1956, p.217.



Figura 112. Sunga de “Tricot”. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.2, 1934, p.85.

A combinação da sobreposição de uma bata muito larga por um shorts-justo também marca alguma presença nas edições. Os vestidos longos continuaram como uma opção viável para bebês muito pequenos. No que diz respeito aos modelos para bebês pode-se observar que o período de 1934-1958 constitui muito mais uma continuação do que já estava estabelecido se comparado com as indumentárias das outras faixas etárias.

Uma das grandes diferenças em relação às épocas anteriores reside justamente na maior oferta de estampas e tecidos. Isso impacta também no destaque que o tema do enxoval do bebê, num sentido mais amplo, ganha em *Anuário*. Em *O Tico-Tico* a temática faz algumas aparições nas seções de costura e bordado, mas em *Anuário das Senhoras* a decoração do quarto do bebê e a composição de cobertas, toalhas e cueiros ganha até mais destaque do que a própria roupa dos pequenos. Uma grande variedade de sugestões sobre tecidos, estamparia e cores passa a ocupar boa parte das páginas dedicadas à infância. Sobre as cores, inclusive pela primeira vez as cores rosa e azul ganham destaque na indumentária das crianças, contudo, diferente das expectativas criadas pela visão contemporânea que se tem dessas cores, elas não surgiram como antagonistas, divisoras de meninos e meninas, mas sim como uma dupla.

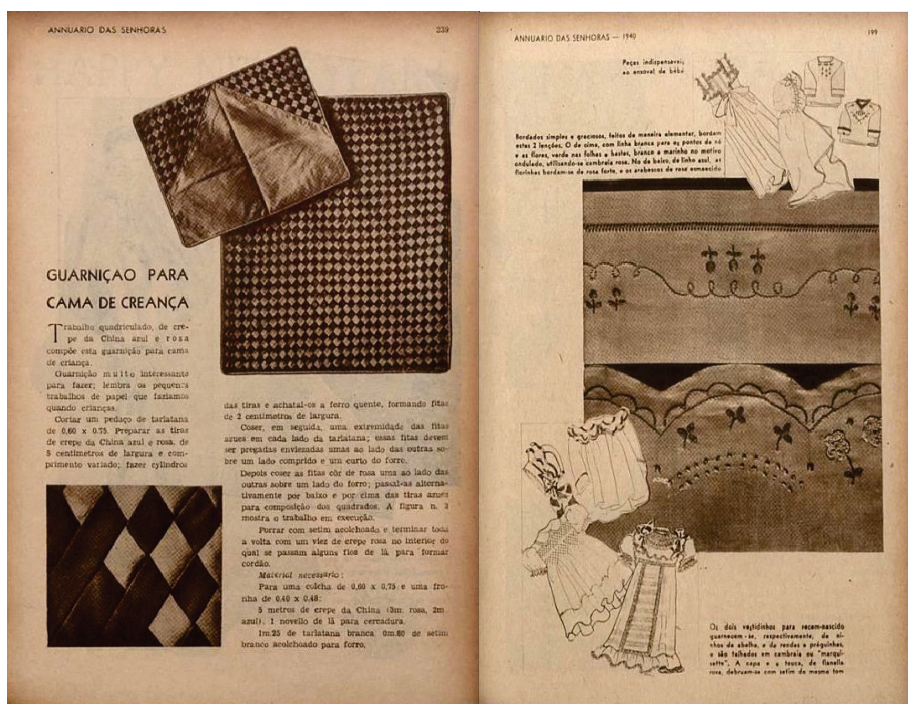


Figura 113. Guarnição azul e rosa para cama de "creança". *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.4, 1936, p.239.

Figura 114. Bordados para vestidos de recém-nascidos feitos com linha rosa e azul. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.7, 1940, p.199.

Nas imagens acima, pode ser observado a indicação das cores rosa e azul em conjunto para compor o enxoval das crianças. Em alguns modelos a revista coloca como uma opção

da leitora optar pelo rosa ou pelo azul na confecção das roupas dos bebês. É muito difícil estabelecer se em qualquer edição há alguma diferenciação por gênero nessa indicação. Não existe nenhuma menção direta da concepção “rosa para meninas e azul para meninos”. Talvez se já existisse em algum momento da publicação da revista seria tomada como tão óbvia que nem ao menos seria mencionada. Entretanto, é algo difícil de postular já que nas décadas anteriores essa ideia não é veiculada.



Figura 115. “Fustão” para bebês. Rosa e azul. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, 1941, p.186.

Figura 116: Vestidos de passeio. Indicação exclusiva da cor rosa. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n. 9, 1942, p.167.

A imagem 112 contém modelos de roupas indicados para bebês meninos e meninas separadamente. O texto dá a entender que ambos eram compostos pelas cores rosa e azul com detalhes em branco, e a diferenciação seria feita pelos modelos “saias/calções”. Também há alguns modelos de roupas e peças têxteis somente em rosa (ou rosa com branco), e peças somente em azul (ou azul com branco). Várias páginas mesclam modelos de roupas e acessórios para bebês que indicam somente o uso de rosa (figura 113) ou do azul e também outros que unem as duas cores ou colocam como opção escolher entre uma ou outra.

Em relação às roupas das crianças maiores de 3 anos de idade, é presente a indicação do rosa para os vestidos das meninas, assim como do azul e da combinação de ambas as cores. Não existe a indicação de roupas cor de rosa em modelos de roupas exclusivos para meninos, porém na edição de 1953 no anúncio MILO, que foi analisado no capítulo anterior

há uma ilustração de um garotinho trajando uma camisa da cor rosa.



Figura 117. Ampliação da figura 23, canto inferior esquerdo. Menino trajando camisa rosa. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.20, 1953, p.101.

A imagem desse anúncio possibilitaria afirmar que não era impossível até 1953 imaginar um menino vestindo a cor rosa.

Para Paoletti, teria sido justamente na década de 1950, nos EUA, que revistas de moda começaram a vender a ideia de que a cor rosa seria a marca das meninas e azul dos meninos¹⁵¹. Todavia, como a mesma autora afirma, apesar de surgir por volta desse período, essa concepção do binarismo de gênero marcado pelo rosa e azul só foi predominar na moda infantil e se tornar quase unânime como é hoje em dia nas décadas de 80 e 90 do século XX. É certo que a tecnologia do ultrassom, que possibilitou descobrir o sexo biológico do feto, teve um grande impacto nas distinções de cores por gêneros no enxoval do bebê, já que os pais poderiam adquirir o vestuário e outros artigos antes do nascimento da criança, sem enganos muito frequentes em relação ao gênero que lhe foi designado. Entretanto, a presença ou ausência desse tipo de exame não justifica o pouco ou praticamente nulo interesse que os pais do período de 1909-1959 tinham em diferenciar por cor o gênero das crianças após o primeiro ano de idade, nas faixas etárias em que a fabricação e/ou compra das roupas era feita após o nascimento.

O que é possível afirmar a partir das análises das revistas brasileiras é que rosa e azul, se ainda não eram colocadas em lados opostos, já despontavam como cores “infantis” nas décadas de 30, 40 e 50, sobretudo para as crianças menores. O estudo dessas imagens sugere

¹⁵¹ PAOLETTI, Jo Barraclough, op.cit..

que primeiro teria se estabelecido essa percepção sobre ambas as cores, colocando-as como favoritas para as roupas dos pequenos, para posteriormente a 1959 se estabelecer a distinção de rosa para meninas e azul para meninos. Em *O Tico-Tico*, nas poucas ilustrações coloridas que representam crianças não é possível perceber esse uso predominante das cores rosa e azul claro nas vestes. É certo que essas duas cores em duplas e separadas não eram tão significativas na indumentária infantil até 1934, sobretudo o azul-celeste que é a tonalidade de azul que mais faz par com o rosa em *Anuário das Senhoras*.

No que diz respeito às indumentárias de meninas e mocinhas é possível afirmar que nessa época se tratam das mais diversificadas entre as crianças e jovens. As meninas tinham ao seu dispor a possibilidade de utilizarem vestidos, saias e macacões com uma ampla gama de estampas e cores. Com o avançar da década de 1930 os vestidos das meninas pré-escolares e escolares, além de terem se tornado praticamente iguais, perderam seus elementos característicos da moda da década de 20 passando a ter uma cintura mais alta e um pouco mais de volume, volume este que só se acentuou no período do pós-guerra e que passou a vestir meninas (e mulheres) com vestidos rodados.



Figura 118: Quatro modelos de vestidos para meninas. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.5, 1958, p.208.

Figura 119. Vários modelos de vestido para meninas de verão. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.9, 1941, p.204.

Ainda mais que as meninas, as adolescentes tinham ao seu dispor não só os mesmos modelos ofertados para as pequenas, como também, pela primeira vez, a possibilidade do uso de bermudas e calças. A moda para jovencinhas constitui a mais ampla tanto se comparada à moda infantil quanto à moda adulta. Se antes era separada das demais basicamente pelo comprimento da barra da saia, a partir da segunda metade da década de 30, e sobretudo no período pós-Segunda Guerra, a moda para essas moças passou a ter uma combinação de características que a tornou única.



Figura 120. Trajes para dias de sol para moças. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.9, 1942, p.28.



Figura 121. Blusas Práticas para moças. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.22, 1955, p.213.



Figura 122. Combinação para mocinha de calça curta verde, com camisa branco e lenço no pescoço. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, 1957, p.222.

Figura 123. Roupas para mocinhas irem a festas. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.20, 1953, p.220.

Vários elementos do vestuário das crianças das décadas passadas foram incorporadas pela moda juvenil feminina dos anos de 1934-1958, remetendo aquele movimento de apropriação geracional da estética infantil. Os macacões, tão presentes nos vestuários de bebês de crianças pré-escolares do período anterior a 1934 se fazem muito presentes entre as mocinhas, até mesmo mais que entre as meninas pré-escolares e escolares dessa época. Paolleti aponta o uso do Jeans pelas jovens das décadas de 40 e 50 como um resultado dessa apropriação, já que o tecido seria muito utilizado em roupas de crianças da década de 30 por ser muito resistente¹⁵². O uso de laços na cabeça também pode ser encarado como parte dessa fenômeno, e muitas vezes é o principal elemento diferencial entre moças e mulheres maduras. Não que no período anterior a 1934 e no século XIX as jovens não utilizassem laços nos penteados, todavia, quando o faziam era em conjunto com toda uma indumentária muito mais semelhante à das meninas escolares do que com o das mulheres adultas. O que as mocinhas passam a fazer na segunda metade da década de 30 é combinar os laços na cabeça com uma paramentação muito mais adulta do que infantil, o que de certa forma se assemelha com o que suas mães faziam na década de 20 ao utilizar o cabelo à bebé.



Figura 124. Mocinha de carmim nos lábios e laço na cabeça. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.9, 1942, p.188.

¹⁵² PAOLETTI, Jo Barraclough, op.cit..



Figura 125. Cabeça de “broto” de quinze primaveras. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.24, 1957, p.207.

Os cortes de cabelo também passaram a ser mais especializados entre as jovens especialmente na década de 1950. O corte acima ficou marcado como um corte jovem de cabelo, sobretudo após o lançamento do filme “A Princesa e o Plebeu”. No longa, uma princesa na flor da idade interpretada por Audrey Hepburn foge da sua vida da realeza por alguns dias para viver a adolescência que lhe era negada. Um dos seus atos de rebeldia é cortar o cabelo bem curtinho e rente à nuca, com uma pequena franja lhe emoldurando o rosto, exatamente como no corte da “broto” colocado acima. Esses dramas da adolescência, com suas gírias, suas rebeldias, amores e anseios é um dos principais temas abordados por *Anuário das Senhoras*, mas não de qualquer adolescência, mas sim a exclusivamente feminina.

Anuário se colocava ao mesmo tempo como uma porta voz das mães, mas também uma mediadora entre elas e suas filhas. Como já foi dito no primeiro capítulo, as opiniões dentro da publicação muitas vezes eram contraditórias devido à grande troca da equipe editorial que ocorria de um ano para o outro. Ao mesmo tempo em que se fez presente em várias edições uma percepção da adolescência como um período problemático da vida (em

consonância com uma visão mais antiga sobre essa fase), que requereria das mães uma condução firme e inflexível sobre a vida de suas filhas, também se contemplou em várias matérias uma visão positiva da adolescência, que lhe atribuía conceitos e sensações como liberdade, divertimento, sonhos e aprendizados. Em alguns casos chegava-se a incentivar às mães a serem mais compreensivas com suas filhas e lhes abrir mais espaço para agirem conforme o seu desejo.

Um adendo muito relevante é que nada é falado sobre a criação de rapazes. Os meninos adolescentes estão praticamente ausentes de *Anuário das Senhoras*. Não há nenhuma representação imagética desse grupo, e quando são citados textualmente, é quase que exclusivamente como objeto dos amores das meninas. Essa inexistência dos meninos mais velhos na publicação é um dos sintomas de uma retirada cada vez mais profunda da influência materna na vida dos jovens do sexo masculino. *Anuário* com seu silêncio deixa claro que considerava inadequado que as mães agissem de qualquer maneira sobre a formação dos seus filhos depois que estes deixavam a infância. Se não opinavam sobre sua formação, também não palpitavam sobre suas vestes. A roupa de menino mais velho que consta no *Anuário* é um traje de primeira comunhão, o que leva a inferir uma faixa etária de 10 a no máximo 13 anos.



Figura 126. Anúncio do livro de Costura “O lar, A mulher e a creança”. *Anuário das Senhoras*. Rio de Janeiro: O Malho, n.8, 1941, p.287.

Neste anúncio fica claro até onde ia o escopo das mulheres sobre as vestimentas de seus filhos, que partia das crianças, meninos e meninas, somente até as mocinhas, deixando claro que vestir os rapazes não era mais de sua competência e responsabilidade nessa época. Com as mães fora de questão, isso novamente leva a inferir que os pais passaram (ou que pelo menos idealmente deveriam passar) a se ocupar cada vez mais com a criação dos meninos. Tanto atuando para sua formação moral quanto lhes direcionando para os trajes mais adequados.

A única exceção em relação a uma adolescência masculina é o texto “A Mulher da década de 40” anteriormente analisado, que é justamente baseada em uma concepção muito positiva sobre a juventude e suas características. Essa nova valoração da juventude, sem necessariamente apagar as antigas percepções sobre problemas e turbulências, passou a creditar outras noções à adolescência, que constam na matéria, como “audácia”, “aventura”, “entusiasmo”, “experimentação” e “prazer”.

Sobre essa significativa transformação se debruça Ana Lucia Enne em “Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma

categoria-chave da modernidade"¹⁵³. Segundo Enne, a juventude teria se transformado em uma categoria-chave para a Modernidade, se tornando um símbolo para a era contemporânea. Um primeiro momento nesse processo teria sido o pós-Primeira Guerra, que teria representado o golpe inicial nas antigas civilizações europeias, símbolos do peso da tradição da cultura ocidental. Nesse cenário se situariam os “loucos anos 20”, onde a juventude passou a ser um emblema da renovação e da alegria, que afastava os sombrios anos de guerra, deixando para longe o passado e exaltando o presente.

O período entreguerras teria sido um espaço de conflito onde estavam em jogo esse crescente culto à juventude, que cada vez mais reverberava nas sociedades, e o peso das tradições, que ainda se fazia impor. Os movimentos fascistas, inclusive, foram os principais articuladores desses dois componentes, ao tentar impulsionar o potencial renovador da juventude ao mesmo tempo que estabeleciam essa renovação nos termos de um resgate das tradições e das bases fundamentais da nação. O golpe mais duro e efetivo às sociedades teria sido operado pela Segunda Guerra Mundial, que das mais diversas formas massacrava seus fundamentos, e, ao menos temporariamente, silenciou os anseios fascistas e cedeu espaço para que o ideal de juventude - baseado numa concepção da novidade - assumisse sua posição como símbolo do modo de vida ocidental.

O pós-Segunda Guerra teria sido marcado pela explosão da exaltação à juventude, como ícone da inovação e dos novos tempos que começavam. Nessa exaltação, a mídia e o mercado teriam desempenhado um papel fundamental, sendo o consumo colocado como um elemento marcante na constituição do ser jovem. Não seria uma mera coincidência que o principal cenário da constituição da imagem dessa juventude seria os Estados Unidos e seu exponencial processo de industrialização, em grande medida consequência do enriquecimento do país com a Segunda Guerra Mundial e sua vitória. A música, a dança e o cinema, tudo o que fosse comercializável, inclusive a moda, cada vez mais passaram a ter como público alvo e inspiração essa nova onda jovem.

Essa abertura aos jovens a uma maior experimentação e criação possibilitou uma série de movimentos de contestação das regras e dos status sociais. Ainda nos anos 1940 e 50 o principal expoente desse movimento seria a “juventude beat”. Posteriormente, a juventude do final da década de 60 com todo seu movimento de “contracultura” se tornaria o maior símbolo da contestação e revolta da mocidade. Este aspecto de mudança da juventude não teria sido

¹⁵³ ENNE, Ana Lucia. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. *Comunicação Mídia e Consumo*, 2011, 7.20: 13-35.

bem visto pelos senhores e senhoras de respeito, que ficavam abismados com a audácia de seus filhos e netos e lhes atribuíam os antigos conceitos da adolescência como tempos de transtornos, desordem e perturbação. Apesar da rejeição do status-quo sobre a juventude que contestava, e, portanto, não lhe servia, uma visão positiva sobre essa fase da vida preponderou e com o passar do tempo, cada vez mais, ser “legal” passou a ser jovem.

Essa exaltação da imagem do “jovem” e de seus elementos constituintes teria afetado os processos de envelhecimento nas sociedades ocidentais. Os indivíduos teriam passado cada vez mais querer retardar os sinais de amadurecimento, tanto em termos comportamentais, mas, sobretudo em termos estéticos. Já em *Anuário das Senhoras* isso é muito presente, os diversos cremes de rejuvenescimento, as mais variadas técnicas de exercício para manter a belidade do corpo jovem marcam muita presença na revista.

Os diversos procedimentos médicos que passaram a ser difundidos, como cirurgias plásticas, que anulariam ou diminuiriam os sinais de envelhecimento estariam inseridos nessa perspectiva. Todavia, mais relevante que as intervenções cirúrgicas, esse anseio de rejuvenescimento do pós Segunda Guerra seria perceptível principalmente na moda. As roupas símbolo da juventude, como a calça jeans, passaram a ser a norma. Ainda que Enne trate desse processo somente entre os adultos¹⁵⁴, essa demanda de uma moda jovem passou a ditar regra também entre o vestuário infantil.

Eloisa Grossman corrobora em grande parte com a análise de Enne. Grossman, no entanto, aponta para um outro elemento fundamental (além do consumo, da inovação, da alegria) para a criação dessa nova percepção sobre a juventude: a sexualidade¹⁵⁵. O sexo, pensado em termos heterossexuais, e o gênero, estritamente binário, se tornaram características muito relevantes nessa nova ideia sobre juventude. Os amores juvenis passaram a ser um dos temas favoritos de todo o tipo de mídia. Se eram veementemente desestimulados nos primeiros anos de *O Tico-Tico*, foram constantemente celebrados nos últimos anos de *Anuário das Senhoras*. Publicações inteiras surgiram na década de 50 tendo como centro os enlances de moças e rapazes, como a revista *Capricho* (em um primeiro momento no formato de foto novela e posteriormente como uma revista feminina de variedades). Reforçar a masculinidade dos meninos pequenos e a feminilidade das meninas novas também estaria inserido dessa forma nessa valorização da juventude, que teria tornado

¹⁵⁴ Ibid.

¹⁵⁵ GROSSMAN, Eloisa. A construção do conceito de adolescência no Ocidente. *Adolescência e Saúde*, 2010, 7.3: 47-51.

a infância não mais um estágio anterior à vida adulta, mas uma prévia da adolescência. O conceito de pré-adolescente é a expressão máxima desse movimento. Em *O Tico-Tico* e em *Anuário* é perceptível o início desse movimento, que só iria se intensificar no final do século XX e no século XXI.

Como foi exposto, uma série de fatores contribuiu para que uma divisão binária por gênero acontecesse cada vez mais cedo na vida das crianças. É relevante ressaltar que apesar de diversas mudanças se operarem no período de 1909-1958 as antigas concepções do século XIX sobre pureza infantil ainda permaneciam no imaginário das sociedades ocidentais, o que muito provavelmente poupou os bebês, os seres mais “puros”, desse processo até o final da década de 50, pelo menos. Todavia, é inegável que as expectativas de pais e mães sobre seus pequenos se alteraram significativamente no decorrer da primeira metade da década de 1920 e impactaram e foram impactados pelas novas percepções sobre feminilidade e masculinidade que se construíram ao longo desse período.

Se os bebês foram poupados, o mesmo não pode se dizer das crianças em idade pré-escolar, que ainda em idade tenra passaram a ser divididos em mocinhas e rapazinhos, sem muito poder de escolha e opinião para o que lhes era colocado. Para as crianças mais velhas, em idade escolar, é de se imaginar que muitas talvez almejassem essas reafirmações das suas masculinidades e feminilidades, pois isso lhes aproximava da juventude, e a ansiedade em crescer passou a ser um fenômeno cada vez mais comum no século XX. Entretanto, se faz necessário lembrar que de certo existiram pequenos que se sentiam deslocados num mundo cada vez mais dividido claramente em meninos e meninas, rapazes e moças, homens e mulheres, e que talvez desejassem e procurassem alongar suas infâncias na tentativa de ainda poder usufruir do mínimo da ambiguidade de gênero que estas lhe ofereciam.

Os trajes específicos da adolescência se tornaram um grande símbolo do que viria a se constituir como o uniforme da humanidade. A reunião de símbolos que originalmente eram próprios da infância com elementos adultos, claramente pautados em uma divisão por gênero, passou a ser a principal tônica das vestimentas não só de jovens, mas também de crianças e de adultos. No momento em que se debruça essa dissertação esse movimento pode ser percebido exclusivamente nas vestes das mocinhas (até por uma limitação das fontes que não representam rapazes). Todavia, é seguro afirmar que na segunda metade do século XX ele também passaria abranger cada vez mais as roupas de homens jovens, ao mesmo tempo em que a calça comprida, antes restrita a adultos e adolescentes, passava a compor o figurino das crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das revistas *O Tico-Tico* e *Anuário das Senhoras* apresentadas nessa dissertação permite apontar para algumas conclusões acerca das relações entre indumentárias infantis e a dinâmica da percepção e construção de gênero ao longo da primeira metade do século XX, mas precisamente entre 1905 e 1958.

Até 1917, aproximadamente, as crianças eram pensadas enquanto anjos, seres totalmente assexuais e puros (sobretudo as menores), o que a sociedade constituía por meio da indumentária, principalmente com os vestidos. Com o avançar da Modernidade e dos vários movimentos que nela se instituíram, atribuir aos pequenos um gênero e características sexuais se tornou relevante. Assim, os anjos passaram a ter sexo, pois essa generificação e sexualização das crianças passou a conviver de forma ambígua e por muitas vezes conflitante com as antigas noções de inocência e pureza. Hoje ainda, apesar de permanecerem latentes entre os indivíduos concepções sobre o estado “puro” das crianças, até mesmos os fetos passaram a ser divididos entre meninos e meninas – como, por exemplo, com os cada vez mais populares “chás de revelação” -, e uma série de expectativas se criam sobre eles até o final da gestação, as quais no momento de seu nascimento se tornam cobranças.

O que essa dissertação buscou apresentar foi que a forma como hoje se pensa a infância e as formas atuais de se relacionar com ela não só não são naturais, como muito recentes. Novos modelos de família e de criação das crianças que não onerem somente as progenitoras não só não seriam aberrações, como totalmente plausíveis considerando a história trilhada conjuntamente pelas mulheres e pelos pequenos. Como foi exposto, se por um lado esse entrelaçamento da trajetória histórica de ambos resultou em uma série de imposições e obrigações para as mulheres e também representou uma grande restrição na autonomia das crianças, por outro o universo particular muito “feminino” que criaram foi um contraponto a um mundo adulto de virilidades, cheio de rigidez, onde a beleza e a fantasia não tinham lugar por serem sinônimos de fragilidade.

Também procurou-se mostrar como o desejo de separar crianças entre meninos e meninas desde muito pequenos não só também não é natural como ainda mais recente. Se nos séculos XIX e no começo do século XX o valor da infância estava na sua inocência e, consequentemente, na sua ambiguidade de gênero, a partir de 1917 (aproximadamente) cada vez mais a importância dos pequenos passou a ser atrelada à sua sexualidade e uma divisão por gênero passou a ser buscada, valorizando a infância não mais pela sua diferença, mas pela sua proximidade com a juventude.

O que se procurou sustentar a partir das análises sobre o que a infância foi um dia não é uma reivindicação da volta dos padrões do século XIX, baseados em uma concepção de pureza infantil. Não é igualmente um protesto pelo retorno dos pomposos vestidos brancos e das “garçonetes” para bebês e crianças pequenas.

O que se busca aqui é uma forma de repensar os valores atribuídos para as diferentes faixas etárias e suas relações com os padrões de gênero. É apontar que uma valorização das crianças e de um estágio da vida que lhes seria próprio deve ser feito nos termos da dignidade dos pequenos por si só. Não mais em torno de uma imagem idealizada do que deveriam ser e nem como seres incompletos que só ganham importância em relação ao que já têm de semelhante com rapazes e moças, homens e mulheres. É talvez sim, incentivar a volta das “firulas”, vestidos e saias nas roupas dos meninos, ainda que reformulados em termos mais atuais. É reconhecer a força das meninas, mas mais do que isso também a fragilidade dos meninos. É levar em conta a fragilidade e imaturidade das crianças, mas também seus potenciais e inteligências. Para além disso, é defender a existência do frágil, do inconstante e do imaturo em jovens e adultos de todas as idades e gêneros, e todas as possibilidades de se portar e se vestir no mundo que esta concepção abre.

Para que isso seja possível, além de escutar os próprios adultos que repensam as concepções de família e infância é necessário dedicar atenção às próprias crianças que aos seus modos buscam questionar o mundo que lhes é empurrado e o lugar que lhes é oferecido. É apoiar as meninas que questionam as ideais de feminilidade ainda muito fortes. Como Riley, com aproximadamente 5 anos na época da filmagem, que em um vídeo lançado na internet pergunta inconformada ao reparar nas seções de brinquedos de menino e de menina:



Figura 127. Riley inconformada com as seções de brinquedo.

Porque meninas só tem que comprar princesas??? Algumas meninas gostam de super-heróis, outras gostam de princesas. Alguns meninos gostam de superheróis, outros meninos gostam de princesas. Então por que todas as meninas tem que comprar coisas cor de rosa e todos os meninos devem comprar coisas de cores diferentes?¹⁵⁶

Além de escutar as meninas questionadoras como Riley é necessário respeitar as meninas que gostam de uma performance mais “masculina” de agir, e que são reconhecidas popularmente como “molecas”. Se faz também extremamente relevante proteger e dar suporte a meninos que fogem dos padrões de masculinidade e que apresentam desejos de se vestirem e se portarem de forma delicada. Como Noah, então com seis anos, filho da atriz Megan Fox que foi fotografado trajando uma fantasia da princesa Elza do filme *Frozen* e recebeu um enorme número de comentários raivosos por aqueles que se dizem “defensores das crianças”



Figura 128. Noah utilizando uma de suas peças favoritas

¹⁵⁶ Trecho transcrito de um vídeo que circulou nas mais diferentes redes sociais nos últimos anos. Uma versão legendada pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bga1s57qRwc>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

Sobre os ataques e a maneira de Noah se vestir sua mãe disse:

Ele é quem, às vezes, se veste sozinho e às vezes gosta de usar vestidos. E eu o mando para uma escola realmente liberal, tipo hippie. Mas mesmo ali, na Califórnia, ele ainda tem meninos dizendo: 'Meninos não usam vestidos' ou 'Meninos não usam rosa... Estamos passando por isso agora, onde estou tentando ensiná-lo a ter confiança, não importa o que alguém diga.¹⁵⁷

Os acontecidos com Noah e com várias outras crianças deixam entrever que um discurso que hoje se opera de que já existe uma liberdade de escolha para os pequenos, baseada principalmente no consumo, se mostra falso, pois o peso dessa escolha se faz sentir quando ela não agrada o status-quo que continua querendo induzir meninos à virilidade e meninas à doçura. Será somente tendo como base um verdadeiro respeito à autonomia das crianças que um mundo menos nocivo a todos, inclusive aos próprios adultos poderá ser construído. É deixando livre para que as meninas escolham se desejam ser princesas ou o incrível Hulk, ou talvez um Hulk-princesa. É tornando possível que os meninos saiam com seus vestidos sem serem ameaçados de morte e que possam escolher entre todas as cores do arco-íris. É fazer como a família da Mel e deixar ela seguir acreditando na sua liberdade¹⁵⁸:

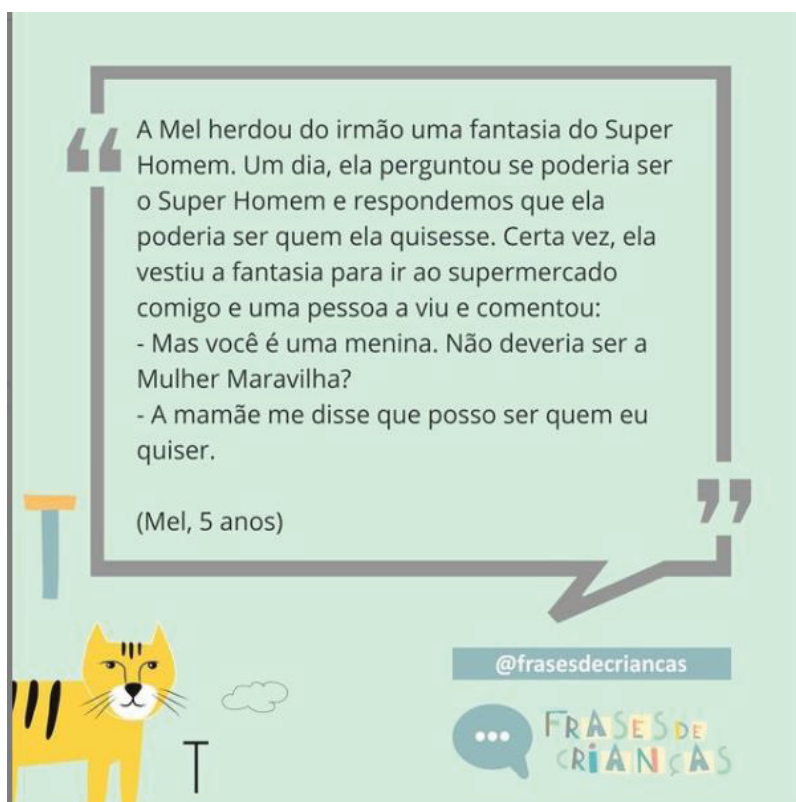


Figura 127. Frases de criança.

¹⁵⁷ Megan Fox revela que filho Noah sofre bullying por usar vestidos na escola. **Revista Monet**. São Paulo, p. 0-0. 20 set. 2019. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Celebridades/noticia/2019/09/megan-fox-revela-que-filho-noah-sofre-bullying-por-usar-vestidos-na-escola.html>. Acesso em: 25 maio 2021.

¹⁵⁸ Publicação da página do Instagram “Frases de Criança”. Publicado dia 21 de março de 2021.

FONTES:

O Tico-Tico. Rio de Janeiro: O Malho, 1905-1934.

Anuário das Senhoras. Rio de Janeiro: O Malho, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1940, 1941, 1942, 1944, 1945, 1946, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História social da infância e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. Lisboa: Edições 70, pp. 15-18.

BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos Anos Dourados*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

BONADIO, Maria Claudia. A moda no MASP de Pietro Maria Bardi (1947-1987). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v, 22, n.2. 2014, pp. 35-70.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. São Paulo: Graal, 1979.

ENNE, Ana Lucia. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. *Comunicação Mídia e Consumo*, 2011, 7.20: 13-35.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2014 [1979]

GARCIA, Janaína A. Beraldo. *Escola de Modelos: três décadas de Anuário das Senhoras*. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: ARIÈS, P; CHARTIER. *História da vida privada 3 – da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GONÇALVES, Roberta. *As aventuras d'O Tico-Tico: formação no brasil republicano (1905-1962)*. 2019. 360 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

GROSSMAN, Eloisa. A Construção do conceito de adolescência no Ocidente. *Adolescência e Saúde*, 2010, 7.3: 47-51.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JABLONKA, Ivan. A infância ou a “viagem rumo à virilidade”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade v.2 - o triunfo da virilidade: o século XIX*. Petrópolis, Vozes, 2013.

LAURETIS, Theresa A tecnologia do gênero. In Heloísa Buarque de Hollanda. (Org.), *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura* (pp. 206-242). Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Ana Laura Godinho. Maternidade higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. *História: Questões & Debates*, 2007, 47.2, pp. 95-122.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa feminina, revista feminina: A imprensa feminina no brasil. *Projeto História*, São Paulo, v. 1, n. 35, p. 221-240, dez, 2007.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAGNO, Isabela Brasil. *Os trajes e as crianças: uma análise sobre indumentária infantil e seus padrões de genero (1883-1918)*. 2108. 87 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história: Interfaces. 1996. *Revista Tempo*, vol.1 n. 2, p. 73-98 Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. Acessado em 10/maio./2021.

MELLO E SOUZA, Gilda de. *O espírito das roupas: A Moda no Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Por que a indumentária não é algo superficial. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

PAOLETTI, Jo Barraclough. *Pink and blue: Telling the boys from the girls in America*. Indiana University Press, 2012.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, M *História da vida privada 4 – da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras 1991.

PICCINO, Evandro Avelino. *A persistência de Jeca Tatuzinho- Igual a si e a seu contrário*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2018.

RAGO, Margareth. *Anarquismo e feminismo no Brasil: audácia de sonhar: memória e subjetividade em Luce Fabbri*. Achiamé, 2007.

ROVERI, Fernanda Theodoro. *Criança, o botão da inocência: as roupas e a educação do corpo infantil nos anos dourados*. Tese (Doutorado em educação), Unicamp, Campinas. 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *História da Beleza no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

SANTOS, Roberto Elísio dos. VERGUEIRO, Waldomiro. *A Gazetinha e os suplementos de histórias em quadrinhos no Brasil*. Imaginário!, n. 11, Paraíba, dez. 2016, pp. 103-125.

SEVCENKO, Nicolau. (Org.) *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995 [1986], pp. 71-99.

TORQUATO, Luciana Cavalcante. *A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a questão da nacionalidade*. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

VARÃO, Rafiza; BEMFICA, Veronica. Quando jornalismo e infância se encontram: notas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para crianças. *VII Encontro Nacional de História da Mídia: Quando jornanotas históricas sobre o surgimento da imprensa jornalística para criançaslismo e infância se encontram*, Fortaleza, p. 3-15, ago. 2009.

VERGUEIRO, W. C. S. ; SANTOS, Roberto Elísio dos . A postura educativa de *O Tico-Tico*: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, v. 13, p. 23-34, 2008.

VERÍSSIMO, Érico. *Solo de Clarineta*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras: 2005.

VEYNE, Paul Marie. Como se escreve a história. *Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora UNB, 1998.

VOLPI, Maria Cristina. Modos masculinos de vestir na Belle Époque carioca. *Histórias do vestir masculino: narrativas de moda, beleza, elegância*. Maringá: Eduem, p. 17-34, 2017.